ANO 36.º TERÇA-FEIRA, 11 DE SETEMBRO DE 1956 N.º 12.130

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO
DIRECTOR-ADJUNTO — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: DIBOA
REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NUMERO AVULSO: 80 CENTAVOS

Morreu o dr. Joaquim Manso

fundador e director do «Diário de Lisboa»

homem de letras, homem de espírito e homem de coração

Síntese de uma vida

«Sem excessiva modestia, nem vaidade que fira, quero afirmar que possuo a consciência de ter sido, através de toda a minha vida, acima de tudo, um homem».

Foi com estas palavras lapidares que o dr. Joaquim Manso começou por agradecer a homenagem que lhe prestámos neste jornal, na data em que completou cinquenta anos de actividade jornalística. Nenhumas podiam definir melhor o amigo querido que hoje perdemos do que essas que ele pronunciou numa hora comovente de sinceridade em que foi surpreendido por uma inesperada manifestação de respeito, de simpatia e de justa exaltação da sua obra e da sua personalidade.

De facto, o dr. Joaquim Manso foi, através de toda a sua vida, cujo ciclo se fechou ontem aos setenta e oito anos de idade, um homem. Um homem não isento de defeitos, porque perfeito só Deus — costumava ele dizer — mas um homem em toda a acepção da palavra, um homem inteiro, como aquela personagem de Unamuno, um homem de inteligência robusta e de cultura sólida, um homem de consciência limpida, um homem bom, um homem simples, um homem digno, um homem honesto e sincero.

Para praticar a caridade seguia o preceito bíblico: dava com a mão esquerda de modo que a direita não visse.

E quantas vezes, num gesto incompreendido de humildade cristã, ele ofereceu ao inimigo que lhe dera a bofetada numa das faces, a face contrária.

Num dos ultimos artigos que publicou neste jornal, o dr. Joaquim Manso escreveu:

«A nossa divisa é esta: amar e perdoar, ser justo para ser forte».

Toda a sua vida se pautou por este lema que praticava naturalmente, espontaneamente, como quem respira, sem o menor esforço que representasse uma atitude ou uma fraqueza.

Era um homem educado, o que não é vulgar nos tempos de hoje, de uma rara delicadeza de espírito e de maneiras. Generoso e confiado, o dinheiro não representava para ele apenas um meio de alcançar conforto na vida, mas essencialmente um «meio circulante» e um instrumento de caridade de que ele se servia com uma largueza insuspeitada. Não o idolatrava como a um deus, tinha-o na justa conta em que ele pode tornar a existência menos sombria e mais feliz. Gostava de «aquecer as mãos ao fogo da Vida», como dizem os Ingleses, mas isso não impedia que praticasse o bem em larga escala, que se tornasse util ao seu semelhante, na medida em que o podia fazer. A bondade natural do seu coração em tudo se revelava. O lado humano da sua existência era, porventura, o mais rico, o mais nobre, o mais edificante. Embora não desdenhasse as coisas boas e agradáveis que a vida lhe podia proporcionar, nunca viveu com ostentação que afrontasse ninguém, nunca atirou com soberba o seu dinheiro á face dos humildes, nunca ofendeu, nunca atropelou os direitos fosse de quem fosse. A integridade do seu carácter era indiscutivel.

Fiel aos seus principios e á

NORBERTO LOPES

(Continua na 3.ª página)

DR. JOAQUIM MANSO

A doença e a morte

O sr. dr. Joaquim Manso faleceu ontem, ás 21 e 10, numa casa de saude, para onde entrara no dia 31 de Agosto, a fim de ser submetido a uma intervenção cirurgica. A sua saude agravara-se ultimamente, a ponto de se reconhecer a necessidade urgente dessa melindrosa operação, que aliás se realizou com êxito, na segunda-feira, 3, sendo favoráveis e promissoras das melhores esperanças as primeiras reacções do doente. As quarenta e oito horas que se lhe seguiram deixavam supor que a crise estava, felizmente, vencida e o restabelecimento se faria normalmente. Não tardou, porém, que essas esperanças se desvanecessem. Enquanto o orgão operado se comportava o melhor possível, já não acontecia o mesmo com o organismo enfraquecido pela doença e depauperado pela idade. E a breve trecho sobreveio uma septicémia que não foi possível debelar, por maiores que fossem os esforços despendidos por eminentes médicos, as dedicações, os carinhos de que o rodearam e os recursos da Ciência de que se lançou mão. Graças ao tratamento a que foi submetido, conseguiu-se prolongar-lhe a vida por alguns dias, o que nos deixou entrever por vezes as mais animadoras esperanças de que fosse possível dominar a crise em que se debatia o doente. Os médicos, porém, desde que ela se declarou, reconheceram, com profunda mágua a impossibilidade de salvar aquela vida, que se ia extinguindo lentamente, já sem sofrimento, como se a Morte quisesse, generosamente, poupá-lo a novas torturas.

E ontem, pelas 21 e 10, sobreveio inesperadamente um colapso cardíaco e o nosso querido Director exalou serenamente o ultimo suspiro. Na face cavada pela doença, nem uma contracção, nem um sinal de sofrimento. Havia já alguns dias que não comunicava com as pessoas de família que se abeiravam do seu leito, embora o ouvido se mantivesse alerta até quase aos ultimos momentos. Os olhos haviam perdido aquele brilho intenso que os animava em vida e ontem, no meio da angustia e da dor cruciante dos entes queridos que lhe rodeavam o leito, cerraram-se para sempre.

(Continua na página seguinte)

Notas biográficas

O sr. dr. Joaquim Manso, de seu nome completo Joaquim Martins Manso, nasceu em 16 de Novembro de 1878, na vila de Cardigos, concelho de Mação. De uma família modesta, perdeu o pai, quando era ainda muito novo. A mãe, cujas posses não lhe permitiam proporcionar aos cinco filhos (três rapazes e duas raparigas) um futuro desafogado, escolheu o mais velho para seguir os estudos e, com sacrifício, matriculou-o no seminário de Portalegre, onde se revelou logo um estudante inteligente e aplicado. Aí tirou o curso de Teologia e tomou ordens, de que mais tarde foi dispensado pela Santa Sé. Em certa altura da sua vida, resolveu formar-se em Direi-

(Continua na 3.ª página)

O homem e sua obra

E' o golpe mais profundo que atinge o «Diário de Lisboa» na sua já longa existência. Morreu o homem que o fundou. Morreu o homem que lhe deu o melhor da sua generosa substancia espiritual e do seu nobilíssimo coração—a sua vida quotidiana, ao longo de trinta e cinco anos de incessante e exemplar labor, em que a sua pena de oiro nunca, afinal, descansou senão nestes ultimos e angustiados dias que aqui se têm passado, hora a hora, minuto a minuto, na mais cruciante, na mais emocionante das expectativas.

Alguma coisa de muito valioso desaparece com a extinção desta notável figura que, durante mais de meio século, exerceu com a maior dignidade a suprema magistratura da Imprensa. Se, na verdade, num símbolo que ainda não perdeu toda a sua eloquência, o jornalismo é uma labareda que a verdade da opinião publica empunha—essa luz radiante e esclarecedora, como que vacila, diminui de intensidade, parece mesmo bruxolear, nas sombras pesadas deste luto nacional, que representa a perda de Joaquim Manso.

Inclinamo-nos, enternecidamente, sobre as suas cinzas, com a certeza irrefragável de que a sua alma fica para sempre entre nós, ligada a esta obra indestrutível.

* * *

Joaquim Manso foi um verdadeiro mestre do jornalismo. Pertenceu àquela galharda geração que, saída dos bancos universitários de Coimbra, pouco depois da proclamação da Republica, pela pena e a palavra, deu ao novo regime um corpo de ideias e de pensamentos, divulgando-o entre o povo. Terçou as primeiras armas, ao lado de Silva Pinto, do conselheiro José Maria de Alpoim, de Moreira de Almeida, de Barbosa Colen, de Mayer Garção, mas distinguiu-se sempre pela viva tolerancia, o respeito pelas opiniões alheias, a equanimidade do espírito. Julgaram alguns, durante muito tempo, que se tratava de um artifício, quando, afinal, tudo isso eram atributos inerentes a um carácter, que nunca se desmentiu pela vida fora, mesmo quando o prestígio, adquirido pelos anos e uma obra imensa, lhe deram um lugar na primeira plana do jornalismo e da literatura portuguesa.

* * *

Joaquim Manso nunca se desviou da linha ética que traçou, nem dos princípios da sua confissão religiosa, quaisquer que fossem os acontecimentos. Proclamava-os sempre, mesmo quando os homens desvairados pela política, ou negando as

(Continua na página seguinte)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

A vida e a obra do dr. Joaquim Manso

(Continuação da página anterior)

verdades espirituais, o ameaçavam ou perseguiam com clamores de ódio e gestos de violência. Esse bronzeo vulto, cujo carácter muito se assemelhava ao de Alexandre Herculano, mantinha-se sereno, impertubável, de uma impoluta dignidade.

Um dia, em pleno Chiado, certo jovem literato, atrevido e irrequieto, travou com ele um duro pugilato. As idades eram diferentes e as forças também. Joaquim Manso esgrimiu a sua bengala, mais para se defender do que para agredir. No dia seguinte, reconciliava-se, generosamente, com o impetuoso adversário e como um de nós estranhasse o facto, teve esta frase admirável:

—Os senhores não sabem perdoar!

Isto define-o. Foi sempre assim na vida. Assim a atravessou, de cabeça alta, com o seu fulgurante talento, abrindo todas as portas do seu coração, como as do seu jornal, de tal maneira, que desaparece sem deixar um ressentimento, uma amargura, um despeito.

* * *

O seu gabinete de Director era a cela de um monge. Ali se envolvia num mundo de silêncio e de sonho. Era o primeiro, nesta casa, a sentar-se á banca de trabalho. Durante dezenas de anos, mesmo quando se encontrava fora de Lisboa, os seus artigos, os seus «ecos», as suas crónicas apareciam sempre. Durante meio século, como Eça disse de Pinheiro Chagas, Portugal inteiro ouviu ranger a sua pena. E que pena, com todas as fulgurações luminosas, todos os cambiantes da cor, todas as gemas do espírito! Não voltará tão cedo outra a pousar, no papel, com tanta austeridade e grandeza, escrevendo não, apenas, para o momento, a circunstancia, o caso do dia, mas para todo o sempre em páginas de imorredoura formosura espiritual.

Joaquim Manso persistirá como um valor histórico do jornalismo, a quem o País—e talvez ainda não o tivesse reconhecido — muito fica devendo. Nas lutas mais sangrentas de facções e revoluções, do alto deste jornal, o nosso venerando Director afirmava sempre a sua fé nos destinos da Nação, o seu portuguesismo sem jaça, a necessidade de paz, de concordia, de trabalho, de patriotismo. Soube sempre ser independente tanto a interesses como a paixões políticas. A fogueira ardia, crepitava, crescia, parecia abrasar tudo e todos, mas Joaquim Manso, na sua nobreza incorruptível, despreocupado de todos os bens materiais—dava perdulariamente o que ganhava—mantinha-se fiel ao seu ideário, assumindo repetidas vezes um papel de árbitro, no qual todos confiavam, mesmo nas mais graves e perturbantes divergências. À violência cega, brutal, mesmo sangrenta opunha uma nobilissima ética jornalistica, o justo valor da sua razão, a pureza diamantina dos seus princípios, numa intransigência varonil, nunca se alcandorando no carro dos vencedores. Ficava para trás na sua modestia, nada mais querendo ser que jornalista.

Nele, a grandeza moral era, na sua humana potencialização, tão constante como perfeita. Conhecemo-lo sempre igual a si próprio, sem vaidades, nem ambições, simples, franco, com um doce sorriso que lhe vinha do coração, iluminando aquela face máscula e rugosa, condensada de vida interior, num retrato que parecia arrancado ás tábuas de Nuno Gonçalves.

* * *

Deve-se a Joaquim Manso uma nova escola de jornalismo, com a fundação do «Diário de Lisboa», a qual se pode caracterizar pelo respeito absoluto da personalidade humana. O leitor, que até então era uma entidade passiva e desconhecida, passou, nas colunas deste jornal, a ter um nome, a emitir os seus juizos, a fazer as suas críticas. Conquistou mesmo antes disso estar legislado, o direito de replicar e daí, por vezes, o aspecto contraditório que estas colunas podiam oferecer. Joaquim Manso entendia que se deviam recolher todas as opiniões, num exemplo magnífico do que é a verdadeira liberdade de Imprensa. Isto, evidentemente, não significava que as aceitasse sem discussão. O jornal, em «fundo», marcava o seu ponto de vista, cumprindo ao publico distinguir o trigo do joio, seguir o melhor caminho, ver de que lado estava a verdade.

Certo dia, dizia-nos, muito acima das paixões dos homens e dos climas passionais que, por vezes, se engendram artificialmente contra esta ou aquela doutrina:

—Sabe porque nunca me refiro ao partido X...? Porque não tem um jornal, onde se possa defender! Seria injusto!

Foi assim o dr. Joaquim Manso até ao fim da sua gloriosa e exemplar existência. No «Diário de Lisboa», deu a máxima liberdade, com inteira responsabilidade, aos seus redactores, e daí o segredo do êxito deste jornal. «Escreva como quiser, faça o que entender, mas seja objectivo e verídico». Não lia o que redigiamos, e raro nos chamava ao seu gabinete, e quando lá iamos, esse homem carregado de áureo prestígio, levantava-se para nos falar, com elegante cortesia. Um verdadeiro príncipe do jornalismo, da raça dos Rocherfort, Girardin, Sampaio Bruno, ou Rodrigues Sampaio.

* * *

Se há homens que cumprem o seu destino, Joaquim Manso foi um deles. Não é fácil manter durante quase cerca de quarenta anos, como ele o fez no *Diário de Lisboa*, uma direcção impecável, consagrada pelos mais altos exemplos de seriedade e dignidade publicas, e de trabalho cotidiano. Todos os dias, ele subia do seu gabinete á redacção, para entregar, não como se mandasse, mas como se obedecesse a um imperativo da consciência, o seu «fundo» em que o pensador, o comentador, o moralista, o ensaista, o humanista, o escritor, em prosa cinzelada do melhor classicismo, ora subtil, ora irónico, ora elogiando, ora profligando os homens e os acontecimentos. Mestre da língua, era de um cartesianismo sóbrio, racionalista, em que os conceitos brotavam com expontaneidade. Tinha sempre uma maneira própria, profundamente humana, na análise dos problemas. Na sua mão potente, como que os reduzia a esquemas lineares, extraíndo-lhes não um juizo efemero e circunstancial, mas um substracto poderoso de pensamento, util como valor, tanto no plano material como espiritual. Por vezes, animava Lisboa com as suas crónicas, criava mesmo um episódio romanesco, e não se deixando nunca envelhecer, com a alegria cintilante de um rapaz, brincava espirituosamente com os preconceitos ou insuflava na alma popular a paixão das suas tradições e pitorescos.

Era inesgotável. A sua pena nunca descansava. Criava os mais extraordinários heterónimos, como os de «Glaucias», «Manuel Português», «João Venancio», em que o publico facilmente o identificava. E, então, eram os «ecos», pontas agudas de nomenologia da existência; as suas máximas de pensador atento á fenomenologia da existência, as suas entrevistas com grandes figuras internacionais — e recordamos essa comovente página que escreveu sobre a rainha D. Amélia — as impressões de viagem, em que o estilo efusivo, alacre, de um cromatismo intenso, se pode comparar ao que de melhor Ramalho nos legou.

Um mestre de jornalismo, mestre insigne, que sabia escolher os temas, variar as maneiras, discutir com calma, atacar com vigor, pintar, desenhar, esculpir a língua, não fazendo dela um brocado vistoso, quando muito um ligeiro peplo esvoaçante, sob o qual a realidade diária, a fantasia do pensamento, o exacto raciocínio, o argumento decisivo, a expressão dos factos, surgiam, em claras e incorruptiveis formas de beleza moral.

Quantas vezes, Joaquim Manso, do alto destas colunas, não apontou á Nação, em momentos dificeis, o caminho a seguir? Fazia-o como patriota, sem qualquer interesse, e o publico que se acostumara a respeitá-lo, e lhe tirava o chapeu na rua, num gesto de deferência, ouvia-o, escutava-o, seguia-o, sabendo que essa pena magistral só escrevia com uma unica tinta — a da Justiça e a da Razão!

* * *

Não voltará tão cedo um jornalista desta envergadura, que foi grande sem o saber, nunca perdendo a sua bondade, a sua franqueza, nem — afirmamo-lo também — os reflexos da graça espiritual. Conservou sempre as suas crenças religiosas, por vezes, em dilacerantes diálogos metafisicos. Ele não procurava descobrir Deus, mas aproximar-se mais da sua Eternidade, e até nesse aspecto, a sua obra conciliante e tolerante de jornalista prestou altissimos serviços ao País.

Estamos, ainda, a vê-lo, certa tarde, em que as sombras do crepusculo caíam numa praia solitária. Havia-lhe morrido o filho mais velho, gentil oficial da Marinha de Guerra, em plena juventude, lá longe, nas brumas da Inglaterra. Voltara com o seu cadáver coberto de flores, e agora o pai desamparado, atraido pelo mar, que lhe recordava o ente querido, passeava taciturno no areal, já envolto pela noite. Ao lado, as lágrimas do mar confundiam-se com o pranto ardente de um coração esfacelado. Que lhe haviamos de dizer? Há dores que não se consolam, para não se profanarem com palavras banais. Deixá-las sofrer, até que o martirio do sangue se converta na beatitude da recordação. De repente, a luz de um farol, sobre a penedia ao fundo, rasgou o negrume. Então, Joaquim Manso, voltando-se para o companheiro ocasional, confiou-lhe baixinho, com a voz embargada de soluços:

— Nada se parece tanto com uma alma do que uma luz! Não será aquela a do meu pobre Manuel? Como eu gostaria de ser o faroleiro, e de ficar ali, na torre de vigía, a noite da vida inteira!

Dera o filho ás águas do mar — do mar, manto esplendoroso da nossa terra, o seu destino histórico, cuja figura de proa, o Infante D. Henrique, exaltou tantas vezes, lançando a ideia, que não tarda em ser uma realidade, de um monumento no Promontório de Sagres. Para ele o oceano, na sua imensidade, era uma imagem do Criador, rota que os homens, em parte, conhecem, mas cujos periplos misteriosos, lá longe, na neblina, se abrem sobre o Infinito.

E' sobre ele, em busca do filho querido, que a alma de Joaquim Manso vai agora a flutuar, sobre um roteiro de estrelas. A luz que ele viu acender-se, na terra escarpada, com os olhos da carne, tornou-se a acender agora na morte. E' ela quem o guia para além de nós, numa certeza imorredoira.

* * *

Que nos perdoem esta evocação. Talvez que, assim, melhor se sinta — amando-o — o que foi este homem extraordinário de qualidades, que pode ter sofrido, sem nunca se queixar, e que tudo perdoava, sem sequer esboçar um gesto, calado e grave, órbita de um espírito superior, que alguns seres trazem até nós, não sabemos se como um sinal divino, se como um paradigma raro, singular de bondade e de abnegação humana.

Escrevemos um dia, quando, numa expressiva homenagem, lhe entregámos uma pena de oiro, conquistada pelo seu imenso, o seu ingente, o seu magnifico labor:

«Ao lado do jornalista insigne, mestre entre os mestres, que, há meio século, reveste com a dignidade de um varão de Plutarco a toga do civismo, — algumas breves considerações que outros desenvolverão com mais autoridade crítica sobre o eminente escritor que é Joaquim Manso. Um título simboliza a sua obra, de altas arcarias, naves maravilhosas, severa e grandiosa catedral, de ressonancias espirituais, onde parece escutar-se a palavra divina, e na qual se entra devagar, em silêncio, em extase, numa profunda emoção, como se algo de misterioso e imperturbável, irradiante como luz, mas invisível como presença, nos esperasse ao fundo — «Pedras para a construção de um mundo».

Entre o «Fulgor das Cidades», o livro do jornalista e «A Consciência Nua e Abandonada», essa obra ergue-se, verticalmente, como a torre de um templo espiritual, numa oração fervorosa ás estrelas, em cujas páginas elas se reflectem de novos signos, com tão intenso clarão que nos deslumbra.

Outras valiosas mensagens nos deu Joaquim Manso, «pedras para a construção de um mundo», pedras para uma cidade ideal de pensamento, pedras, ainda, votivas para que as nossas mãos e o nosso rosto se confundam na mesma humilde atitude ante as certezas eternas — que tem sido a força do seu destino como homem e como escritor».

* * *

Ouves de novo, Joaquim Manso? À volta, guardando a tua alma e o teu corpo, ficam todos os teus companheiros de trabalho. A pena treme, mal sabe escrever. O golpe fez-nos baquear, e enche-nos o rosto de lágrimas. Foi-se o mestre estremecido! Rasgou-se na eternidade um portico de glória e de luz para ele passar, que já se fecha para sempre. Mas nós ficamos aqui todos á espera. Tu hás-de voltar — devagarinho e silencioso, sombra de bondade a derramar-se, como quando eras vivo, guiando-nos, conduzindo-nos, porque a obra é tua, e soubeste não, apenas, ser o guia leal e varonil de incontáveis jornadas, mas o melhor companheiro, cujas frias mãos beijamos no ataude, e que sentem ainda todo o nosso carinho, toda a nossa ternura, todo o nosso sofrimento. As palavras podem ser vãs, mas as lágrimas são pungentes. Ardem como gotas de sangue e de fogo. Presença eterna, dentro desta casa. O espírito deste jornal, cujo nome, afinal, é o teu — será o mesmo: independência, justiça, integridade. O mesmo padrão moral. A força com que criaste e impulsionaste esta obra jamais se perderá. Ficam velando por ela os teus redatores, os que escolheste para companheiros de trabalho, na mais franca e plena igualdade de direitos. Vai sentar-se na tua cadeira aquele a quem tu, em vida, num gesto total de confiança, como se fora um filho, confiaste a direcção deste jornal. És tu, ainda, afinal, quem o diriges e para sempre, Joaquim Manso!

A doença e a morte

(Continuação da página anterior)

Cerca da 1 hora da madrugada foi o seu corpo trasladado para a basílica da Estrela, onde o ficaram velando pessoas de família, amigos íntimos e redactores do nosso jornal.

Logo que a notícia da sua morte se tornou conhecida de um numero restrito de amigos íntimos e de pessoas desta casa, acorreram á casa de saude os srs. dr. Eduardo Costa, que dedicadamente acompanhou a doença do nosso querido director, e esposa; dr. Francisco Garcia e esposa; dr. Fernando Nogueira, Raimundo Alves e esposa; dr. Guilherme Pereira da Rosa, ilustre director-adjunto do nosso prezado colega «O Seculo» e membro do conselho de administração da Renascença Gráfica, proprietária do nosso jornal; dr. Norberto Lopes, director-adjunto do «Diário de Lisboa»; dr. Ribeiro dos Santos, chefe da Redacção; João Crisóstomo de Sá, chefe da Administração, e os redactores Artur Portela, Carlos Ferrão, Rogério Perez, Artur Santos Jorge e José Estevão Santos Jorge, e outros jornalistas de alguns dos nossos prezados colegas de Lisboa e Porto, que apresentaram pesames ao sr. engenheiro Pedro Manso Lefèvre, que acompanhou, desde a primeira hora, a doença de seu pai com uma dedicação exemplar.

O sr. dr. João Ruela Ramos, membro do conselho de administração do «Diário de Lisboa», que se encontra ausente no estrangeiro, telefonou a dar os pesames á família enlutada e faz-se representar no funeral pelo sr. dr. Norberto Lopes, a quem apresentaram pesames pelo telefone os srs. dr. Trigo de Negreiros, ministro do Interior, e dr. Julio Dantas, que nos exprimiram a sua profunda mágua pela perda do nosso querido Director, com palavras que muito nos sensibilizaram.

Também o sr. Cardeal-Patriarca, por intermédio de monsenhor Moreira das Neves, acompanhou com o maior interesse a marcha da doença do sr. dr. Joaquim Manso.

Em nome do director do nosso prezado colega «Diário Popular», sr. dr. Cunha Leão, ausente de Lisboa, e da sua Redacção, tiveram a amabilidade de vir apresentar-nos pesames, respectivamente, os srs. drs. Guilherme Brás Medeiros, membro do conselho de administração, e Fernando Teixeira, chefe da redacção.

Vieram também pessoalmente á nossa Redacção, apresentar-nos a expressão do seus sentimento, os srs. Pedro Correia Marques e Diniz Bordallo Pinheiro, ilustres directores, respectivamente, dos nossos prezados colegas «A Voz» e «Jornal do Comércio».

À nossa redacção começaram a afluir, em grande numero, outras manifestações de pesames a que oportunamente faremos referência.

Uma mulher inteligente, cuja beleza é «independente da moda». Você poderá obter os mesmos resultados usando

Placentubex

«Operação de estética sem bisturi...»

Assim chamou a imprensa ao tratamento com Placentubex, o único preparado que introduz o extracto de placenta directamente no interior da pele por meio do Serol. Os resultados são realmente surpreendentes. Regiões cutaneas flácidas recuperam a elasticidade; o queixo, o pescoço e a pele das mãos (sempre em evidência), são alisados de maneira persistente. A aplicação é sumamente simples: aplica-se uma camada delgada de Placentubex e a seguir o creme de beleza habitual. Um tubo dura para vários meses. À venda em todas as boas farmácias, drogarias, perfumarias e salões de beleza. Cada tubo custa 120$00. Merz & Co, Frankfurt/Main, Berlim, Zurique. Agentes Gerais para Portugal: A. Dias & Santos, Rua da Madalena, 273 — Lisboa.

Síntese de uma vida exemplar

(Continuação da 1.ª página)

sua formação mental, manteve-se até aos ultimos momentos profundamente religioso. Morreu sacramentado, em perfeita comunhão com Deus e em paz com a sua consciência. Não teve um assomo de revolta quando pressentiu que a Morte implacável se abeirava do seu leito para lhe dizer que tinha chegado a sua hora. Se a sua atitude perante a Vida foi a de um homem que não abdica, foi de humildade cristã a sua atitude perante a Morte. Foi com um sorriso triste mas resignado que se despediu de nós no dia em que deu entrada na casa de saude: «Nunca me vi nestes assados». Foi com uma expressão serena e confiante que abriu os olhos, momentos antes de seguir para a sala de operações, e nos disse: «Vou confiado, já que assim é preciso». Foram estas as ultimas palavras que lhe ouvimos. E foi com uma expressão de doçura estampada no rosto que os primeiros livores cadavéricos começaram a arroxear-lhe a fronte.

Querido e grande amigo, possam as lágrimas que nos queimam as faces mitigar a nossa saudade e tornar-te mais doce o transcurso para o Além, onde a tua alma de eleição encontrará o justo prémio e o descanso eterno a que tem direito.

* * *

Na história do jornalismo português, o nome de Joaquim Manso ocupará um lugar de primeiro plano, que ninguém ousará, por certo, pôr em dúvida. Foi ele que primeiro teve, entre nós, a ideia do jornal de formato pequeno, mais manuseável e de mais fácil leitura, sobretudo de tarde, quando se regressa a casa de «eléctrico». Há trinta e cinco ános, a aparição do «Diário de Lisboa» foi um grito de mocidade que ecoou no Chiado e acordou a pacatez do burgo, que dormitava enfiado em pantufas de ourelo e em pijama de flanela.

Joaquim Manso soubera rodear-se de uma pleiade de rapazes ousados, de sangue na guelra, que tinham dado já as suas provas na Imprensa e que neste jornal ganharam as suas esporas de oiro. O segredo da sua direcção consistiu na liberdade que nos deu, dentro da sua orientação firme, e moderada pelos seus conselhos prudentes. O jornal definiu desde a primeira hora a sua linha de rumo, linha de que nunca se afastou na sua já longa existência. Os rapazes de olhar ardente e de espírito irrequieto que então o rodearam — os que não ficaram pelo caminho — são hoje homens de cabelos brancos, mas não se esquecem do que devem a si próprios e do que devem ao mestre eminente que ontem tombou para sempre, árvore mais alta desta pequena floresta em que muitos quiseram ver, com olhos amigos, uma escola de jornalistas.

O «Diário de Lisboa» exerceu, com efeito, na Imprensa portuguesa uma influência revolucionária e o seu modelo contagiou dezenas de jornais de provincia que lhe adoptaram o formato e a disposição gráfica original.

E nunca o seu director deixou de terçar lanças, com a honestidade que caracterizava os seus actos, pelo bem da Pátria, pela prosperidade dos seus filhos e pela união de todos os Portugueses.

«O «Diário de Lisboa», sente-se satisfeito com a sua já longa carreira, onde não é fácil descobrir erros propositados ou atitudes equivocas» — escrevia ainda há pouco o dr. Joaquim Manso num dos seus artigos lapidares. «Nunca trocou estradas por atalhos. Por Portugal, português de lei, pela Republica, republicano tolerante e sincero».

E terminava:

«O «Diário de Lisboa», na sua marcha pelos anos fora, não pretende ser o espelho da perfeição, mas tão somente um jornal que honestamente desempenha um papel que lhe permita viver, respeitar e propagar os princípios e as doutrinas que asseguram o progresso de um povo».

Joaquim Manso foi o arquitecto deste edifício que se ergueu a pouco e pouco, sem pressas, sem sobressaltos, sem atropelar ninguém, e sem sensacionalismos doentios — e que assenta hoje em bases sólidas, com vida própria e autónoma, como aliás sempre teve, e largo crédito na opinião publica. Fundou este jornal com pouco mais de quarenta anos, na força da vida, na plena posse do seu vigor físico e mental. Não passara despercebida a sua passagem pela «Capital», onde durante anos manteve uma secção das mais lidas daquele brilhante vespertino, que marcou um lugar de grande relevo na Imprensa portuguesa. «Poeira da Arcada», meia coluna de comentário oportuno e desenfastiado aos factos políticos do dia, deixava já adivinhar o jornalista vigoroso, elegante e doutrinador que mais tarde se havia de afirmar nas colunas deste jornal, após uma breve passagem pela «Pátria» de Nuno Simões, onde exerceu com perfeita eficiência o cargo de redactor principal.

Ao fundar o «Diário de Lisboa», Joaquim Manso traçou-lhe o programa e definiu as linhas mestras por que havia de guiar-se durante os trinta e cinco anos em que esteve á frente da direcção deste jornal.

Ele escrevia então:

«Este jornal, que hoje inicia a sua publicação, sob os auspícios dum acontecimento nacional — a homenagem aos soldados desconhecidos, — escolheu esta data para mais vivamente fixar a sua intenção de dar ao nome português toda a paixão da sua alma crente nos destinos da raça.

Não traz consigo o «Diário de Lisboa» outro programa senão este — erguer Portugal acima das misérias e fraquezas dos homens, a fim de que ele seja para todos nós o maior facto do nosso esforço e do nosso espirito.

.....

Sempre ao Povo se deve a Verdade. Não o enganem, não o alucinem, não o explorem. Eduquem-no, mas não o pervertam. Encarreirem-no, mas não o desorientem. Portugal é uma realidade bastante vasta para conter os sonhos de todos os seus filhos».

A breve trecho, quando os leitores cresceram em numero e o jornal aumentou, irresistivelmente, a sua expansão, Joaquim Manso adquiriu a consciência da força que tinha entre as mãos e nunca se serviu dela em seu benefício pessoal, nunca a utilizou com outro propósito que não fosse o de servir a Pátria que estremecia e o Povo por cujo progresso espiritual e material se bateu sempre com denodo e exemplar dignidade, sem demagogias perigosas e sem lisonjas hipócritas. Os seus triunfos nunca o afastaram da linha recta da sua consciência. Só a ela prestava contas, indiferente ao que pudessem pensar e dizer os zoilos e os maldizentes.

* * *

Apraz-nos reproduzir aqui as palavras que lhe dissemos no dia em que completou meio século de actividade literária e que traduzem o pensamento de todos nós que trabalhamos nesta Casa:

«Tendo na mão esta arma poderosa que é um jornal com largo crédito na opinião publica, um grande jornal que todos louvam pela independência das suas opiniões e pela sinceridade dos seus juizos criticos, um jornal que nunca se enfeudou a nenhum jogo de interesses materiais e que nunca se atrelou ao carro de nenhum triunfador; tendo na mão este instrumento de primeira ordem que lhe podia ter aberto caminho para destinos mais frutuosos, nunca se serviu dele para fins inconfessáveis, nunca o pôs ao serviço de uma causa que não fosse justa, nunca faltou ao respeito devido á dignidade humana, nunca atraiçoou a nobreza dos seus ideais, nunca quis ser outra coisa senão director do seu jornal. Podia ter sido tudo o que quisesse, numa terra onde não abundam os homens da sua têmpera, e não quis ser mais do que o comentador amável e sorridente dos acontecimentos, isto é, dos homens e das suas acções; nunca teve outra preocupação que não fosse a de descobrir uma palavra justa para louvar um gesto nobre, exaltar uma acção digna, verberar os falsos apóstolos, confundir os vendedores de elixires, tocar a rebate o sino grande da consciência publica quando algum perigo ameaça a integridade do solo pátrio ou alguma caluniosa maquinação põe em causa a dignidade nacional.

Podia ter sido tudo e quis ser apenas jornalista. Há trinta e três anos que ele é, por via de regra, o primeiro a entrar e o ultimo a sair do jornal. Há trinta e três anos que a sua pena, sem um desânimo, sem um desfalecimento, pede justiça para os humildes, conforto para os que sofrem, mais pão para os que necessitam de matar a fome e mais luz para os que vivem nas trevas. Fiel ás suas convicções, nunca deixou de pedir, também, mais liberdade, que não quer dizer licença, para os que pretendem exprimir o seu pensamento, alargar os voos do seu espírito, traduzir os anseios da sua inquietação. Republicano de sempre, conta entre os monárquicos alguns dos seus melhores amigos. E toda a gente pôde ver o enternecido respeito, a sincera admiração com que se referiu sempre á figura discutida de uma rainha, que se nobilitou pela caridade e se engrandeceu pelo sofrimento.

Já não é a primeira vez que espíritos facciosos, da direita ou da esquerda, pois há pessoas que só compreendem as atitudes extremas, lhe atiram pedras ou setas hervadas, procurando atingi-lo na sua probidade de jornalista. Já não é a primeira vez que vozes insólitas se erguem para condenar esta ou aquela atitude ditada pela sua consciência. Mas as pedras resvalam na couraça inexpugnável da razão — e as vozes perdem-se no tumulto desordenado das paixões sem que ninguém de boa-fé lhes dê ouvidos. A sua consciência não vacila, o seu caracter não se dobra, nem a ameaças, nem a blandícias.

No seu coração perdura hoje uma saudade que nenhuma alegria, por mais intensa, pode desvanecer. Fiel a essa saudade, Joaquim Manso tem-se conservado fiel a si próprio, ás suas amizades, ás predilecções do seu espírito, aos seus ideais, á simplicidade e ao recato de uma vida austera. Mais do que o director, é o amigo, o conselheiro prudente, o companheiro leal de todas as horas que hoje festejamos. O «Diário de Lisboa», sendo a obra de todos nós, que lhe sacrificamos os nossos nervos e lhe fizemos o dom supremo dos melhores anos da nossa mocidade, é sobretudo a sua obra, o milagre da sua inteligência, da sua cultura, da sua tolerancia, do seu coração.

Trinta e três anos de convivência, de íntima colaboração, experimentando as mesmas alegrias e sofrendo as mesmas penas, representam na nossa vida, por breve que seja, uma larga etapa e, sobretudo, um traço forte de união que aproxima o pensamento, modela o caracter e cria afinidades indestrutiveis. Esta é a melhor garantia de que a obra de Joaquim Manso será continuada, de que a nobreza das suas intenções nunca será atraiçoada e que, haja o que houver, nos conservaremos sempre fieis ao seu pensamento, á sua linha de conduta, ao seu exemplo».

* * *

Não foi só o «Diário de Lisboa» que perdeu um director exemplar, foi a Imprensa portuguesa que perdeu um dos seus espíritos mais nobres, uma das suas penas mais fulgurantes e mais respeitadas. A sua estatura moral e intelectual era daquelas que não precisam de muletas para se impor. Todos nós choramos, neste momento, não só o director, como o amigo querido, que não precisava de usar grandes expansões para aquilatarmos da qualidade e da sinceridade dos seus sentimentos. A sua presença continuará, porém, junto de nós, a povoar de saudades esta casa. O seu espírito continuará sempre a servir-nos de guia. A lição da sua vida não deixará nunca de nos aproveitar. O seu exemplo será o nosso código de honra.

A memória das celebridades que deram lustre á Humanidade, como disse não sei que escritor grego, não fica gravada na pedra, por mais belos e mais eloquentes que sejam os louvores que nela se inscrevam, mas sim nos corações dos homens. A memória de Joaquim Manso será eterna nos nossos corações.

N. L.

Notas biográficas

(Continuação da 1.ª página)

to e matriculou-se na Universidade de Coimbra, em 1910, onde concluiu o curso com altas classificações três anos depois. Antes do advento do regime republicano, viera para Lisboa, onde exerceu o professorado livre e mais tarde a advocacia, sendo colega de escritório dos srs. drs. Jorge de Faria e Sá Nogueira. As suas minutas forenses constituiam verdadeiros modelos de clareza e argumentação, sendo calorosamente elogiadas pelos magistrados. Foi professor de vários estabelecimentos de ensino, encargo que acumulava com a profissão de jornalista. Estreou-se, no vespertino «A Capital», então o mais importante do País, ao lado de Julio Dantas, Mayer Garção, Hermano Neves, Herculano Nunes, Adelino Mendes, André Brun, Avelino de Almeida, Virgínia Quaresma, Silva Passos, José Pontes, Vitor Falcão, Camara Reys e outros, toda uma pleiade notável de cronistas, entrevistadores, repórteres e comentadores políticos. A sua assinatura sucedeu naquele jornal á de Camara Reys na secção «Poeira da Arcada», que lhe deu logo primacial relevo, e que ainda hoje é por muitos recordada como um modelo do género, na qual o seu espírito crítico penetrante e subtil fixou em notas admiráveis os derradeiros factos do regime monárquico e as primeiras manifestações do regime republicano.

Em 1914, desempenhou o cargo de governador civil de Vila Real, onde a sua acção foi notável, sobretudo no sentido de conciliar os elementos políticos desavindos. Foi também secretário do dr. Bernardino Machado, quando este homem publico foi ministro dos Negócios Estrangeiros.

Mais tarde, quando Leonardo Coimbra sobraçou a pasta da Instrução, o sr. dr. Joaquim Manso foi nomeado por concurso professor de Literaturas Dramáticas no Conservatório Nacional (14 de Julho de 1919).

Em 26 de Maio de 1920 fundava-se o jornal «A Pátria», dirigido pelo dr. Nuno Simões, onde o nosso querido director foi redactor principal. Durante o decorrer de uma greve de jornalistas, que se arrastou por alguns meses, o sr. dr. Joaquim Manso fundava o «Diário de Lisboa» (7 de Abril de 1921), que dirigiu até aos ultimos momentos da sua exemplar existência, sendo também membro do Conselho de Administração da «Renascença Gráfica», proprietária deste jornal, com os srs. drs. João Ruela Ramos e Guilherme Pereira da Rosa.

Além da sua notabilissima obra de jornalista, o sr. dr. Joaquim Manso publicou numerosos livros, entre outros: «Almas Inquietas», «Livro das Moralidades», «O Efémero e o Eterno», «O Fulgor das Cidades», «Manuel», «in memoriam» de seu filho; «Pedras para a construção de um Mundo», «Fábulas», «Cartas a João Venancio», «A Consciência Nua e Abandonada», «Primavera de Lenda», «Malícia sem Maldade», «Ramalho Ortigão», «O Pórtico e a Nave», etc.

Proferiu numerosas conferências, não só em Portugal, mas no estrangeiro, sobre o Infante D. Henrique, Dostoiewsky, Antero, Ramalho, Jornalismo, e outras figuras eternas e outros temas aliciantes, a maior parte das quais não publicou.

Tomou parte no 1.º Congresso da Imprensa Latina, em Lyon, presidido pelo grande político francês Herriot, onde a sua acção, ao lado do sr. dr. Augusto de Castro e de Urbano Rodrigues, se pode considerar de grande relevo.

Era sócio da Academia das Ciências, desde 1925, por proposta do conselheiro Julio de Vilhena, que foi chefe do Partido Regenerador, e recentemente, a Academia Brasileira de Letras, galardoou-o com as suas palmas. Foi alvo de numerosas homenagens, que congregaram a atenção respeitosa de todos os sectores literários e jornalisticos do País. Em 1954, todos os que trabalham no «Diário de Lisboa», consagrando o seu meio século de intensa actividade jornalistica, lhe ofereceram uma pena de oiro, cinzelada por mestre João da Silva. A cerimónia, apesar de se ter revestido da maior intimidade, assistiram numerosos escritores, entre outros, os srs. dr. João de Barros, seu grande amigo de há muitos anos e nosso ilustre colaborador, Aquilino Ribeiro, Ferreira de Castro e Olegário Mariano, então embaixador do Brasil, em Portugal, etc.

O dr. Joaquim Manso era condecorado com as Ordens de Santiago da Espada, de Céspedes de Cuba, e do Rei Leopoldo da Bélgica.

Realizou numerosas viagens ao estrangeiro, como jornalista, nomeadamente, a França, Itália, Suiça, Espanha e Inglaterra. Devemos destacar ainda a sua viagem aos Açores, integrado numa missão cientifico-literária, que ficou assinalada na história cultural daquele arquipélago. Era membro honorário ou de mérito de numerosas colectividades e sócio da Sociedade de Geografia, Casa da Imprensa, Associação dos Escritores, etc.

O sr. dr. Joaquim Manso era pai do sr. engenheiro-agrónomo (químico) Pedro Manso Lefèvre, irmão do sr. João Martins Manso, proprietário em Cardigos, e cunhado do 1.º tenente-reformado sr. Alfredo Martins.

A seu filho e nosso querido amigo, bem como a toda a família enlutada apresenta o «Diário de Lisboa» a expressão do seu mais profundo pesar.

Contra dores e mal estares
Cafiaspirina
BAYER
O produto alemão de confiança

Viagens Aéreas

Aos preços exactos das Companhias de Navegação, encontram os interessados na organização portuguesa de viagens. TURISMO «SANTA MARIA», as passagens de que precisam para todo o Mundo. Telefone para 21905 ou 28680 ou escreva para a Rua Áurea, 292, 1.º-Dt.º (Rossio) em LISBOA.

DATA MEMORÁVEL! ... PELA PRIMEIRA VEZ NA METRÓPOLE E NO ULTRAMAR

VIDAS SEM RUMO

ESTREIA
AMANHÃ ÀS 21,30
Em Lisboa, no TRINDADE
Em Luanda, no TROPICAL
Funchal, no CINE-PARQUE

VIDAS SEM RUMO

UMA JORNADA INÉDITA NOS ANAIS DO CINEMA NACIONAL

VIDAS SEM RUMO

ADMIRÁVEL ROMANCE DE UMA RAPARIGA DEMENTE SONHANDO COM O REGRESSO DO ELEITO DO SEU CORAÇÃO

UMA OBRA REALIZADA COM NOTÁVEL CORAGEM!

(PARA 18 ANOS)

Exclusivo da VITORIA FILME

UM FILME PORTUGUÊS
DIFERENTE!
REALISTA!
ESTRANHO!
HUMANO!
POÉTICO!

VIDAS SEM RUMO

REALIZAÇÃO DE MANUEL GUIMARÃES
COM
MILU, SALVADOR, MADALENA SOTTO, ARTUR SEMEDO, MANUEL CORREIA e JACINTO RAMOS

VIDAS SEM RUMO

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

Por ter concluido a sua digressão á província, chegou hoje a Lisboa a companhia do Teatro Avenida. Alguns dos seus elementos transitam para a nova companhia que deve iniciar os seus trabalhos na próxima semana.

—Anita Guerreiro vai desempenhar na revista «Roboliço», em ensaios no Teatro Maria Vitória, os seguintes numeros: «A Lua dorme de dia», «Maria vai com as outras!» e «O cata-vento».

—A fim de negociar novo contrato com a empresa exploradora do Teatro Variedades deve ter chegado hoje, vinda de Londres, a directora do «bollet» Peggy O'Farrell.

—O actor Carlos Alves deve ingressar na companhia de comédias que, na próxima segunda-feira, segue em digressão pela província e Porto.

—O artista Luís Piçarra está novamente em Luanda, de onde deve partir para Lisboa entre 15 e 20 do corrente.

—O artista madeirense Max segue depois de amanhã de Luanda para Uige, onde vai realizar dois espectáculos.

—Está a apresentar os seus espectáculos em Portalegre, o Circo Alegria, que anda em digressão pelo Alentejo.

—A actriz Dulce de Oliveira deve chegar depois de amanhã de Luanda.

—Os ensaios da opereta «Alfacinha-Tripeira», que vai ser estreada no Porto, vão efectuar-se em Lisboa sob a direcção de Alberto Ghira, no poema, maestro Jaime Mendes, na musica, e Paulo José, na coregrafia.

—O actor Raul Solnado vai desempenhar, na revista «Não faças ondas», em ensaios no Teatro Variedades, as figuras de «Hamlet», «Apolinário», «Alfacinha da gema» e «O noivo atómico», este, com Leónia Mendes.

—O actor Jacinto Ramos não deverá participar do elenco do Teatro da Trindade.

—O guarda-roupa Paiva está a confeccionar a indumentária das revistas «Roboliço» e «Daqui fala o Zé».

Vai reabrir o A B C

para apresentar em estreia a nova revista popular «Daqui fala o Zé!»

Deo Maia

Pronta e integralmente aprovada, reunido, cuidada e criteriosamente escolhido, o seu novo elenco, sob a proficiente direcção de Manuel Santos Carvalho, actor querido e indiscutível mestre de teatro, vão ter início na próxima semana os ensaios da nova revista popular «Daqui fala o Zé!», com que o empresário José Miguel vai inaugurar a sua nova temporada no moderno

(Continua na 6.ª página)

Estreia de sensação!
HOJE, às 21,30 no CINEMA MONUMENTAL

JOHN WAYNE
LAUREN BACAL
e
ANITA EKBERG
NUMA AVENTURA GRANDIOSA, GIGANTESCA E HUMANA!
CINEMASCOPE

ALDEIA EM FUGA
(BLOOD ALLEY)
(13 anos)
Produção
ACONTECEU EM CHIKU SHAN, NA CHINA OCUPADA... MAIS DE UMA CENTENA DE ALDEÕES QUEREM FUGIR, MAS A ÚNICA SAÍDA ERA O ESTREITO DA FORMOSA, ONDE NINGUÉM SE ATREVERIA A PASSAR...
REAL. DE WILLIAM A. WELLMAN
UM FILME DA PROGRAMAÇÃO DE 1956-57

CAMPO PEQUENO
Quinta-feira, 13 de Setembro
ÀS 22 HORAS
FESTIVAL MONSTRO
Em Homenagem à Comissão Pró-Praça de Toiros de Montijo
Fernando Palha Vanzeller
Domingo Ortega
Luiz Miguel Dominguin
José Barahona Núncio
Pepe Dominguin
Joaquim Marques
Forcados-Amadores de Lisboa, sob o comando do Ex.mo Sr. NUNO SALVAÇÃO BARRETO
6 Novilhos dos Ex.mos Srs. Pinto Barreiros e Joaquim M. Nuncio
Colaboram A MARCHA DOS PESCADORES DO MONTIJO, e uma BANDA DE MUSICA
Os bilhetes para este unico e sensacional espectáculo encontram-se à venda nos Restauradores, 7, e no dia da corrida, também nas bilheteiras da Praça — Para 13 anos
Preços desde: Sombra 60$00, Sombra-Sol desde 50$00, Sol desde 45$00, Galerias desde 25 e 15$00

CASINO ESTORIL
HOJE
PENULTIMA apresentação das atracções
BOB BROMLE
e o BALLET DON LITTLE
(Adultos)
AMANHÃ — No Salão de CINEMA «MATINÉE» extraordinária às 17 horas
em fim de festa
«BOB BROMLE»
(Para maiores de 6 anos)

Leiam o jornal humoristico
«SEMPRE FIXE»

779777
É este o numero do telefone do «PAMPILHO»
aberto toda a noite
Direcção de:
António Saraiva
Filial do FAIA
ADULTOS

O «Diário de Lisboa» vende-se em PORTIMÃO, na casa Pedro Dias, Limitada.

MOROCCO
Praça da Alegria, 56
Telef. 34120
HOJE - Reabertura deste elegante e
MODERNO DANCING
com um seleccionado programa de
VARIEDADES
— ADULTOS —

Instalações frigoríficas
MARITÍMAS E TERRESTRES

Estudos e orçamentos grátis
GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA
LISBOA PORTO

AGUARDENTE VELHA
Nieport
a prova esta na prova

Teatros e Cinemas

As estreias de hoje

No São Luiz e Alvalade

Título—«Nagana».
Produção—Francesa.
Realização—Hervé Bromberger.
Intérpretes—Barbara Laage e Renato Baldini.
Argumento—História intensa passada em Africa.
Processo—Normal.
Distribuição—Filmitalus.
Classificação—13 anos.

No Monumental

Título—«Aldeia em fuga».
Produção—Americana.
Realização—William A. Wellman.
Intérpretes—John Wayne, Lauren Bacall e Anita Exberg.
Argumento—Filme cuja acção decorre na China.
Processo—Cinemascópio.
Distribuição—Sif.
Classificação—13 anos.

O filme «Lisboa»

exibe-se em Nova York

NOVA YORK, 11. — O filme «Lisboa», produção e realização de Ray Milland, está em exibição nesta cidade, no «Mayfair Theatre», há já três semanas.

A mesma película já foi exibida em Nova Bedford, Pittsfield, Springfield, Lowell e Boston, localidades do Estado de Massachusetts, registando todas as sesões avultada presença de membros da comunidade portuguesa. — (A. N. I.).

Jean Simmons

teve o seu primeiro filho

HOLLYWOOD, 11. — A actriz cinematográfica Jean Simmons deu, hoje á luz, uma menina, no hospital de Lebanom, em Cedars. E' o primeiro filho da artista e do seu marido, o actor Stewart Granger.

Os pais anunciaram que a filsa receberá o nome de Tracy. — (A. N. I.).

Cartaz dos Cinemas

ESTREIAS DE HOJE: — NAGANA — SÃO LUIS E ALVALADE
— ALDEIA EM FUGA — MONUMENTAL

SÃO LUIZ TEL. 27172
Estreia, ás 21,30 (13 anos)
O filme francês c/ **Barbara Laage e Renato Baldini**
NAGANA
Em Eastmancolor
Uma aventura prodigiosa em regiões práticamente inexploradas do continente negro.

EDEN TEL. 20768
15,30-18,30 e 21,30
Tótó e Fabrizi em **ESTA É A VIDA**
Inspirada numa obra de **Pirandelo**
Em complemento:
A SINFONIA DAS MÃOS
(Para 18 anos)

IMPERIO TEL. 55134/5
A's 15,15 e 21,30 (Adultos)
Ultimas exibições
Grande criação de **Edward G. Robinson**, em
TERÇA-FEIRA NEGRA
com Jean Parker e Peter Graves
Um filme policial de ritmo e violência invulgares

MONUMENTAL TEL. 55131
HOJE, ás 21,30 (13 anos)
sensacional estreia do empolgante filme de amor e de aventura
ALDEIA EM FUGA
com **John Wayne** e **Lauren Bacall**
Cinemascope

ALVALADE TEL. 763080
Estreia, ás 21,30 (13 anos)
O filme francês c/ **Barbara Laage e Renato Baldini**
NAGANA
Em Eastmancolor
Uma aventura prodigiosa em regiões práticamente inexploradas do continente negro.

TERRASSE TEL. 20917
A's 21 (13 anos)
A CASACA VERMELHA
UM HOMEM E DEZ DESTINOS

LIZ TEL. 48560
As 21,15 (18 anos)
A RAPARIGA DO BALOIÇO VERMELHO
com **Ray Milland**

ROYAL TEL. 845037
A's 21,30 (13 anos)
NAPOLEÃO
com **Daniel Gelin, Sacha Guitry e Lana Marconi**

ESPLANADA PORTUGÉLIA
A's 21,30 (18 anos)
ESTE HOMEM É PERIGOSO
CASTIGO SEM CULPA

PAVILHÃO PORTUGUÊS PARQUE MAYER TEL. 366783
A's 21,15 (13 anos)
DINHEIRO EM CAIXA
com **Dean Martin**
HONG KONG

RESTELO Tel. 610375
A's 21,15 (Adultos)
O TIRANO DE ROMA
com **Gino Cervi**

TIVOLI TEL. 50595
O espectáculo das mil paixões num filme Cinemascope admirável!
O PRINCIPE DOS ACTORES
As 3 e 6.15 da tarde (a preços red.) e 9.30 da noite (Para 18 anos)
com **Richard Burton** e **Maggie Mc Namara**

POLITEAMA TEL. 26305
15,15-18,15 e 21,30
Extraordinário êxito do grandioso filme épico e romantico em «Gaumontscope»
O HEROI DA VENDEIA
com **Amedeo Nazzari** e **Dany Robin**
Uma história de amor e de batalhas!
Som estereofónico - Em Eastmancolor
(13 anos)

CONDES TEL. 22523 (ADULTOS)
A's 15,15 - 18,15 (preç. red.) e 21,30
AVENTURAS DE GIL BLAS
A vida de um grande herói numa brilhante interpretação de **Georges Marchal, Barbara Laage, Jacques Castelot, Susana Canales**

SÃO JORGE BALCÃO 54154 PLATEIA 54153 (Adultos)
15,15-18,15 e 21,30
Ultimas exibições
A história de Paulie... que fazia tudo quanto pensava... e que sempre pensou em cometer um crime!
GARRAS DE MULHER
com **Carol Ohmart, Tom Tryon, Judy Lawrence** e **Nat «King» Cole**

ODEON T. 26283 (18 anos)
A's 15,30 e 18,15 (p. red.) e 21,30
2.ª semana
A mais terrível luta em que pode estar empenhada uma mulher...
MINHA ESPOSA E A OUTRA
com **Arturo de Cordova** e **Marga Lopez**

TRINDADE TEL. 20000
A's 21,30 (18 anos)
Em ultimas exibições
A ESTRELA DO CIRCO
com **Maria Lito** e outras celebridades europeias do palco e do circo

CAPITOLIO TEL. 27493
A's 21,30 (13 anos)
Um deslumbrante espectáculo em tecnicolor
A VOZ DO SANGUE
JOHN DEREK e DIANA LYNN
A vida movimentada dos cadetes de Annapolis

TERRAÇO DO CAPITÓLIO
Dois filmes
As 21,30 (13 anos)
A LOTARIA DO AMOR
com DAVID NIVEN
22,45
UM TIRO DE MADRUGADA
com HERBERT LOM

CINEMA IDEAL
A's 21 (18 anos)
A SOMBRA DO ESPAÇO VIERAM

CASINO ESTORIL
A's 21,30 (18 anos)
CONSPIRAÇÃO DO SILENCIO
com **Spencer Tracy**

S. C./13 ANOS

O MAIS ESPECTACULAR FILME ATÉ HOJE RODADO NA ÁFRICA EQUATORIAL COM UMA HISTÓRIA CATIVANTE DE AMOR, DE ÓDIO E DE AVENTURA

ESTREIA ESTA NOITE NOS CINEMAS

SÃO LUIZ E ALVALADE

TAIA TV

AGENCIA INTERNACIONAL ARTÍSTICA

Direcção técnica de
ARTUR PEREIRA

ORGULHA-SE DE TER SIDO A PRIMEIRA AGENCIA ARTISTICA A APRESENTAR O PRIMEIRO PROGRAMA DE MUSIC-HALL INTERNACIONAL NA

RADIOTELEVISÃO PORTUGUESA

QUE ONTEM OBTEVE UM EXTRAORDINARIO EXITO COM A COLABORAÇÃO DO FAMOSO HOMEM ESPECTÁCULO

ROBERTO BLAKE

Grande vedeta da TV mundial

O NOVO PROGRAMA

VEDETAS

APRESENTARÁ NA TELEVISÃO AS MAIORES CELEBRIDADES DO MUSIC-HALL INTERNACIONAL COM A COLABORAÇÃO DE SEU LOCUTOR

MARQUES VIDAL

PARA UM BOM E CATEGORIZADO PROGRAMA DE PUBLICIDADE NA TELEVISÃO CONSULTE A

AGENCIA INTERNACIONAL ARTÍSTICA

PRAÇA DA ALEGRIA, 40, 2.º TELEFONE 23600

GARY COOPER

NO FILME QUE RECORDA O JULGAMENTO QUE CONVULSIONOU O MUNDO:

CONSELHO DE GUERRA

COURT MARTIAL OF BILLY MITCHELL

com **ELISABETH MONTGOMERY**

UM CASO ANALISADO NA NOSSA IMPRENSA POR DISTINTOS OFICIAIS PORTUGUESES

AMANHÃ NO IMPÉRIO (TREZE ANOS)

Produção Realização de **OTTO PREMINGER**

Em **WARNERCOLOR**

CINEMASCOPE

UM FILME DA PROGRAMAÇÃO DE 1956-57

Combóios para o Algarve

O horário é o seguinte:

8-50 p.	Lisboa (Terreiro do Paço)		(a)
9-35 p.	Barreiro	c.	21-25
13-37 c.	Aljustrel	c.	20-39
16-19 c.	Portimão	p.	16-25
16-45 c.	Lagos	p.	13-49
16-03 c.	Faro	p.	13-24
17-19 c.	V. R. Santo António-Guadiana	p.	14-10
		p.	12-55

(a) De 24 de Julho a 8 de Outubro.

O «Diário de Lisboa» vende-se no SEIXAL, na casa Firmino de Oliveira Pinto.

JANTA fora de casa?
Vá ao Restaurante **TABUAS**
R. Barros Queirós, 51 — Tel. 26614
Refeições completas, 25$00

O "personalismo" de Emmanuel Mounier

por JEAN-LOUIS BRUCH

Para esclarecimento dos leitores, acentua-se que não há qualquer relação entre o «personalismo» recentemente denunciado no relatório secreto de Nikita Kruchtchev, por ocasião do ultimo congresso do Partido Comunista da União Soviética, o qual consiste no culto idolátrico da personalidade de um chefe, conducente a uma degradação cívica dos indivíduos, e este «personalismo» defendido pelo escritor francês Emmanuel Mounier, personalismo que assenta num desejo e numa esperança de entendimento entre os homens de boa vontade, pela realidade dos contactos pessoais, que ele prefere á abstracta frialdade das ideologias. (N. da R.).

Embora tenha escrito sob formas diversas vários manifestos ou exposições do «personalismo» (1), Emmanuel Mounier foi mais um animador do que um doutrinário. Por desconfiar do espírito de sistema e por se encontrar demasiado comprometido na acção para se submeter ás disciplinas intelectuais da busca puramente filosófica, dava ao seu pensamento retoques sucessivos, justapostos com uma segurança intuitiva, deixando aos outros o cuidado de uma elaboração mais minuciosa. E' em Jean Lacroix, ou melhor ainda, em Maurice Nédoncelle, que se pode encontrar o esboço mais aprofundado de uma filosofia da pessoa.

Assim, os trabalhos de Mounier — como anteriormente os de Rauh — são por vezes, se os separarmos da actividade militante do seu autor, um pouco desconsoladores. E' por essa razão que gostaria de que doravante se iniciasse a leitura de Mounier nasceu em Grenoble em que, as *Editions du Seuil* acabam de lhe consagrar, reagrupando uma belíssima escolha das suas *Lettres*, dos seus *Carnets* e de outros inéditos. Estes textos, reunidos por ordem cronológica sob o título *Mounier et sa génération* (Mounier e a sua geração) fornecem a matéria de uma verdadeira biografia que até agora nos faltava (2).

Creio que, ao percorrer as grandes etapas da vida de Mounier, se é tentado a compará-lo á de Péguy. Até a ascendência camponesa os aproxima. Foi ela, sem duvida, que contribuiu para os afastar do virtuosismo e do manuseio das abstracções filosóficas ou políticas. Mounier nas ceu em Grenoble em 1905, mas as suas recordações mais remotas são as de um campónês para quem a «infancia se não distingue dos cheiros de feno, das corridas pelos prados, das tardes nas estradas». E ele próprio evoca Péguy quando escreve orgulhosamente á noiva que é dos que «têm atrás de si uma barreira de quatro anónimos».

Tal como Péguy, foi refractário á Universidade, e foi-o ainda mais deliberadamente do que ele, visto que renunciou ao ensino, após um êxito no exame de estado de filosofia, que lhe abria uma carreira segura, mas demasiado calma e rotineira... No entanto, a oposição de Mounier ao espírito e aos métodos universitários foi sempre mais serena do que a de Péguy, cuja violência polémica era alimentada por certo ressentimento. O mesmo se pode dizer das suas posições religiosas e políticas. Mounier detestava o clericalismo mas nunca rompeu com a Igreja. Desconfiava dos partidos políticos e dos métodos parlamentares franceses, mas soube evitar tanto o socialismo utópico de Péguy como as revoltas radicais de Bernanos.

Realizou, com Péguy, a sua vocação de intelectual comprometido na acção pela direcção de uma revista. Mas também aí, aparece a sua diferença, apesar da similitude

EMMANUEL MOUNIER

dos seus empreendimentos. Ao fundar *Esprit*, Mounier, que tinha estudado longamente Péguy, já não pensa nos *Cahiers de la quinzaine*. A sua revista — afirmá ele — não se explica por uma vontade de regresso a uma atitude ultrapassada. De facto, a direcção de Mounier teve um espírito muito menos individualista que a de Péguy. Por isso mesmo, ele soube animar uma autêntica revista, ao passo que os *Cahiers de la quinzaine* publicavam textos separados, dando a uma colecção de trabalhos a periodicidade de uma revista. Cada *Cahier* era a obra de um só autor. Mounier, em cada numero de *Esprit*, soube instituir e dirigir diálogos.

Foi assim que conseguiu realizar um empreendimento «personalista» de um modo ainda mais eficaz do que se expusesse princípios. Sente-se em todas as páginas de *Mounier e a sua geração* o interesse apaixonado que ele constantemente consagrou aos outros e á comunicação por meio da qual cada pessoa se afirma, ao mesmo tempo que acolhe a experiência das outras. «Encontrar pessoas — escreveu ele na juventude — era o que eu esperava da vida... e eu bem sentia que isso queria dizer encontrar o sofrimento». Logo na sua juventude Mounier associa a experiência dos outros e o sofrimento. «Era sempre no sofrimento, lembro-me muito bem, num acidente, numa doença ou num luto, que eu imaginava o *encontro*. Isso não lhe diminuia de modo algum a juventude e a frescura. Pelo contrário. Parecia-me que não podia imaginar a alegria senão através da partilha do sofrimento». Enquanto, para a maioria dos homens, o sofrimento isola o indivíduo e o devolve egoísticamente a si próprio, essa provação torna-se para Mounier a ocasião privilegiada do *encontro*. Daí a gravidade quase constante da sua correspondência.

Quando Mounier morreu, em 1950, a sua revista *Esprit* estava em pleno êxito. Fundada em 1932, suspensa pelo Governo de Vichy em 1941, publicada de novo a partir da libertação, ela era para o seu director uma tarefa esfalfante, mas exactamente apropriada ás suas aspirações profundas. A meio caminho do jornalismo que dispersa o espírito na actualidade quotidiana, da acção política que se torna uma técnica e da busca filosófica, que se arrisca a separar-se do Mundo, a revista leva a meditar sobre a actualidade, quer dizer, a procurar aquele mínimo de recuo que permite julgar o acontecimento. E não só ela sabe ser acolhedora como *Esprit*, mas também multiplica os encontros nesse espaço onde se afrontam as exigências da acção e as do pensamento.

JEAN LOUIS BRUCH

(1) Mounier: «Qu'est-ce que le personalisme?» *Le Seuil*, Paris.

«Le personalisme» Presses Universitaires de France — Paris.

(2) *Mounier et sa génération* (Lettres, carnets et inédits) *Le Seuil* — Paris.

Teatros e Cinemas

(Continuação da 4.ª página)

e elegante teatro «ABC», no Parque Mayer.

A revista popular «Daqui fala o Zé!», original de Fernando Santos e Eduardo Damas, com musica de João de Vasconcelos e Manuel Paião, tem como principais intérpretes os artistas Hermínia Silva, vedeta querida entre as mais queridas, Manuel Santos Carvalho, Aida Baptista, Deolinda Rodrigues, Camilo de Oliveira, que vai interpretar com a sua graça tão natural o «compére», Helena Vieira, Gabriel Pais, Carmen Mendes, Oscar Acursio, Rosinda Rosa, Natividade Maria, Maria da Graça, Conceição Gomes e, como atracção extraordinária, a querida e popularíssima vedeta luso-brasileira Deo Maia, uma vez mais acompanhada pelos inimitáveis Irmãos Guarás.

Primeiras exibições

«O Principe dos Actores», no Tivoli

Dá-nos este filme em cinemascópio, com grandeza no cenário e no tema, a vida agitada de duas gerações de actores, geniais intérpretes de Shakespeare, mas do tempo em que, pela vida desregrada do teatro de então, por vício e até porque se julgava que o álcool estimulava o génio, davam escandalos em cena e arruinavam a carreira e a vida. Um amor que poderia ser salvador, acompanha o drama, que corre paralelo com o da guerra da América, assistindo-se ao assassínio do presidente Lincoln durante uma representação teatral.

E' de altura a realização de Philip Dunne e a interpretação de Richard Burton, Maggie McNamara, John Derek, Raymond Marrey e outros. Complementos bons: um documentário desportivo, desenhos animados e um jornal de actualidades. — *Visor 60.*

«A voz do sangue», no Capitólio

Desde Caim e Abel, os irmãos vêm a agredir-se mais ou menos intensamente, desrespeitando alguns princípios das éticas que nos regem e esquecendo «a voz do sangue». Esta «voz» é menos forte do que muitos pretendem fazer-nos acreditar. O filme do Capitólio põe a consciência do publico problemas familiares e sentimentais e também de estratégia naval. Dois irmãos estão apaixonados pela mesma mulher, o que não exclui adorarem as forças navais dos E. U. «A voz do sangue» é uma lição de abnegação e heroismo — posições psicológicas que poucos assumem—e verdadeiramente um gozo para os olhos, porque compreende paradas e esplêndidas batalhas aéreas.

John Derek, Diana Leyun e Kevin McCarthy, todos eles actores razoáveis, debatem-se briosa, convulsiva e dramáticamente em terriveis paixões. Os documentários interessam o publico. — *Visor 18.*

Representação portuguesa

no Congresso de Ciências Económicas

ROMA, 11—O presidente da Academia do Mediterraneo, príncipe Alliata de Montereale, ofereceu no Palácio Borghese, um almoço em honra do prof. Moses Amzalak, representante de Portugal no Congresso Internacional de Ciências Económicas, reunido nesta cidade.

Estiveram presentes, além do homenageado e da senhora de Amzalak, o encarregado de Negócios de Portugal, dr. Rui Medina; o presidente dos «Amigos de Portugal», prof. Leo Magnino; o dr. José Pina Martins, e o dr. Nello Carducci, director da «Revista Latina». — (A. N. I.).

NINA (ADULTOS)
Maria Ortiz e Andrés Montemar
A mais fina e castiça parelha de baile
O conjunto «NIN» apresenta o famoso Violinista e Compositor Espanhol
CASTELLO PLAJA

Uma esquadrilha de jacto fez o duplo voo de Lisboa aos Açores e volta em surpreendentes condições de êxito

(Do nosso enviado especial)

OTA, 11 — Com a chegada a esta base aérea da esquadrilha de «jactos» que se deslocou aos Açores há uma semana, terminou hoje a primeira fase das manobras aéreas deste ano, a que se seguirão mais duas fases: a segunda com a intervenção de aparelhos da Ota e da 1.ª Esquadra de Detecção e Contrôle e a terceira inteiramente a cargo do pessoal e material da Base Aérea de Tancos.

A fase das manobras que hoje se completou, constituiu um feito notável da Aviação Portuguesa que causará natural admiração mesmo nos países em que a aviação atingiu maior eficiência. A importancia da missão desempenhada pelos aviadores que hoje regressaram dos Açores, pode avaliar-se bem pela discrição com que foi levada a cabo e a expectativa com que foi acompanhada pelos altos comandos das Forças Aéreas portuguesas e pelos oficiais da missão militar norte-americana — os unicos que conheciam bem os riscos que envolviam a viagem que hoje se concluiu com felicidade.

E' que, para além das dificuldades próprias da missão, esteve em jogo o prestígio da instrução e do treino dos nossos aviadores militares, e bem assim a confiança a depositar na qualidade do material (americano) utilizado — recorde-se a tragédia de Poiares, logo seguida de outra não menos grave, registada nos Estados Unidos da América, ás quais a Imprensa norte-americana deu relevo muito especial.

Que tragédias como as que referimos não podem ser atribuídas á má qualidade do material, nem, sobretudo, á preparação dos pilotos, mormente no caso português, prova-o a proeza agora realizada, que os leigos podem considerar uma aventura, dadas as grandes dificuldades e os perigos que o temerário empreendimento oferecia.

Uma esquadrilha de manobras descolou da Ota, há uma semana, para percorrer em cerca de duas horas e meia a distancia de 1.600 quilómetros, que é aproximadamente, a que separa do continente português o arquipélago dos Açores. O raio de acção dos aviões utilizados não permitia ir mais além, isto é, se houvesse desvio na rota, o combustível esgotar-se-ia antes que os aparelhos pudessem atingir os Açores. Por outro lado, se se registasse durante o voo uma avaria que os obrigasse a descer, os pilotos não teriam o recurso de qualquer campo de emergência... Calcule-se por isso a intranquilidade de quem conhecia bem os riscos da missão e, principalmente, de quem arcou com a responsabilidade da ordem para que ela se realizasse!

Considere-se ainda que o voo se efectuou a nove mil metros de altura, o que obrigou os pilotos a utilizar combinações de voo equipadas com dispositivos especiais para as temperaturas negativas (30 graus) e para a pressão atmosférica, e que os ventos contrários (á ida) atingiram a velocidade de cento e muitos quilómetros por hora.

Não admira, pois, pesadas estas circunstancias, que se notasse grande nervosismo em todas as pessoas que aguardavam hoje, nesta base, a chegada da esquadrilha, embora se soubesse que a viagem de regresso, não isenta de riscos, oferecia, no entanto, muito menos perigos que o salto do continente ao arquipelago.

Finalmente, todas as duvidas se dissiparam quando se assinalou que os aviões haviam regressado normalmente da arriscada missão, que será lembrada sempre como um dos mais extraordinários feitos das nossas Forças Aéreas.

A primeira fase das manobras aéreas serviu para provar que, em caso de necessidade, as unidades de caça do continente podem atingir os Açores pelos seus próprios meios e fazer ali face a qualquer ameaça de ataques aéreos, e regressar ás bases quando a sua presença no arquipélago for considerada desnecessária.

Nos Açores, os pilotos sobrevoaram todas as ilhas, não só para as ficarem a conhecer bem, como para mostrar aos habitantes do arquipélago, quer das cidades, quer das aldeias, a cruz de Cristo que as asas dos aparelhos ostentam.

A' hora de fechar

Decisão franco-britanica de manter pela força a sua posição no Suez

LONDRES, 11 — A Grã-Bretanha e a França concordaram hoje em usar abertamente da força contra qualquer interferência no tráfego normal pelo Suez.

Eden e Guy Mollet resolveram resistir por todos os meios apropriados a qualquer interferência ou acto incompativel com a justiça e o respeito pelas obrigações internacionais. — (A.N.I.).

A resposta de Nasser

CAIRO, 11—O presidente Nasser declarou, hoje, que está preparado para a guerra, para defender o Canal de Suez.

A Liga Arabe avisou os seus componentes de que devem estar prontos para uma reunião urgente, a fim de apoiar o Egipto se a Grã-Bretanha e a França o atacarem.—(A. N. I.).

As possiveis decisões tomadas em Londres

LONDRES, 11 — A reunião franco-britanica desta manhã terminou ás 12 e 22.

Espera-se que seja publicado, ainda hoje, um comunicado oficial sobre as conversações, as quais devem terminar esta tarde.

Círculos bem informados dizem saber que o comunicado já está redigido, mas só será tornado publico depois de Eden e Mollet terem consultado Dulles.

Segundo os mesmos círculos, Eden e Mollet teriam decidido adoptar várias medidas, em face da rejeição do plano Dulles por Nasser, incluindo as seguintes:

1.º—Comunicação ou «apelo» ás Nações Unidas.

2.º—Intensificação das sanções económicas contra o Egipto.

3.º—Remodelação dos itinerários das rotas de navegação, a fim de excluir o canal de Suez.

4.º—Aquisição dos abastecimentos de petróleo, em caso de emergência, no Hemisfério Ocidental. — (A. N. I.).

Transmissão da T. V.

através do Atlantico

NOVA YORK, 11 — No próximo domingo, as duas estações de televisão nacionais americana e inglesa, a N. B. C. e a B. B. C., vão tentar fazer transmissões transatlanticas, aproveitando-se da corrente actividade das manchas solares, propícia á transmissão dos sinais da Televisão a grandes distancias.

Tais condições, extraordináriamente favoráveis, só ocorrem em ciclos de onze anos. Se a experiência se coroar de êxito, os programas mundiais da N. B. C. passam a incluir espectáculos da B. B. C. e vice-versa.—(A. N. I.).

Desabou o telhado

sobre os espectadores de um teatro

LONDRES, 11 — Uma parte do telhado do Teatro Stoll ruiu, durante a representação da comédia musical «Kismet» (versão americana de «Ali Bábá e os 40 Ladrões»).

Ficaram feridos, mas não gravemente, quinze espectadores do balcão. A representação prosseguiu, momentos depois do incidente. — (F. P.).

NOTA SEMANAL por TRIBUNUS

A política de cooperação

e as questões actuais da economia europeia

Procurámos, em nota precedente, esquematizar os aspectos mais flagrantes da situação económica da Europa Ocidental, directa ou indirectamente relacionados com a conjuntura inflacionista cujo alastramento se mostra progressivo e cada vez mais sensível. São problemas que estão concitando as atenções tanto dos meios oficiais como do «grande publico», em consequência da sua amplitude e das suas possíveis repercussões económicas e sociais. Receia-se, com bastante fundamento, que se processe uma crise capaz de anular os resultados favoráveis até agora obtidos á custa de porfiados e duros esforços, muito embora os mecanismos políticos de orientação da actividade económico-financeira tenham hoje uma capacidade de acção muito superior á daqueles que caracterizem os períodos anteriores ao da grande depressão de 1929-1931.

Não pode surpreender-nos, pelo que temos visto, que na ultima reunião do Conselho de ministros da Organização Europeia de Cooperação Económica (O. E. C. E.) se tivesse encarado a vantagem de congregar os esforços dos países participantes, no sentido de uma acção multilateral para resolver os problemas levantados pelos sintomas de inflação e, ainda, no de manter, em certa medida, o ritmo da expansão. Nestas circunstancias, parece-nos util e de actualidade inquestionável uma análise da política de cooperação económica seguida na Europa Ocidental, análise essa a fazer á luz dos resultados obtidos e tendo em devida atenção os imperativos da situação presente.

Em 1948, respondendo cabalmente ás intenções americanas e, em particular, á proposta contida no discurso proferido em Harvard pelo secretário de Estado, George Marshall, a Europa Ocidental assinou a «Convenção de Cooperação Económica» e constituiu a organização atrás mencionada para facilitar a realização dos fins objectivados.

Ora, tanto esses fins como as formas e o ambito da cooperação ficaram estreitamente limitados de facto, por mais especiosos que sejam os argumentos em contrário que se queiram deduzir dos termos precisos da convenção de 1948. O aproveitamento do auxílio financeiro americano e a colaboração no sentido de acelerar o processo de recuperação económica e de reganhar um nível razoável de liberalização das trocas inter-europeias foram os objectivos definidos. Pareceria, então, que, atingidos eles, a O. E. C. E. deixaria de ter razões suficientes de existência, salvo se outras viessem a impôr-se e a precisar-se numa nova convenção de horizontes mais largos.

E' evidente que a Europa ultrapassou, há muito, a referida fase de recuperação, de regresso aos índices de produção de rendimento globais, de actividade e de emprego que marcaram a fase que precedeu imediatamente a II Guerra mundial. Não é menos certo, também, que se pôde desenvolver em seguida um verdadeiro processo de expansão, embora não generalizado, cuja aceleração se intensificou em alguns países durante o triénio de 1953-1955.

Entretanto, a cooperação permitiu alargar notàvelmente a liberalização das operações comerciais e das transferências relativas aos serviços e, por outro lado, instituir um sistema de compensações e de pagamentos inter-europeus que veio evitar as discriminações e os condicionamentos próprios do «clearing» bilateral, definindo uma estabilidade dos cambios e uma inter-transferibilidade bastante extensa das várias moedas europeias.

E' inquestionável, portanto, que a política de cooperação conduziu a resultados assaz prováveis á economia da Europa Ocidental, no seu conjunto. Poderá criticar-se-lhe, todavia, o seu carácter demasiado regional e a limitação do seu campo funcional, especialmente quando temos em conta o dinamismo natural das coisas económicas e não apenas a situação particular que se fazia sentir no post-guerra. As circunstancias que conduziram á Convenção de 1948 estão hoje perfeitamente ultrapassadas, na verdade, pelo que não é de surpreender — demais que em nada se modificaram os termos específicos de tal convenção — que a O. E. C. E. vá patinando dentro do círculo muito apertado dos problemas do comércio e dos pagamentos inter europeus, só muito timidamente arriscando uns passos hesitantes em domínios económicos mais vastos. Compreendem-se melhor, ainda, as razões profundas dos impulsos oriundos de certos países para conseguir uma integração mais ou menos perfeita, bem como as dos movimentos que estão a desenrolar-se no seio da Comissão Económica para a Europa, para estender ao máximo a amplitude de aplicação da política de cooperação.

Julgamos, porém, que, assim como a cooperação pode e deve abranger os dois blocos europeus — as economias capitalistas do Ocidente, participantes ou não na O. E. C. E., e os países socialistas do Leste — e a integração poderá abarcar, desde já, alguns sectores da actividade económica e um conjunto mais ou menos numeroso de países, assim a política de cooperação ainda será capaz de produzir frutos prestimosos para a Europa Ocidental, na solução desejada de vários dos seus problemas basilares. O indispensável para isso é acordar numa convenção de cooperação económica em termos mais reais por menos correlacionados a circunstancias ocasionais e que os países signatários se disponham, efectivamente, a um esforço concertado em prol do «bem comum». No fundo, o necessário — e a muitos títulos suficiente — será ganhar a consciência dos problemas que se enfrentam e de que estes só pela sua aparência enganadora se poderão reputar como genuinamente nacionais.

E' muito possível que os países que impulsionam a política de integração económica venham a constituir, em curto prazo, a «União Aduaneira» e a «Agência europeia para a produção de energia atómica» («Euratom»), actualmente em estudo. No entanto, eles reconhecem francamente a necessidade de que esses problemas sejam devidamente considerados no seio da O. E. C. E., em referência ao quadro da cooperação multilateral, a fim de que seja criado e mantido um sistema satisfatório de relações entre tais entidades supra-nacionais e os países que não subscrevam os respectivos acordos, isto dentro do princípio da vantagem mutua das partes. Parece-nos difícil também que quaisquer propostas para a instauração de mecanismos económico-financeiros vindas da Comissão Económica para a Europa tenham viabilidade prática, antes de terem sido discutidas do angulo determinado pela cooperação já organizada no Ocidente.

Por seu turno, as questões específicas levantadas na presente conjuntura só muito penosamente poderão ser resolvidas se não forem atacadas por meio de formas adequadas de cooperação. Não haverá apenas que conjugar as medidas monetárias e fiscais de carácter anti-inflacionista a adoptar pelos diversos países, ou de harmonizar as políticas comerciais e aduaneiras respectivas. Outras necessidades não menos nevrálgicas se fazem sentir: o desenvolvimento dos territórios atrasados, a regulamentação dos movimentos de capitais, a utilização dos excedentes de mão-de-obra existentes em várias zonas, etc.

Admitamos, então, o superior interesse geral de uma cooperação extensa, diversificada e intensiva dos países ocidentais, para além do que existirá na melhoria e sistematização das relações entre os dois blocos políticos europeus e, ainda, do que pode decorrer da concretização da política de integração económica. Julga-se fundamentado, contudo, que o instrumento jurídico que informa a estrutura e fins da O. E. C. E. não está adequado a esses objectivos, que é imperioso rever os termos da Convenção de Cooperação Económica, se na realidade se querem poupar esforços e conseguir soluções gerais para a maioria dos problemas actuais e para aqueles que virão a ser depostos nos períodos futuros. Demais, as instituições têm de possuir uma capacidade ingénita de adaptação ás circunstancias muito variáveis das conjunturas dos agregados humanos; no caso contrário, elas serão inexorávelmente ultrapassadas pelos acontecimentos, ou terão de ceder o passo a outros organismos. Mas a capacidade funcional das instituições internacionais é-lhes definida pelas convenções correspondentes; por isso sentimos cada vez mais premente a necessidade de uma revisão de fundo daquela em que assentou a O. E. C. E., aproveitando as lições capitais das experiências feitas.

Um homem assaltado

bárbaramente agredido

e abandonado na estrada

EVORA, 11 — Na madrugada de segunda-feira, no sítio denominado Moinho das Janelas, a 5 quilómetros de Evora-Monte, foi surpreendido por vários meliantes, que bárbaramente o maltrataram, o jornaleiro José Teles, mais conhecido por «José da Guiomar», de 27 anos, da freguesia de Glória, de Estremoz. De madrugada, quando regressava de Evora-Monte, onde passara o dia em alegre convívio com a sua noiva, de nome Eugénia Pereira, o José Teles foi acometido por desconhecidos, que, a coberto da escuridão, o derrubaram, ligando-o de pés e mãos. Julgando-o morto, arrastaram-no para junto de uma figueira, colocando sobre o corpo pedregulhos de grande peso.

A G. N. R. tomou conta da triste ocorrência, cujas estranhas circunstancias suscitaram profunda emoção.

O infeliz jornaleiro está no hospital de Estremoz, sendo o seu estado muito grave.

Festejos regionais

Festas em Alcoutim a favor da Misericórdia local

ALCOUTIM, 9. — Realizam-se nesta vila, nos dias 13, 14 e 15 do corrente, as festas em beneficio da Misericórdia local, cuja receita reverterá exclusivamente para a construção do Hospital Sub-Regional. O programa das festas, deveras atraente, inclui divertimentos populares, exibição de ranchos folclóricos, variedades por elementos da Rádio, provas desportivas, sessões de fogo de artifício, etc.

Festas no concelho de Poiares

POIARES, 9. — Nos próximos dias 15, 16, 17, 22, 23, 29 e 30, efectuam-se neste concelho festejos a favor do Hospital de Beneficência Poiarense, com diversões, ranchos folclóricos, concertos musicais, provas desportivas e sessões de fogo de artifício.

RCA TELEVISÃO

A questão do Suez

e a atitude da Grã-Bretanha — (2)

por HUGH GAITSKELL

«leader» trabalhista

E' difícil conceber que um grupo de nações, do qual fazem parte, entre outras, a América, a Suécia, o Irão, a Etiópia e a Austrália, esteja entendido para impor ao Egipto as teses do colonialismo e do imperialismo ocidental. A demonstração do contrário ficou-se devendo, sobretudo, á acção moderadora do secretário de Estado americano, ao longo da crise. O facto é tanto mais digno de registo, quanto é certo que o sr. Dulles desde que assumiu o seu cargo foi frequentemente objecto de acerbas críticas nos países da Europa Ocidental. Toda a gente está presentemente de acordo para reconhecer que a sua tarefa foi levada a cabo com extremo tacto, persuasão que não excluiu firmeza, e sinceridade.

Apesar disso, temos de admitir a hipótese de Nasser rejeitar o plano que tem o nome do secretário de Estado. Que fazer nesse caso? Tudo depende da forma como o plano for apresentado. Desde já é possível dizer que a fórmula, inicialmente aventada pela Grã-Bretanha e a França — apresentá-lo sob a forma de um ultimato — é inteiramente inaceitável. Se o fizessem, seriamos rapidamente colocados perante a alternativa da guerra ou da humilhação.

A linguagem a usar com o coronel Nasser

Tudo indica que isso não acontecerá. Os cinco países representados na comissão presidida pelo sr. Menzies transformaram-se numa equipa disposta a negociar, dentro de certos limites, e rejeitaram, desde que iniciaram o seu trabalho, aquela fórmula absurda. Depois disso, a iniciativa pertenceu-lhes em larga medida. As conversações do Cairo, ás quais no seu discurso não foi dada publicidade perturbadora, prosseguirão por intermédio da mesma comissão ou pela via diplomática corrente.

Se isso acontecer, eis como o assunto deve ser posto ao chefe do Governo egipcio.

O coronel Nasser já teve tempo para estudar e meditar sobre os trabalhos da Conferência de Londres. Conhece em pormenor o plano a que deram a sua adesão dezoito países. E' sobre a base desse conhecimento que iremos agora negociar. De acordo com ele, o Egipto continuará a ser o dono do Canal, terá direito a tomar parte importante na sua gestão e ainda direito a uma larga percentagem dos rendimentos desta.

As condições a satisfazer

Mas há algumas condições que serão preciso satisfazer. O Canal precisa de ser beneficiado, pois é constante o aumento de tráfego, o que de resto só beneficia o Egipto que assim terá uma fonte de rendimento cada vez maior. Os accionistas da antiga Companhia devem ser indemnizados, sendo a indemnização fixada por negociações ou por arbitragem. Os empregados devem ter a certeza de que não serão deslocados e os pilotos a garantia de que não porão dificuldades ao exercício da sua missão profissional.

Os países cuja navegação utiliza o Canal, com o apoio das Nações Unidas, precisam de saber se este funcionará ininterrupta e normalmente, sejam quais forem as condições, e de que não haverá, em relação a nenhum deles, qualquer discriminação ou tratamento especial.

Se as suas intenções são, efectivamente, pacificas, não tem que recear qualquer quebra de prestígio, em virtude deste arranjo que satisfará os interessados.

Em caso de uma recusa do Egipto

Se, depois desta exposição, o coronel Nasser se recusar, de maneira terminante, a negociar quais serão as consequências? Não se encara a hipótese de recorrer á força, a não ser que o Egipto tome a iniciativa de um acto de agressão declarada. Vendo a questão pelo prisma puramente comercial e do interesse do Egipto, os outros países serão levados a concluir que este não é capaz de administrar o Canal, em termos satisfatórios. Esses países não têm, por enquanto, confiança no Governo do Cairo para desejarem que a sua gestão lhe fique exclusivamente confiada.

Embora aconselhemos os pilotos a continuarem ao serviço, eles não se sentirão tranquilizados se a administração do Canal for exclusivamente confiada aos Egipcios.

Finalmente há as repetidas declarações do coronel Nasser que não podemos ignorar e nos habilitaram a concluir que a sua palavra não basta para termos a certeza de que o transito no Canal estará sempre livre e se fará em quaisquer condições.

Passou em Lisboa

onde voltará em breve o prof. Dante Costa

Com destino a Roma passou, anteontem em Lisboa, por via aérea, o prof. dr. Dante Costa, ilustre médico e escritor brasileiro, mestre de Nutrologia e director dos cursos do S. A. P. S., que foi convidado individualmente para tomar parte no II Congresso Internacional de Dietética, convocado em conjunto pela F. A. O. e pela Associação Dietética Italiana e em que se espera que tomem parte 800 cientistas e professores de vários países do Mundo. O dr. Dante Costa presidirá ao simpósio, sobre o ensino da nutrição nos países sub-desenvolvidos, sendo a primeira vez que um cientista brasileiro recebe, pela sua especial competência e experiência, tão honrosa distinção.

O dr. Dante Costa, que é um grande amigo do nosso País, conta, terminada a sua actuação em Roma, visitar Portugal e em especial o Norte do País, assistindo á faina das vindimas no Douro, para o que se demorará alguns dias entre nós, com o propósito de reunir novos elementos para um livro consagrado ao «Itinerário da Uva e do Vinho» em que está a trabalhar.

MAU FILHO

agressor do pai

VILA REAL, 9 — Queixou-se á G. N. R., Serafim Pimenta, viuvo, de 60 anos, residente na Quinta de Sampaio, do lugar de Ponte, freguesia de Mouçós, contra seu filho Delfim Pimenta, de 26 anos, casado, arrendatário, residente no mesmo lugar. Acusa-o de após uma troca de palavras, lhe ter lançado as mãos ao pescoço atirando-o ao chão e dando-lhe uma pancada na região frontal, que lhe produziu dois ferimentos, dos quais foi receber tratamento no Hospital da Misericórdia.

Cartão diplomata

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre, de absoluta necessidade, em praxes protocolares, para pessoas de distinta condição social, bem como de bom gosto. A N I B A L Gravador — R. Nova do Almada, 64 — LISBOA. A casa que melhor trabalha.

Jantar de homenagem

a um médico

Promovido por um grupo de amigos, realiza-se depois de amanhã, ás 21 horas, no restaurante Alvalade, um jantar de homenagem ao sr. dr. Ludgero Pinto Basto, recentemente aprovado no concurso para assistente de clínica médica dos H. C. L. As inscrições podem ser feitas pelo telefone 78 07 16.

De ontem para hoje

✱ **PORTUGAL E A NAVEGAÇÃO A' VELA** — Há dois desportos em que Portugal é grande: o hóquei em patins e a vela. Em ambas estas modalidades têm dado de si conta brilhante, em competições internacionais, os nossos representantes. E' justo por isso que a baía de Cascais tenha sido escolhida, como foi, para o próximo campeonato da Europa, e provávelmente do Mundo. Regressaram ontem a Lisboa, de avião, os velejadores portugueses Joaquim Fiuza, Mário Quina, Fernando Pessoa e Duarte Belo, estrelas dos campeonatos agora realizados em Nápoles. Os seus companheiros, que, como eles, honraram a sua Pátria, chegarão a Lisboa de automóvel e na canhoneira «Diu». O desporto da navegação á vela, que afinal entronca na nossa vocação gloriosa do mar, merece decididamente, em Portugal, toda a protecção e aplauso.

✱ **TERRA MÁRTIR**— Em Maio do ano corrente, um violento temporal deitou a perder grande parte das searas de Monforte da Beira. Até os caminhos ficaram destruidos. A fim de atenuar os efeitos da catástrofe, o sr. subsecretário da Agricultura determinou agora que a F. N. P. T. empreste aos sinistrados o trigo e o centeio necessários para a próxima colheita. Esses cereais serão pagos em espécies, no fim da colheita. O sr. ministro do Interior concedeu também á Junta de Freguesia de Monforte da Beira o subsídio de 5.000$00 para reparações. E' compreensível o regozijo da população local.

✱ **DO AUTOCARRO PARA A ESQUADRA** — Zaragata pouco vulgar foi aquela em que se envolveram ontem dezanove dos vinte e um passageiros de um autocarro, enquanto os dois restantes, fleugmáticamente, presenciavam a cena. Começaram os nervos a vibrar com um desastre. Diante do autocarro, uma «scooter» derrapou devido á chuva. O motorista da Carris parou o veículo, afim de prestar socorro ao motociclista — António Joaquim Faria —, que se ferira gravemente. Logo os passageiros desceram também, com o mesmo intuito. A discórdia nasceu quando o condutor do autocarro entendeu dever dar a ordem de partida, para evitar atrasos de horário. Parte dos passageiros deu-lhe razão, enquanto outros o insultaram. E a questão acabou na esquadra, sendo três dos passageiros, os mais exaltados, enviados ao Tribunal de Polícia.

✱ **JORNAL PEQUENO** — No Palácio de Belém, estiveram a inscrever-se no livro de cumprimentos ao sr. Presidente da Republica os srs. embaixador dos Estados Unidos da América do Norte e contra-almirante João Baptista de Barros. ✱ O sr. Presidente do Conselho trabalhou ontem com os srs. ministros dos Negócios Estrangeiros e do Ultramar e recebeu o sr. general Willard K. Libel, chefe do M. A. G. ✱ A Exposição Colectiva Portuguesa, no Pavilhão das Nações, em Viena de Austria, foi visitada pelo chanceler Julius Raab. ✱ Vindo de Washington, chegou ontem a Lisboa, a caminho do Norte de Africa, o primeiro embaixador dos Estados Unidos da América do Norte em Marrocos, sr. Cavendish Cannon, antigo embaixador do seu país em Portugal. ✱ Em Oeiras, morreu o serralheiro José Joaquim da Conceição Vicente, de 17 anos, que se despenhou da altura de 20 metros. ✱ Recolheu ao Hospital de S. José o marítimo Manuel Reis Pereira, que se queimou com alcatrão fervente. ✱ Nas obras do estádio do Belenenses, morreu fulminado, ao tocar num cabo eléctrico, o servente Manuel da Silva Henriques, de 18 anos.

REVELAÇÕES DE UM MÉDICO — (2)

O marido triunfou

e ela era infeliz

pelo DR. F. WIEDEMANN

Foi no campo americano de Kreuznach que Maria encontrou, pela primeira vez, o ajudante Martin Manfredo Ziegler. Vivo, seco e esfuziante como champanhe, M. M., como ele gostava de se apresentar, falava inglês correntemente com sotaque americano. Fazia parte dos prisioneiros que se ocupavam da administração do campo e era desembaraçado, bem sucedido em tudo quanto empreendia. Tinha amigos entre os sargentos americanos, entregava-se a um tráfico em pequena escala, conhecia todos os truques. Maria agradou-lhe e ele facilitou-lhe a existência. Ela esperou-o em Ingel-Shein. Partiram juntos para Francfort; e aí começaram as suas relações. Construiram uma nova existência; ela estava certa de que este homem a amava, como ela própria julgava amá-lo.

Casaram quando ela ficou grávida, mas a criança morreu quando veio ao Mundo. Um pouco mais tarde, partiram para Munich, depois para a Renania e por fim fixaram-se em Hamburgo.

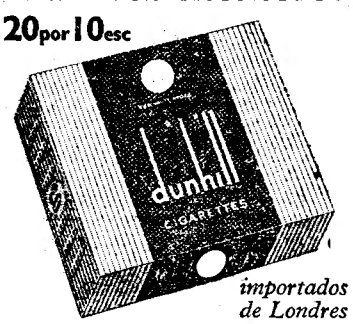
Ela queixava-se de dores de fígado e de estomago

Em 1950, Manfredo triunfara. O seu físico tinha mudado: engordou e tornou-se guloso, mundano, folgazão. Durante semanas ausentava-se de casa, em viagens de negócios. A' mulher nada faltava. Construira uma casa tal como ela a desejava. A sua vida parecia feliz.

Discretamente M. M. alugava pequenos apartamentos em todas as cidades onde tinha os seus negócios principais e instalava lá mulheres bonitas e elegantes, fazendo figurar as despesas na contabilidade da sua casa comercial como «gastos gerais».

A maior parte do tempo, Maria encontrava-se com o marido durante os fins-de-semana. Mas ele nun-

(Continua na 14.ª página)

CIGARROS
dunhill
cada vez melhores
20 por 10 esc


importados de Londres
AROMA — SUAVIDADE — FRESCURA

Dr. Fernandes Lopes
Raios X
Retoma a clínica no dia 15

«O ACADÉMICO»
SEXO MASCULINO — Rua Alvaro Coutinho, 14
SEXO FEMININO — Avenida da República, 13
Estão abertas as matrículas
LISBOA — Telef. 41148

A morte do a

Em câmara ardente

Na basílica da Estrela, sob cujas arcarias foi deposto o ataúde de Guerra Junqueiro, Joaquim Manso repousa para sempre. Sono tranquilo, como que visível de espiritualidade, de um homem que não receou a Vida nem a Morte, nunca as afrontando. E' a mesma presença grave e transcendente, do pensador admirável, que encontrou, finalmente, a Verdade que sempre procurou.

Na capela sombria, que apesar da luz do dia, parece velada de luto pesado, o seu caixão está rodeado de chamas, que ardem muito alto, e que, por vezes, oscilam, se inclinam, como sob o frémito misterioso das almas, que o querido morto amparava na sua dor.

E foram tantas! As flores, aos montões, revestem a essa negra, sobre a qual Joaquim Manso, com as mãos unidas, o rosto de uma serenidade espantosa, órbitas imensas, veladas por uma estranha melancolia, parece já «ver» os cruzeiros de astros, que lá em cima divagam, como um signo imortal.

Máscara serena, de mármore branco, expressivamente cinzelada, onde não há uma sombra, como se este homem justo, tivesse, afim, encontrado a suprema beatitude.

O corpo vestido de casaca está metido numa urna de pau-santo,

Na basílica da Estrela

até à hora da saída do funeral

altas individualidades da vida portuguesa

homenagearam a memória

do fundador do «Diário de Lisboa»

A's 8 e 30 foi celebrada missa de corpo presente, a que assistiram o engenheiro Pedro Manso Lefévre e representantes de diversas secções do «Diário de Lisboa». Sobre o corpo, foram colocadas muitas flores.

Pouco depois das 9 horas, chegou o professor António Manuel Pinto Barbosa, ministro das Finanças, e, em seguida, esteve também ali, em representação do dr. Henrique Veiga de Macedo, ministro das Corporações e Previdência Social, o seu chefe de gabinete, sr. dr Francisco da Gama Caeiro.

Ao principio da tarde, esteve na basílica da Estrela, a apresentar pêsames em nome do Presidente do Conselho, sr. dr. Oliveira Salazar, o seu secretário, sr. dr. Almeida Langhans.

Compareceram ali também, entre outras altas individualidades, os srs. prof. Marcelo Caetano, ministro da Presidência, e dr. Baltasar Rodrigues de Sousa, subsecretário de Estado da Educação Nacional.

Até ao meio-dia, desfilaram ante o corpo, além de muitas senhoras, numerosas pessoas, das quais citaremos os srs. coronel Esmeraldo de Carvalhais, professor Henrique de Barros, dr. João de Barros, João Pereira da Rosa, director do nosso prezado colega «O Século», dr. João Couto, director do Museu Nacional de Arte Antiga, Alberto Tota, pintores Abel Manta e João Reis, arquitecto Eugénio Corrêa, tenente-coronel Luís Rodrigues, segundo-comandante da Polícia de Segurança Publica de Lisboa, poeta Silva Tavares, vice-almirante Tito de Morais, Alfredo Gandara, presidente do Sindicato Nacional dos Jornalistas, Boavida Portugal, José Mayer, Mário Maurício, actor Carlos Leal, Francisco Fons, Alberto Lopes Parada, Ferreira da Cunha, representando a direcção da Caixa de Reforma dos Jornalistas, Fernando Assunção, representando o dr. Alvaro Madeira, director do «Diário de Coimbra», o chefe de redacção e os redactores, D. António Alvito, Artur Portela, pela Casa da Imprensa, José Pedro de C. Tavares, representando seu cunhado, Mário Oliveira Viegas Tavares, de Cardigos, dr. Tavares de Almeida, chefe dos Serviços de Imprensa do S. N. I., em nome do dr. Eduardo Brasão, secretário Nacional, pintor Guilherme Filipe, João António Abranches Félix Correia, Mário Quintela, Urbano Rodrigues, António Marques, Armando Machado, arquitecto Frederico Caetano de Carvalho, Alfredo de Almeida, Augusto Hilário, Armando de Azevedo, José Luís Ribeiro, Moysés Israel, dr. Campos Coelho, dr. Rafael Marçal, Juan Márquez, Galino Marques, Frederico Margall, dr. Eduardo Neves, pelo Grupo Amigos de Lisboa, dr. Vasco de Barros Queirós, pelo conselho de administração da Companhia de Seguros «A Mundial», dr. Ferreira de Almeida, pelo dr. Mário Lyster Franco, director do «Correio do Sul», dr. Elias Baruel, Diamantino Tojal, pintor Martinho da Fonseca, dr. Luís da Camara Reys, engenheiro António Branco Cabral, secretário geral da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, Isidoro de Oliveira Carvalho Costa Mota, Alves dos Santos, chefe da delegação do «Comércio do Porto» em Lisboa, por si e em representação dos srs. Seara Cardoso, Manuel Filipe Seara Cardoso e Hugo Rocha, respectivamente director, director-adjunto e chefe da redacção, Geraldo Soares, Manuel Bastos Agonia, Mário Heitor, director do Colégio Valsassina, Carvalhão Duarte, director da «Republica», Acursio Pereira, chefe da redacção de «O Século», dr. F. P. Marjay, ex-conselheiro cultural da antiga Legação Real da Hungria, António Alberto Joyce Fons, Bernardino Dias, João Raimundo Antunes de Almeida Cortegaça, Carlos Cília, Vitor Manuel Teixeira Leite Guerreiro, Manuel Martins da Hora, etc.

Estiveram também ali os redactores do «Diário de Lisboa», dr. Mário Neves, Felix Correia, D. Manuela de Azevedo, dr. Tavares da Silva e dr. Urbano Tavares Rodrigues, além de numerosos empregados da administração do nosso jornal.

A' hora a que fechamos a nossa edição de hoje, está a organizar-se o funeral, que seguirá da Estrela para jazigo no Alto de S. João.

Os «ardinas» do Chiado

Num gesto espontaneo e tocante de emoção, numerosos vendedores dos jornais estiveram na basílica da Estrela, a velar os restos mortais do nosso venerando director. Entre outros, fizeram-se notar os «ardinas» do Chiado, a quem o sr. dr Joaquim Manso muitas vezes comprava o seu próprio jornal, maneira delicada de os proteger e, por vezes, até de saber as opiniões do homem da rua.

Dois dos ardinas do Chiado que estiveram, na camara ardente, são Manuel e João Leite de Pinho, figuras pitorescas e muito conhecidas daquela artéria. A sua comoção era extrema.

Uma homenagem do Rotary

Na reunião de hoje do Rotary Clube de Lisboa, na Casa do Alentejo, o sr. eng. Martins Galvão disse que morreu uma grande figura da Imprensa portuguesa, anunciando que ia enviar o seguinte telegrama: «Rotary Clube de Lisboa apresenta a todo o corpo redactorial do «Diário de Lisboa» sentidas condolências pela perda do seu ilustre director que tão altamente era apreciado no nosso clube onde tinha tantos amigos».

Seguidamente, fez o elogio da personalidade e da acção do dr. Joaquim Manso, que, em toda a sua vida, teve o ideal que sintetiza a ideia rotária: servir.

O nosso camarada de redacção Félix Correia agradeceu.

O Papa

a

em face

HAIA, 11 — Por motivo do VII Congresso Internacional dos Médicos Católicos, o Papa Pio XII tratou, num discurso transmitido pela Emissora do Vaticano, da «moral médica e do direito médico».

«Sem entrarmos em longas considerações teóricas — declarou o Padre Santo —, desejaríamos repetir e confirmar o que temos afirmado tantas vezes e que os nossos antecessores nunca deixaram de inculcar: o direito á vida, o direito á integridade do corpo e da vida, o direito aos cuidados que lhe são necessários, o direito a ser protegido dos perigos que o ameaçam, recebe-os o indivíduo imediatamente do Criador e não de um homem, nem de grupos de homens; não do Estado ou de grupos de Estados, nem de qualquer autoridade política».

Dr. Joaquim Manso

tendo a cabeça coberta de crepes. Numa almofada, vêem-se as suas condecorações.

Cerraram-se para sempre aqueles lábios, que foram uma fonte de fé e de esperança, de carinho e de bondade.

Aquela mão, que tanto escreveu, agora branca, exangue, dir-se-ia uma asa que tivesse pousado sobre o corpo para o arrebatar para as regiões etéreas. A' volta, entre a família e todos os redactores do «Diário de Lisboa», pessoas das mais diversas categorias sociais, desde as mais altas individualidades, até ás de humilde condição.

Há figuras impressionantes: são os pobres, os esquecidos do banquete da vida, que Joaquim Manso ajudou sempre com a inexaurível generosidade do tesouro do seu compassivo coração.

Os sinos dobram constantemente, cavos e soturnos, em badaladas que que nos ferem o peito.

A igreja enche-se de orações, num sussurro imenso. Dão-se cenas impressionantes. Há pessoas que querem tocar o corpo, numa ultima homenagem, e ouvem-se, correndo, baixinho, doloridos prantos.

No altar em frente, para onde Joaquim Manso olha já da eternidade, a figura de Cristo ajoelhado em sofrimento e paixão. Verga-o a Cruz enorme, e, no seu manto roxo, agora estranhamente iluminado por um reflexo de oiro que atravessa os vitrais da capela, dir-se-ia cair um rosário de bençãos sobre o homem que a morte libertou, entregando a alma pura ao Criador.

O ambiente é doloroso, transido, impressionante. Já não há espaço para colocar mais flores que chegam de toda a parte—Primavera de uma ressurreição.

Joaquim Manso sabia que ia morrer. Numa presciência misteriosa, marcou a data trágica que o destino confirmou.

Porquê? Como o adivinhou? Disse-o, porém, aos seus íntimos, que se perdem ali, na camara ardente, esbraseada de lumes, numa floresta de chamas, enquanto a multidão, num pungente preito de luto e de saudade, perpassa continuamente pela catafalco.

Lisboa, de luto, acompanha, num grandioso cortejo, o féretro. Naquele ataúde não vão, apenas, a luminosa inteligência, o impoluto carácter de todo um homem. Mais do que isso: o seu coração enternecido, que parece ainda estremecer como se sofresse por nos ver chorar!

ÚLTIMA IMAGEM: O CORPO NA URNA FUNERÁRIA

A repercussão no Porto

PORTO, 11 (Pelo telefone) — A morte do dr. Joaquim Manso causou no Norte, designadamente nesta cidade, o mais profundo pesar. Quando a notícia do triste acontecimento chegou ao Porto, toda a gente lamentou sinceramente o facto.

O «Diário de Lisboa» faz há sete lustros parte integrante da vida social do Porto. O cidadão portuense espera encontrar nas suas páginas as novidades que os jornais da manhã lhe não podem dar. Nos dias agitados da vida nacional, ou quando no estrangeiro se dão acontecimentos que a todas as pessoas interessam e apaixonam vivamente, é sempre com avidez que o Portuense espera o «Diário de Lisboa», não se poupando a sacrifícios para adquirir um exemplar.

O povo do Norte tem um admirável sentido de independência de opiniões — altivo e independente como é. Em nenhuma outra terra portuguesa, a obra realizada pelo insígne jornalista poderia ter sido tão justamente apreciada como é no Porto. E porque os homens, obedecendo á fatalidade do seu dramático destino, são apenas o que fizeram e realizaram em prol da sociedade em que vivem e actuam, é que, perante o fim do espírito humano, numa espécie de Juizo Final, para lá e muito acima da vida pessoal e humana dos que partem para o Além, se oferece á justa e honrada consideração dos que ficam o bem ou mal que fizeram.

Por isso a tristissima e dolorosa notícia da morte do eminente jornalista é, desde ontem, o assunto de todas as conversas nos meios citadinos. Todos sabem e sentem que morreu alguém que deu novos horizontes ao jornalismo em Portugal, criando no «Diário de Lisboa» uma verdadeira escola de profissionais da Imprensa, tão certo é que as melhores escolas de jornalistas continuam, com efeito, a ser os próprios jornais.

O dr. Joaquim Manso tinha na cidade do Porto e em toda a vasta região do Norte inumeros admiradores, que poderiam contar-se pelo numero dos leitores do «Diário de Lisboa». Não admira, pois, que a notícia do falecimento tenha corrido a cidade de lés a lés, impressionando-a fortemente. A' nossa delegação chegam, constantemente, os telegramas e os cartões de condolências e a todos os instantes se recebem telefonemas de pesames. Aqui vieram expressamente apresentar condolências os nossos camaradas da Imprensa Joaquim Alves Teixeira, director do «Norte Desportivo», João Sarrasqueiro, e Anacleto da Ponte, do «Diário do Norte», Manuel Azevedo, do «Primeiro de Janeiro», Octávio Sérgio e António Pedroso, da sucursal de «O Século». Também esteve nesta delegação o eng.º Custódio Guimarães, presidente da Agência da Liga dos Combatentes da Grande Guerra e professor do Instituto Industrial do Porto.

O subsecretário do Exército visitou hoje Cavalaria 7

O subsecretário de Estado do Exército, sr. coronel Almeida Fernandes, visitou hoje de manhã o aquartelamento do Regimento de Cavalaria 7, na Calçada da Ajuda.

Aquele membro do Governo, que dispensou honras militares, chegou ali ás 10 e 45 e foi recebido pelos srs. generais Correia Guedes e Leonel Vieira, respectivamente, ajudante general do Exército e governador militar de Lisboa; brigadeiro Meira e Cruz, inspector da Arma de Cavalaria; coronel Oliveira Reis e tenente-coronel Luís Valentim Deslandes, respectivamente, 1.º e 2.º comandantes de Cavalaria 7; tenentes-coroneis Carpinteiro, comandante do Regimento de Lanceiros 2; e Santana Pereira, comandante do Batalhão de Metralhadoras 1; e oficiais em serviço em Cavalaria 7.

Após os cumprimentos do protocolo, o sr. subsecretário de Estado do Exército dirigiu-se para o gabinete do comando, onde o sr. coronel Oliveira Reis dirigiu palavras de saudação áquele membro do Governo, que, por sua vez, agradeceu e disse da sua satisfação em visitar aquela unidade.

Depois do sr. coronel Oliveira Reis ter feito a apresentação dos oficiais da sua unidade, deu-se começo á visita ao aquartelamento, onde foram apreciadas algumas obras de melhoramentos em curso.

Terminada a visita, o sr. subsecretário de Estado do Exército, seguido das referidas entidades oficiais, dirigiu-se para as proximidades de Algés, onde, na Estrada Larga, passou revista á formatura de carros de combate do Regimento de Cavalaria 7, após o que o material motorizado desfilou em continência.

O sr. coronel Almeida Fernandes voltou á sede da unidade, onde lhe foi oferecido um almoço, no qual tomaram parte os restantes convidados.

Os trabalhos de hoje do Congresso da Química

No Instituto Superior Técnico, prosseguiu hoje, de manhã, o programa de trabalhos das dez secções do XV Congresso Internacional de Química Pura e Aplicada.

Terminada a leitura das comunicações apresentadas, proferiram conferências nas 3.ª e 4.ª secções, respectivamente, os srs. prof. dr. K. Cruse (Alemanha), sobre «A Titulação por alta frequência, na Análise Química», e prof. dr. Duyckaerts (Bélgica) que dissertou sobre o «Progresso em análise espectral molecular quantitativa».

Depois, houve um almoço, no Castelo de S. Jorge, oferecido pela Sacor».

Durante a manhã e á tarde, dois turnos de congressistas visitaram as instalações da Sacor, em Cabo Ruivo.

De manhã, as senhoras deram um passeio fluvial, no barco «Lisbonense», tendo largado do Cais do Sodré, ás 10 horas.

A' noite, o dr. Archer J. P. Martin (prémio Nobel) profere uma conferência sobre «Cromotografia gás-líquido».

definiu hoje moral e o direito médicos da lei divina

Entrando, a seguir, na parte principal do assunto, o Pontífice declarou que «é lícito afirmar-se com certeza que a moral médica e o direito médico são senhores cada um no seu campo de acção e não admitem a intrusão de outro. Mas — acrescentou — isto só é exacto em parte: porque o direito positivo apenas tem valor e força executória na medida em que é reconhecido por Deus, fonte decisiva e suprema de todo o direito. Deus, por outro lado, em caso nenhum pode apoiar com a sua autoridade uma lei que O contradiz, isto é, que contradiz a ordem moral que Ele mesmo instaurou e tornou obrigatória. Segue-se que o direito médico está subordinado á moral médica que exprime a ordem moral querida por Deus. Assim, o direito médico nunca pode permitir que o médico ou o doente pratique a eutanásia directa. E' idêntica a situação quanto á supressão direc-

(Continua na 11.ª página)

1.700 casas destruídas pelo fogo

TOQUIO, 11 — Um grande incêndio destruiu 1.700 casas, um hospital, um cinema, vários bancos e uma fábrica, depois de ter lavrado durante toda a noite na cidade de Onzu (Jajão Central).

Pelo menos ficaram gravemente feridas 22 pessoas durante o sinistro, que causou prejuízos calculados em 2 milhões de libras esterlinas. — (R.).

Intelectuais italianos agraciados por Portugal

ROMA, 11. — Numa cerimónia na Legação de Portugal, para entrega de insígnias a intelectuais italianos, foram, também, condecorados, além do príncipe Aliata de Monreale, presidente da Academia do Mediterraneo, e do dr. Enzo Carducci, director da revista «Revista Latina», respectivamente, com o grande oficialato e o oficialato da Ordem de Cristo, o prof. Leo Magnino, presidente dos «Amigos de Portugal», com a comenda da mesma Ordem, e o dr. Gilberto Bernabei, director geral dos Serviços de Radiotelevisão Italiana da Presidência do Conselho, com a comenda da Ordem de Santiago.

O encarregado de Negócios de Portugal, dr. Rui de Medina, pôs em evidência os serviços prestados ao seu país pelos condecorados. — (A. N. I.).

Vinhos gazeificados
SURPRESA
actualmente no mercado

Alimente-se bem
Por 15$00, Almoços e Jantares á americana, compostos de sopa, peixe, carne, pão, vinho e fruta.
Pastelaria S. João, L.da. Aven. de Paris, 3-A. Telef 725600—LISBOA

NA FEIRA POPULAR DE LISBOA
UM LUNA PARQUE A' ALTURA DOS MELHORES RECINTOS DE DIVERSÕES EUROPEUS
Encontra tudo o que há lá fora:
PAVILHÕES DE EXPOSIÇÃO DO COMERCIO E INDUSTRIA — DIVERTIMENTOS E ATRACÇÕES — RESTAURANTES E RETIROS — DOCES REGIONAIS — CERVEJARIAS, BARES E ESPLANADAS — CAFÉS — SUMOS — BEBIDAS — GELADOS — VINHOS DE TODAS AS REGIÕES — COMODAS VIAGENS NA COMBOIO AUTOMOVEL
E ainda
A TELEVISÃO
VISITE OS SEUS ESTUDIOS — VEJA OS PROGRAMAS
ENTRADA 1 ESCUDO

O Anjo Mudo

N.º 12

ARGUMENTO DA SENTIMENTAL PRODUÇÃO ALEMÃ A ESTREAR NO EDEN, APRESENTADA POR MOMENTO FILMES

resposta. Depois disse com voz segura:

—Essa aluna é, na verdade, técnicamente, quase perfeita. Mas penso que esse papel exige uma força interior... e, por isso, chamo a sua atenção para outra criança...

Mais uma breve pausa e exclamou:

—Angélica!

A colega de Sílvia não se conteve. O rubor subiu-lhe ás faces, despeitada e, disposta a defender a sua candidata, arriscou com ironia:

—A minha colega deixa-se levar pelo sentimento...

O director arriscou:

—Talvez, ela tenha razão para o fazer...

E, fixando, atentamente, Sílvia, perguntou-lhe:

—Toma a responsabilidade por essa criança ?

Enérgica, Sílvia respondeu:

—Sim. Ela está aqui há quatro semanas, apenas, mas aprendeu mais nesse tempo do que as outras num ano.

A professora de Carlota esboçou um protesto que foi abafado com a proposta do director da Opera:

—Antes de decidirmos proponho que as submetamos a uma prova.

E concluiu:

—O melhor será as duas estudarem o mesmo bailado.

A reunião terminara. O director despediu-se dos seus colaboradores. Todos saíram. Mas na sala havia de permanecer por muito tempo a luz rancorosa que iluminara por momentos os olhos rfios e parados da colega de Sílvia e amiga de Carlota.

CAPITULO V

Terrivel acusação

Era a hora dos aperitivos e o «bar» regorjitava de gente que havia terminado o trabalho e gozava umas horas de repouso antes de regressar a casa para jantar. Havia gente de todas as profissões, mas, principalmente, avultavam os artistas. Por isso se justificava a presença de Roberto Halegger que não retirava os olhos da entrada como se esperasse ver entrar alguém que lhe era grato.

Não tardou que surgisse Sílvia. Vinha da Opera e parecia preocupada. Acercou-se da mesa do noivo que se ergueu e lhe indicou a cadeira onde deveria sentar-se.

— Desculpa fazer-te esperar. — disse ela, sorrindo.

Roberto correspondeu ao sorriso e objectou:

— Calculei que te ias demorar mais tempo...

— Afinal não pedi a demissão. Não posso abandonar a pequena. Ela tem o triunfo á porta...

Roberto não protestou, nem se surpreendeu. Ele sabia que aquilo ia acontecer. Conhecia suficientemente bem Sílvia para conhecer até que ponto ia a sua paixão pela profissão a que se devotara. E, agora, que surgira a oportunidade de criar uma nova vedeta do «ballet», decerto, ela não estaria disposta a trocar a sua carreira pelo casamento. Roberto sabia bem que isso não queria dizer que ela o não amasse. Não. Simplesmente, era caprichosa e havia de querer fazer da pequena Angélica uma verdadeira obra sua.

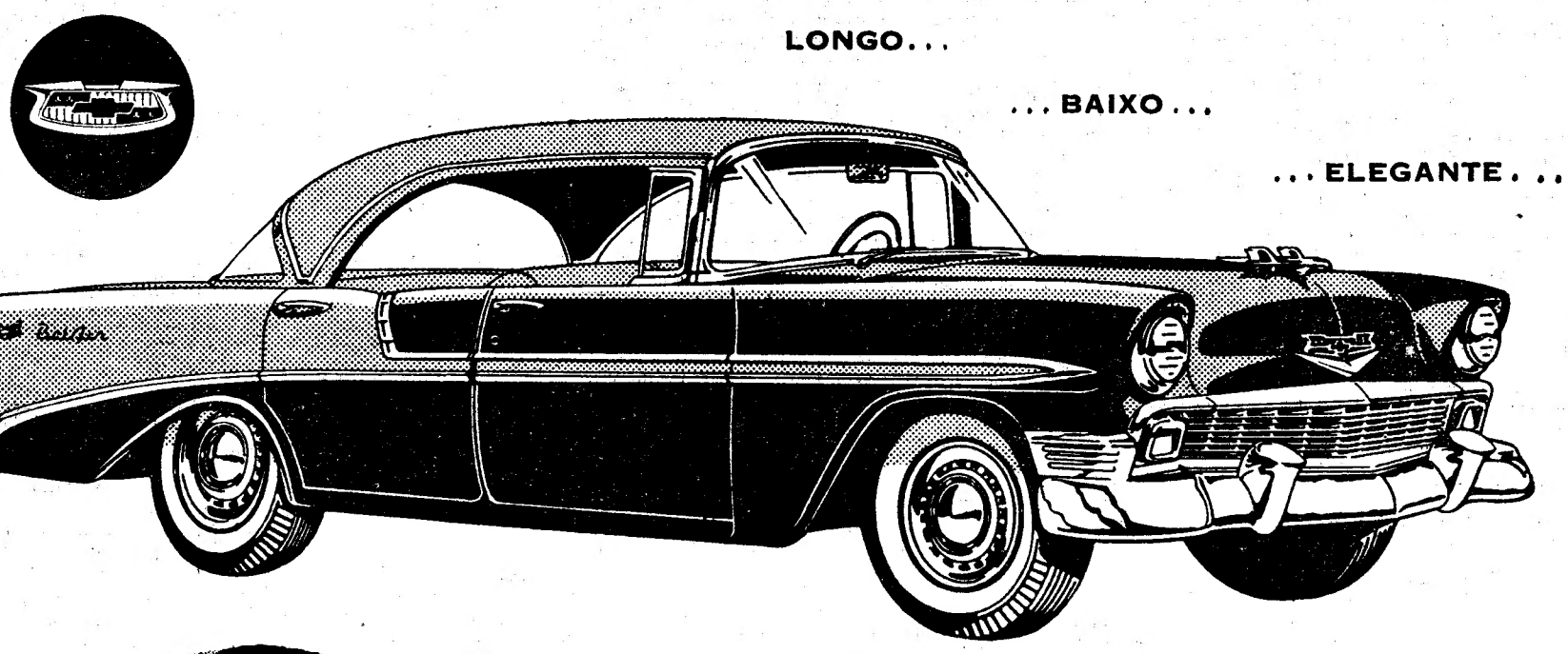
Apaixonadamente, ele envolveu-a no olhar. Sílvia sentiu-se mais feliz. Roberto compreendia a situação e era o primeiro a encorajá-la na tarefa a que ia devotar-se. Agora, mais do que nunca, ela tinha de fazer triunfar a sua pupila. Não podia abandoná-la e estava decidida a lutar contra a má-vontade da sua colega e a inveja das outras alunas. Também sabia que a luta

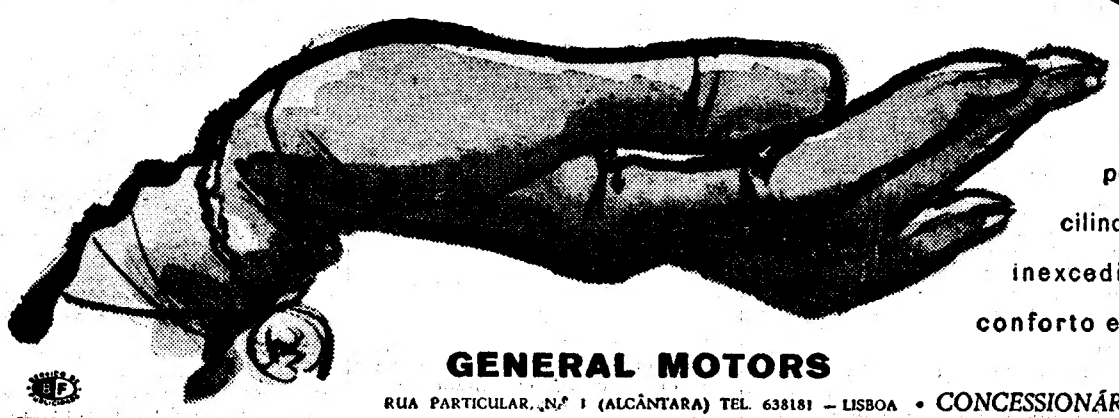
Roberto Halegger não retirava os olhos da entrada...

(CONTINUA)

CHEVROLET 1956

o carro de maior produção e venda no mundo!





O seu estilo sobrio, o seu acabamento superior e a perfeição mecânica dos seus motores de 6 e 8 cilindros fazem do CHEVROLET um carro inexcedível—na sua categoria—em performance, conforto e beleza.

GENERAL MOTORS SERVIÇO

EM TODO O PAIS POR MECANICOS TREINADOS NO INSTITUTO TECNICO G. M.

GENERAL MOTORS

RUA PARTICULAR, N.º 1 (ALCÂNTARA) TEL. 638181 — LISBOA • CONCESSIONÁRIOS EM TODOS OS DISTRITOS DO PAÍS

SOREL

L I M I T A D A

CONCESSIONÁRIO DA GENERAL MOTORS

•

Rua Tomaz Ribeiro, 97 - LISBOA
Telef.: P P C A 58111 (6 linhas)

Apresentam no seu novo salão de Exposição e Venda vários modelos do

CHEVROLET 1956

CADILLAC • OLDSMOBILE • CHEVROLET • OPEL • VAUXHALL • BEDFORD

Pequenas notícias

PELA POLICIA

MOTOR ROUBADO — Pela Polícia Judiciária foi apreendido há tempos um motor a gasolina próprio para tirar água, que há meses foi furtado por uma quadrilha que praticou vários furtos em Lisboa e arredores. A referida Polícia procura identificar o dono do motor, não só para prestar declarações, como para lhe ser entregue.

PELOS HOSPITAIS

ENGANO FATAL — Por ter ingerido, por engano, um remédio, faleceu hoje, pouco depois de ter entrado na sala de observações do Hospital de S. José, o sr. dr. Adriano da Conceição Dias, de 34 anos; médico, residente no Largo da Matriz, em Portel, e acidentalmente em Lisboa, em casa de pessoa de família.

QUEDA MORTAL — Faleceu hoje, no Hospital de S. José, para onde entrara há tempo, por ter caído na sua residência, a sr.ª D. Emília Fernandez Martinez, de 72 anos, espanhola, moradora na Avenida Conde Valbon, 65, 2.º, Dt.º.

QUEIMADURAS GRAVES — Recolheu á sala de observações do Hospital de S. José, Manuel da Silva Pires, de 35 anos, pintor, residente na Rua C, n.º 68, ao Bairro da Liberdade, que foi atingido pela explosão de um maçarico quando trabalhava na Calçada dos Mestres e ficou muito queimado no rosto.

—Também ali foi conduzida Elisabete Maria Rodrigues, de um ano de idade, moradora no Beco dos Peixinhos, 2, 1.º, que ficou muito queimada pelo corpo por ter sido atingida por sopa a ferver.

QUEM PERDEU?

Objectos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): um cabaz de verga, contendo uma panela de alumínio, um selim de velocípede, dois pneus com jante, para veículo pesado, dois tampões de depósito de gasolina, dois porta-moedas com dinheiro, um tampão de roda de automóvel, uma bota de pelica branca, para criança, diversas argolas com chaves e chaves desirmanadas, um par de luvas de senhora, um porta-moedas, contendo um terço e uma pequena quantia, um estojo com um par de óculos graduados, um par de óculos escuros, um fato completo, para homem, uma planta de um edifício, uma carteira de plástico, contendo fotografias, uma caneta esferográfica, oito anilhas e uniões de cobre, próprias para mangueiras de rega, o bilhete de identidade, passado pela Acção Social da Armada, a Carlos Marques da Agonia, uma sombrinha de senhora, uma bicicleta, pintada de azul e uma quantia em dinheiro.

Encontram-se depositados na Secção de Justiça da P. S. P. (Governo Civil), para ser entregues a quem provar pertencer-lhe, os seguintes artigos, que se supõe tenham sido furtados: cinco pares de cuecas de senhora, cinco toalhas de rosto, duas camisas de homem, dois pares de calças, um «pull-over», um casaco de fazenda para homem, dois lençois e um cobertor de flanela.

DE LUTO

António de Azevedo Castelo Branco

Vitimado por uma trombose, faleceu ontem o sr. António de Azevedo Castelo Branco, filho do falecido conselheiro José de Azevedo Castelo Branco e irmão do eng.º José de Azevedo Castelo Branco, também já falecido, e do sr. Camilo de Azevedo Castelo Branco. O funeral sai da basílica da Estrela, onde o corpo se encontra depositado.

Mortos e feridos

num choque de comboios

KANSAS CITY, 11 — Perto desta cidade, chocaram dois comboios, um de passageiros e outro de mercadorias. Houve quatro mortos e vinte e um feridos. Ficarám destroçadas duas carruagens de passageiros e onze vagões.

O choque foi devido a avaria na sinalização luminosa do entroncamento ferroviário, próximo do qual se deu o desastre.—(A. N. I.).

O AUXÍLIO MILITAR

americano à Pérsia

TEHERÃO, 11—Os generais americanos Peakins Mac Guare e Dudley Charp, respectivamente, subsecretários de Estado da Defesa e da Aeronáutica chegaram a esta capital, para conferenciar com o ministro da Guerra sobre as necessidades militares da Pérsia.—(F.P.).

A Fiscalização apreendeu muito azeite sonegado ao manifesto

Os Serviços de Fiscalização da Intendência Geral dos Abastecimentos estão a ultimar processos contra indivíduos que, por ocasião do recente manifesto do azeite, não indicaram as existências que realmente tinham, ocultando quantidades apreciáveis, que foram encontradas. Entre eles, figuram proprietários e lavradores de Ramalhais de Cima (Pombal), Besteiros (Vila Nova de Ourém), Casal do Espírito Santo (Lousã), Grijó (Macedo de Cavaleiros), Castro Vicente (Mogadouro), Vilar Chã (Alfandega da Fé) e Fornos (Cantanhede). Um dos processados (na Lousã) manifestou 20 litros de azeite, tendo-lhe sido encontrados 838 litros. Os fiscais apreenderam alguns milhares de litros de azeite, no valor de dezenas de contos.

Em Meadela, foi preso um vendedor ambulante, por andar a vender a mistura de azeite a preços especulativos. Apresentado em tribunal, foi caucionado em 5 contos.

Foram também processados: um retalhista da Praia do Ribatejo e um outro de Pombal, por especularem e venderem azeite adquirido ilegalmente.

Talhantes processados

Foram presos em flagrante delito de especulação o talhante Mário Fernandes Gouveia, do Montijo, e o cortador Alvaro Silva Neto, de Palmela. Entregues em Tribunal, o primeiro foi condenado em multa e imposto de justiça, e o segundo prestou caução de mil escudos. No Porto, foram processados 2 talhantes (um do mercado do Bom Sucesso) e 4 cortadores, todos por especulação também, com diferenças a mais de 2$10 e 7$80 em quilo de vitela e vaca. Em Gaia, foram ultimados os processos contra 2 talhantes que vendiam vitela com aumentos de 5$60 e 9$60 em quilo, respectivamente. No mercado de Cascais foram processados 3 talhantes, um dos quais vendeu vitela com uma diferença especulativa de 8$00 em quilo. Este indivíduo havia já sido processado, 5 dias antes, por igual delito.

Em Sesimbra, um outro talhante foi autuado por ter cobrado, numa porção de carne de vaca, mais 5$20 do que a tabela. No mercado 31 de Janeiro, em Lisboa, foi processado um cortador que vendeu carne de vaca do preço de 29$60, á razão de 37$00. Foram ainda processados na capital, um talhante do mercado de Arroios e um outro da Rua dos Poiais de S. Bento, ambos por especularem na venda de carne de vaca.

Os preços da hortaliça e da fruta

Os preços da hortaliça e da fruta também têm sido activamente vigiados. Em Viana do Castelo, foram processados: um estabelecimento de frutaria que, podendo vender pêssegos, com lucro legal, a 45$60 a duzia, os vendia a 60$00; um retalhista de Monção e um grossista de Viana do Castelo (que forneceu áquele uva vulgar ao preço da de moscatel, e o retalhista vendia-a como tal, lesando o publico em cerca de 2$00 em quilo); e dois vendedores por não terem afixado as etiquetas indicativas de preços.

Os lucros da venda de fruta estão fixados, chamando-se para o caso a atenção dos interessados.

Também em Viana do Castelo foi processada uma hortaliceira, por estar a vender a cebola a preços abusivos, tendo prestado falsas declarações.

Outros processos

Continuam a ser verificadas as existências e o comércio de peles de coelho, dadas as necessidades da industria de chapelaria e de feltro. Foi processado um tintureiro, de S. João da Madeira, que foi encontrado a exercer a industria de corte de pêlo, apesar de ter sido anteriormente notificado de que não a podia exercer. Foram apreendidas algumas dezenas de quilos de peles de coelho.

Por recusa de passagem de recibos de rendas pagas, foram processados: um proprietário de Lisboa; um de Arrancada do Vouga (Agueda); e uma proprietária de Paços de Sousa (Penafiel).

Foram processados também: uma firma da Rua José Ricardo, por recusa de venda de leite pasteurizado; uma outra, da Rua Edite Cavel, por especulação na venda de linguiça; um comerciante da Nazaré, por especular na venda de manteiga meio-sal; um retalhista da Foz do Arelho, por vender toucinho e banha a preços superiores á tabela; e uma pensão de Moledo do Minho, por falta de ementa com os preços das refeições.

O Papa e os médicos

(Continuação da página central)

ta do feto e aos actos médicos que contradizem a lei de Deus claramente manifestada. Em tudo isto, o direito médico não tem qualquer autoridade e o médico não é obrigado a obedecer-lhe. Pelo contrário, tem o dever de não o acatar». «Não deve o médico — prosseguiu — tomar uma decisão conforme aos seus gostos subjectivos ou segundo o seu capricho, a menos ainda consentindo ou adaptando-se a rogos ou a desejos imorais. Deve ouvir à sua consciência esclarecida por normas objectivas e pensar em Deus a Quem terá de prestar contas».

Em conclusão, o Sumo Pontífice congratula-se com a colaboração internacional que ilustra o actual congresso: «Temos especial motivo para louvar a vossa Associação Internacional e fazer votos pelo seu progresso. Isto porque constituis uma associação de médicos católicos. Sem duvida, não tendes ao vosso dispor, como católicos, um conhecimento médico particular, mas tendes a vossa maneira própria de considerar os problemas da vossa profissão».

Finalmente, Pio XII deu a bênção apostólica a todos os participantes no congresso. — (F. P.).

Dois Portugueses

vítimas de desastre no Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO, 11—Fracturou o cranio o Português António Ramos Frade, de 57 anos, casado, residente na Rua André Rocha, 1815, que era passageiro de um autocarro que se virou na Estrada dos Bandeirantes, por o condutor estar embriagado.

Do desastre resultaram duas mortes e vinte e sete feridos. Entre estes conta-se outro português: Manuel Baptista, de 45 anos, casado.—(A. N. I.).

VINHOS VERDES
DE AMARANTE
DA CASA MOURA BASTO
SÃO OS MAIS APRECIADOS
AGENTE PARA LISBOA E AR REDORES
J. A. DA COSTA PINA
RUA DO ALECRIM, 69 — LISBOA

A liberdade de Imprensa

será mantida no Brasil

RIO DE JANEIRO, 11. — «Não será mais apreendido, no Brasil, qualquer jornal ou revista» — declarou, na Camara Federal, o «leader» da maioria, Vieira de Melo, que acrescentou:

«Estou falando — disse — como *leader* da maioria e exprimindo a opinião do Governo, para declarar que, legais ou ilegais, esses actos não mais se repetirão».

Vieira de Melo respondia, na altura, a interpelações dos deputados oposicionistas, que se referiam á apreensão da «Tribuna da Imprensa», do «Estado de São Paulo» e, por ultimo, da revista «Maquis».

O orador defendeu as propostas do Governo para se adoptar a nova Lei de Imprensa, a que ele chamou «Lei de responsabilidade», porque «nenhum regime se defende quando exposto a todos estes ataques frontais e laterais que se verificam agora neste país». — (A. N. I.).

Voltou-se um automóvel

próximo de Alpiarça e feriram-se os ocupantes

SANTARÉM, 11 — (Pelo telefone)—Próximo de Alpiarça, e em consequência de a estrada estar molhada, derrapou um automóvel conduzido por D. Maria Eugénia Marques dos Santos, de 38 anos, viuva, natural de Luanda, e residente na Rua Padre Manuel Nóbrega, 11, 1.º, em Lisboa.

Seguiam também no veículo, que se voltou, a mãe da sua condutora, D. Maria Adelaide dos Santos, de 58 anos, e sua filha, Anisabele Santos Marques, de 12 anos, e ainda o sr. José Sampaio Fernandes, de 33 anos, casado, comerciante, residente em Lisboa. As duas senhoras ficaram internadas num quarto particular do hospital da Misericórdia de Santarém, com diversos ferimentos. Os outros passageiros sofreram apenas leves ferimentos.

Vão reatar-se as negociações

russo-japonesas?

TÓQUIO, 11—O Governo aprovou, em princípio, uma viagem do primeiro-ministro, Hatoyama, a Moscovo, a fim de prosseguir as negociações já interrompidas por duas vezes.

O Governo obteve confirmação através do seu embaixador em Londres de que a U. R. S. S. está disposta a afastar-se das questões territoriais, limitando as negociações ao fim de estado de guerra, ao regresso dos prisioneiros, á troca de embaixadores, ao apoio da candidatura do Japão ás Nações Unidas e ao acordo sobre a pesca.—(F. P.).

Homenagem em Moçâmedes

ao comandante Sarmento Rodrigues

MOÇAMEDES, 11 — Esta cidade presta homenagem ao comandante Sarmento Rodrigues, dando o seu nome a uma nova avenida.

Moçamedes recorda, assim, os muitos benefícios que recebeu durante o período em que o comandante Sarmento Rodrigues foi ministro do Ultramar, entre os quais se salientam o fornecimento de energia eléctrica da Matala, o alargamento da bitola do caminho de ferro até Sá da Bandeira e o plano de estudos de construção do porto. —(A. N. I.).

FALSO BOATO

sobre um «homem-rã»

LONDRES, 11—Uma comissão de inquérito averiguou que o esqueleto arrojado pelo mar, há dias, para um banco de areia da ilha de Hayling, perto de Portsmouth, não é o do «homem-rã», comandante Lionel Crabb, desaparecido naquele porto em Abril passado.

A comissão averiguou que se tratava de uma pessoa morta talvez há quinze anos, não sendo possível determinar as causas da morte.—(F. Presse)

O PORTO pelo telefone

Roubo de sucata

PORTO, 11 — No dia 3 do corrente, a gerência da Empresa Electro-Ceramica apresentou á secção de Justiça da P. S. P. queixa de que, há tempos, se verificava o desaparecimento de sucata de metal das oficinas daquela empresa. Depois de efectuadas diligências pela brigada de repressão daquela secção, foi conduzido ali o operário da mesma sociedade, Manuel Dias da Silva, casado, de 27 anos, torneiro mecanico, residente na Travessa da Capela, no Candal, em Vila Nova de Gaia, que confessou ter, na verdade, furtado 50 quilos de sucata de latão, 6 quilos de sucata de bronze e uma peça de bronze com 12 quilos, que se encontravam na sua residência e foram apreendidos.

Confessou também que há tempos vendia quantidades diversas de sucata a José António de Figueiredo, com estabelecimento da especialidade na Rua Soares dos Reis, naquela localidade.

O valor do furto foi avaliado pela empresa em 9.398$00.

O acusado e o sucateiro receptador foram presos e entregues, com o respectivo processo, á Polícia Judiciária.

Atropelamento

Deu entrada no Hospital de Santo António, com pequenos ferimentos na cabeça e fractura da perna direita, o empregado de escritório Albano de Freitas Monteiro, de 65 anos, viuvo, morador na Rua do Pombal, 192, que foi atropelado na Rua D. Manuel II por uma motocicleta, conduzida por Belmiro Alves Tinoco, residente na Avenida da Boavista, 205.

EM 3 LINHAS

O sr. engenheiro-agrónomo Pedro de Varennes Monteiro de Mendonça, professor catedrático do Instituto Superior de Agronomia, foi contratado para realizar uma missão de estudos de fomento agrário á província de Cabo Verde.

***

A folha oficial publicou hoje os programas de doutoramento em Ciências Histórico-Jurídicas e em Ciências Político-Económicas aprovados para o ano lectivo de 1956-1957 pela Faculdade de Direito de Lisboa.

Indígenas selvagens

atacam trabalhadores, na selva do Peru

LIMA, 11. — Indígenas selvagens, instigados por Brancos sem escrupulos, mataram um operário e feriram gravemente três outros, empregados na recolha da borracha, num ataque efectuado, na remota província de Requena, perto do rio Tapiche, além de terem praticado outros desmandos — disse o missionário franciscano Manuel Gaztelu-Urrutia, que acaba de regressar da selva peruana, junto á fronteira com o Brasil, após uma permanência, ali, de quatro anos. — (A. N. I.).

Cruzador americano

em visita a Lisboa

Chega amanhã a Lisboa o cruzador de batalha norte-americano «New Jersey», a bordo do qual viaja o vice-almirante Charles Wellborn Junior.

A visita é de quatro dias, havendo cumprimentos do almirante americano ao ministro da Marinha, almoço oferecido pelo chefe do Estado-Maior da Armada em honra do almirante Wellborn e recepção na Embaixada dos Estados Unidos.

As causas do inquérito

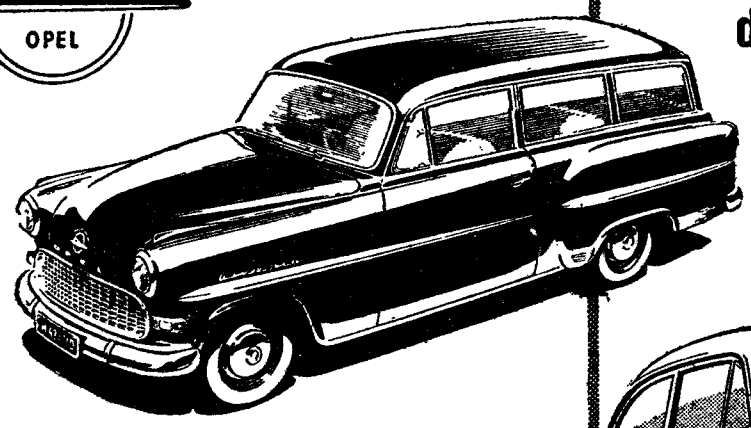
ao hospital de Vila Real

VILA REAL, 10. — Para evitar qualquer má interpretação, originada pela notícia publicada em alguns jornais, referente ao inquérito do hospital da Misericórdia de Vila Real, pedem-nos que esclareçamos que aquele é restrito a problemas de técnica de esterilização de material, utilizado nos serviços de cirurgia, nada tendo com os restantes serviços daquele modelar estabelecimento hospitalar.

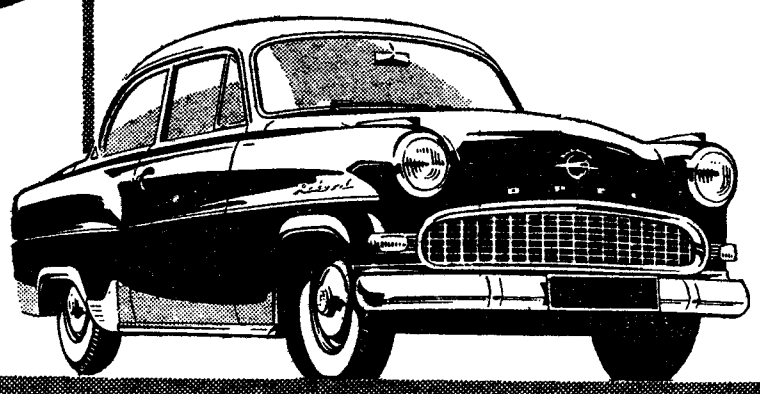
Em REGUENGOS DE MONSARAZ o «Diário de Lisboa vende-se na casa A. C. Marques.

OPEL

Escolha o seu carro de entre os novos modelos **OPEL**

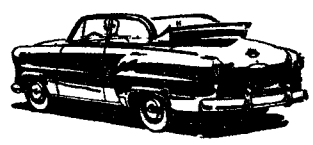


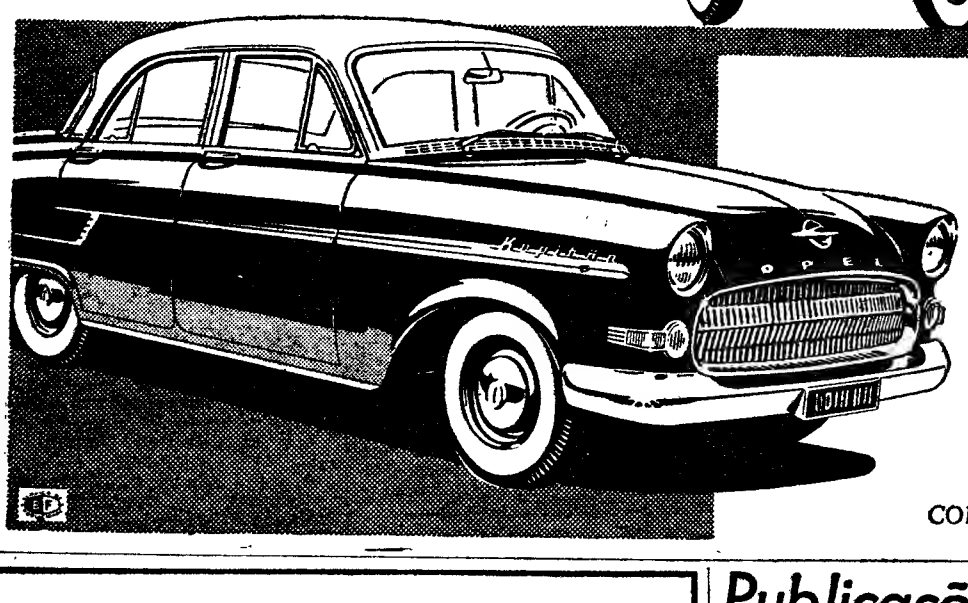
CARAVAN Sendo um meio de transporte de alto valor prático e de grande economia, é, ao mesmo tempo, um carro elegante digno da "alta sociedade". Motor 4 cil.



OLYMPIA Rekord
Elegante como nunca, prático como sempre! — O preferido dentro da sua classe. Motor de 1,5 lit. 52 cv. 4 lugares.

OLYMPIA REKORD Cabriolet





KAPITÄN Duma elegância e distinção que se impõem. A experiência de muitas dezenas de anos fez deste modelo uma obra-prima de precisão. Baixo consumo. Motor 6 cil. 6 lugares.

GENERAL MOTORS
RUA PARTICULAR, N.º 1 (ALCÂNTARA) TEL. 638181 — LISBOA
CONCESSIONÁRIOS EM TODOS OS DISTRITOS DO PAÍS

GENERAL MOTORS SERVIÇO
EM TODO O PAÍS POR MECÂNICOS TREINADOS NO INSTITUTO TÉCNICO G. M.

Não ha melhor película no mundo do que a ILFORD

Ao preço das películas vulgares

VENDE-SE EM TODAS AS CASAS DE ARTIGOS FOTOGRÁFICOS

REPRESENTANTE:
M. SIMÕES JR. R. da Conceição, 46-1.º-Tel. 3 0306 - Lisboa

Publicações

Almanaque do «Diário de Notícias»

Já está publicado o excelente almanaque do nosso prezado colega «Diário de Notícias», para o ano de 1957, que insere numerosas informações de interesse, como se pode calcular pelos títulos dalguns dos seus capítulos: o ano astronómico; feriados oficiais em 1957; calendário; feriados e festividades britanicas e dos Estados Unidos da América; eras cronológicas em 1957; mês astrológico; Adelina Patti; a India Portuguesa; Ramalho Ortigão e um dito de Gualdino Gomes; as gorduras na alimentação; a guarda real da polícia no século XIX; a morte de D. Lourenço de Almeida; um testamento curioso; o escorpião; Ferreira de Castro; quadras de Catulo da Paixão Cearense; o cabelo; o pedir; Henrique VIII de Inglaterra; o enigma da morte de Cleópatra; o que Ramalho Ortigão escreveu sobre o sítio de Benfica; a Inglaterra no século XVIII; um casamento numa aldeia norueguesa; um teimoso retratista de infante D. Miguel; a imaginação das mães; as personagens das obras literárias de Julio Dinis; Lisboa pitoresca do século XVIII; a valentia de Lavoisier perante a morte; os banhos; a neve nos Alpes e os frades cartuxos; o sorriso da Gioconda; o espírito guerreiro da marquesa de Alorna; sete anos de aventuras no Tibete; Casa de Bertiandos; danças suecas; os ditos de Camilo Castelo Branco; Moçambique, em mapa relevo; juventude exterior; a péla; breve descrição do futebol americano; pedaços de oiro contidos numa carta; o papa João XXI; a popularidade do «Diário de Notícias»; Balzac e a sua tragédia «Cromwell»; Olivença; D. João II era amigo; a abertura da urna de Napoleão I, em Santa Helena; os olhos; as anedotas do poeta Chiado; os ultimos momentos do sábio Camara Pestana; as distracções do artista Leopoldo Battistini; opinião dalguns viajantes estrangeiros sobre o aqueduto das Aguas Livres; o apreço dos povos antigos pela abelha; Setubal; Terreiro do Paço; a ansia da perfeição literária.

Insere colaboração dos nossos melhores escritores e jornalistas e duas dezenas de extratextos.

Em VISEU o «Diário de Lisboa» encontra-se á venda na casa Domingos & Agostinho.

ESTÁ NO NORTE

a «rainha» das Associações Portuguesas do Brasil

VILA REAL, 10. — Acompanhada dos srs. Armando Augusto Ribeiro, Alberto Ferreira Neto e esposas, esteve em Mondrões a sr.ª D. Maria Helena Lapa, «rainha» das Associações Portuguesas do Brasil.

Naquela aprazivel freguesia, foi a nossa gentil hóspede homenageada com um almoço em casa da familia Ribeiro, após o qual se retirou com as mais gratas recordações.

Notícias de Bragança

BRAGANÇA, 10. — No próximo dia 12, reunir-se-á o Conselho Municipal para a discussão e aprovação do plano de actividades que a Camara, presidida pelo sr. Adriano Augusto Pires, vai apresentar para o próximo ano e que registará a futura realização dos mais importantes melhoramentos publicos, tanto nesta cidade como no concelho, no prosseguimento daqueles que foram levados a efeito, no corrente ano, num ritmo que não se registava há muitos anos.

— Por ter sido nomeado tesoureiro da Fazenda Publica e colocado em Porto Moniz, distrito do Funchal, onde já tomou posse, deixou as funções de aspirante contratado da Secção de Finanças do distrito o sr. António Manuel Magro, antipo aspirante na Secção de Finanças do concelho de Vinhais, de onde é natural.

— Como foi comunicado pelo respectivo director escolar, sr. Alberto Eugénio Vaz Pires, é já nos próximos dias 15, 16 e 17 que se realizam os concursos publicos para a colocação de professores e regentes do quadro de agregados deste distrito escolar. As vagas existentes serão afixadas na escola primária do Bairro Económico, junto da estação do caminho de ferro, aonde devem dirigir-se os interessados. Nos anos anteriores, tais concursos efectuavam-se a partir do inicio de Outubro.

Leiam o jornal humoristico
Sempre fixe

O PROBLEMA

da habitação em Évora

ÉVORA, 10 — O ritmo das construções clandestinas nos bairros extramuros desta cidade está a aumentar consideravelmente, engrossando de maneira notória os respectivos aglomerados.

O Bairro de Santa Maria (antigo «Escusa Sacos»), subjacente á estrada de Montemor-o-Novo, vê-se crescer diariamente á vista desarmada, nele vivendo já hoje muitas centenas de famílias.

RCA TELEVISÃO

FÁTIMA
DIAS 12 E 13 DE SETEMBRO EM AUTO-CARRO
Inscrições:
Rua Jardim do Regedor, 35
Tel. 30971 e 30972 — LISBOA

Velas
Lodge é uma boa vela entre as muitas velas. Os campiões automobilistas e motociclistas assim o dizem e escrevem. Mesmo não sendo Lodge faça verificar as suas velas grátis no serviço Lodge do Conde Barão, Avenida 24 de Julho, 62-64, em Lisboa.

ANTOLOGIA UNIVERSAL DO CONTO

A CARTA

Texto integral do conto de "AZORIN"

D. Inês está tranquila. Estará completamente tranquila? Sentou-se no canapé. Na mão direita brilha a pedra de uma safira. D. Inês olhava fixamente a safira. Estará tranquila? Há momentos em que estamos tranquilos e em que, no entanto, sentimos ligeira preocupação. Nada nos acontece; repassamos mentalmente tudo o que nos poderia suceder, e nada há de anormal. Diríamos, porém, que no remoto horizonte das possibilidades apareceu uma nuvem — não é nada — mas pode converter-se em tempestade.

O tempo passa. Com a ponta aguda dos dedos, a mão direita estendida, D. Inês, em toques rápidos, alisa a onda dos cabelos e, entretanto, com a mão sinistra, erguendo o busto, alisa o corpete. Ouviu-se algum ruido no corredor? D. Inês levanta-se e chega á porta da sala. Não foi nada, reina o silêncio. As cortinas da janela são ladeadas pela fina mão; o olhar passeia vagamente pelo panorama dos telhados e desce até ao fundo da rua. Não está tranquila D. Inês, não se sente perfeitamente sossegada. Dir-se-ia que está nesses momentos singulares em que, quase a entrar na zona dolorosa de uma doença, permanecemos ainda na região já um pouco sombria da saude. E agora sim que sucedeu alguma coisa; repentinamente, no silêncio da casa, soou com furia e voltou a soar a campainha da porta.

* * *

Uma carta não é nada. Quando D. Inês penetrou de novo na saleta, trazia uma carta na mão. Uma carta é alegria e dor. D. Inês trás a carta ao largo do corpo. Uma carta pode trazer a felicidade e pode trazer o infortunio. Pode ser que nada signifique a carta que D. Inês acaba de receber; outras cartas como esta, nesta mesma saleta, tem recebido já.

Avança lentamente até ao móvel que está num canto, e ali deixa pausadamente a carta. Uma actriz não o faria melhor.

Em D. Inês adivinha-se profundo cansaço. Sim, D. Inês está cansada. Cansada de quê? Sentou-se no canapé uma vez mais, e na mão direita brilha a celeste safira. A carta será como todas as cartas.

Com os dedos subtis — os da mão direita — alisa a onda do cabelo. Com a mão esquerda alisa o corpete. E depois, com o gesto de endireitar o busto, surge-lhe do peito, lá do fundo, um suspiro.

A carta não dirá nada, será como outras tantas cartas. No móvel espera que D. Inês a abra.

Vai declinando a tarde; o crepusculo não tardará a chegar. A região de penumbra — levemente de penumbra—começa a estender-se. E na zona indecisa entre a saude e a doença, vai-se operando uma mudança lentamente, com uma força que nos arrasta desde a eternidade, sem que todas as forças do Mundo — oh, mortais! — possam impedi-lo, principiamos a entrar na dor e nas lágrimas.

A carta está sobre o móvel; branca na luz falecente do crespusculo que se inicia. Não dirá nada a carta; será como tantas outras cartas.

D. Inês já a tem nas mãos. Cára ou coroa? Qual será a sorte?

A carta já foi aberta. O olhar de D. Inês vai passando pelas linhas. Já viram a lividês de um corpo morto? Assim está agora o rosto de D. Inês, mortal.

Em movimento lento, lentíssimo, como faria uma consumada actriz, D. Inês voltou a deixar a carta no móvel. E, de repente, já brusco o movimento, voltou a agarrar na carta, e amarrotou-a fortemente.

Voltou D. Inês a sentar-se no canapé. Respira ofegante já chegou o crepusculo deste comprido dia de Primavera. Dentro de um instante, brilhará uma estrela no azul pálido. Tudo está em silêncio. Já nos resignámos á dor. Entrámos já na região da doença. O pavor de antes do transito e no transito, já passou.

Desde esta lutuosa margem da ribeira, os nossos olhos contemplam a outra margem da ribeira, a da saude, ali em frente. Quando voltaremos a ela? E, será certo que voltaremos?

Adeus, adeus, amigos!

D. Inês agarrou a carta, rasgou-a em cem pedaços e abriu a janela. A mão, fora da janela, lançou os cem pedaços de papel. E os pedaços de papel caíram, voavam na luz penumbrosa do crespusculo, e uma estrela rutilava já no céu diafano.

* * *

Na noite do dia em que D. Inês recebeu a carta, a janela da casa de D. Juan não estava iluminada. Toda a casa estava ás escuras e em silêncio. Durante muito tempo hão-de permanecer fechadas as janelas e as portas da casa de D. Juan.

Defesa civil

Curso para professores do distrito de Bragança

BRAGANÇA, 10 — Na sede do comando distrital da Legião Portuguesa, está a funcionar um novo curso básico da D. C. T. para os professores do ensino primário em gozo de férias, tal como já o fizeram os seus colegas e os professores do ensino secundário de outras terras do País, nomeadamente de Lisboa e Porto.

Aquele curso, que é frequentado por 30 agentes do ensino primário de ambos os sexos, tem como director o sr. capitãoFigueiredo Sarmento, adjunto do comandante distrital da L. P. e director dos serviços da D. C. T. deste distrito, e como instrutores os srs. João Alves Velho, Norberto Rodrigues, Armando Ferreira e Fernando Vasconcelos, o primeiro, comandante de «lança» e, os restantes, comandantes de bairro da L. P.

O curso que foi inaugurado pelo comandante distrital da Legião Portuguesa, sr. coronel Salvador Nunes Teixeira, deve prolongar-se até 17 do corrente.

Eisenhower prepara

as propostas sobre desarmamento

WASHINGTON, 11—O presidente Eisenhower convocou os seus principais conselheiros para uma reunião, esta tarde, na Casa Branca, a fim de serem discutidas as propostas norte-americanas de desarmamento.

A reunião assistem, entre outros, os secretários da Defesa e do Estado, o chefe do Estado-Maior e o presidente da Comissão de Energia Atómica.—(A. N. I.).

RCA TELEVISÃO

Em VENDAS NOVAS o «Diário de Lisboa» encontra-se á venda na casa José Inácio Simões Junior.

O tempo e a agricultura

CARLÃO (Linha do Tua), 10 — Nos ultimos dias tem chovido torrencialmente, mantendo-se constante uma temperatura frigidíssima.

O estado do tempo exerce decisiva influência na vida agrícola, e a produção do vinho, que era altamente esperançosa, está a ser imensamente atingida pelo frio e pela chuva. As uvas, que estão agora no período da maturação, começam a apodrecer, oferecendo já os vinhedos um aspecto desolador.

Na madrugada de hoje soprou um vento ciclónico, que foi acompanhado de aguaceiros. Derrubou árvores e ocasionou avultados prejuizos nas oliveiras.

O ano agrícola, que era muito esperançoso, está a tornar-se péssimo.

Motorista que foge

depois de colher um homem

VILA REAL, 10. — Ernesto Matias, casado, de 35 anos, residente no lugar de Vilalva, freguesia de Arroios, deste concelho, quando se dirigia para sua casa, pela estrada de Mateus, foi colhido por um automóvel que se pôs em fuga. O engenheiro canadiano John Thomaz Randell conduziu o sinistrado ao hospital desta cidade, no seu automóvel, pois, encontrou o ferido prostrado na estrada. Os médicos de serviço no hospital verificaram que os ferimentos sofridos pelo Matias eram graves.

+

Ester Maximina dos Santos Matos Paiva

FALECEU

Dr. Francisco Saturio Paiva, José Pereira de Matos, Maria dos Santos Matos, Hermínia da Conceição Matos, Maximina da Conceição Matos e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de sua estremosa esposa, filha, sobrinha e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 16 horas, da Igreja de Santa Engrácia, para jazigo no cemitério do Alto S. João.

AGENCIA COELHO

A reunião anual dos funcionários superiores do ensino primário

Na Faculdade de Direito prosseguiram hoje os trabalhos da reunião anual dos funcionários superiores do ensino primário, os quais, de começo, como ontem, foram presididos, pelo sr. subsecretário de Estado da Educação Nacional.

O sr. dr. Rebelo de Sousa salientou a importancia dos assuntos constantes da agenda do dia: recenseamento e rede escolar e seu reajustamento, e fez considerações acerca deles para esclarecer o pensamento do Governo quanto á forma de os resolver.

Assumiu depois a orientação dos trabalhos o sr. dr. José Gomes Branco, que deu a palavra ao sr. dr. Pinho Leónidas, a quem coube o encargo de fazer uma exposição circunstanciada sobre a matéria em estudo. Seguiu-se a discussão, em que intervieram os inspectores e os directores dos diversos distritos escolares.

No que se refere ao reajustamento da rede escolar, mereceram especial interesse os limites dos numeros de crianças fixados como necessários para pôr a funcionar escolas ou postos escolares, que são, respectivamente, 40 e 15. Considerou-se que estes numeros devem baixar para 35 e 10, tomando em linha de conta a obrigatoriedade de matrícula na 4.ª classe para o sexo masculino.

ENSINO TÉCNICO

Está orçada em 1.173.578$00 a empreitada de instalação eléctrica da Escola Industrial e Comercial de Tomar.

Valor e sentido

da acção desenvolvida pela fundação rotária

A' reunião de hoje, do Rotary Clube de Lisboa, na Casa do Alentejo, presidiu o engenheiro António José Martins Galvão, antigo presidente da sua direcção.

Depois de o professor António Maria Godinho ter feito a apresentação dos rotários visitantes e dos convidados, o dr. Mário da Anunciação Gomes leu o expediente, e o eng.º Martins Galvão fez a história da importante Fundação Rotária, criada em 1928, da sua acção e dos seus efeitos, terminando assim o seu interessante trabalho:

«De tal modo tem influído o efeito da Fundação que distritos e clubes têm sido inspirados, separadamente, pelo seu objectivo. Assim, só o Rotary Clube de Atlanta, na Georgia, E. U., auxiliou, em 20 anos, 900 estudantes, dos quais se graduaram 700 e mais de 500 quiseram devolver o dinheiro que o clube tinha despendido com eles. O desejo de apadrinhar projectos de intercambio internacional de estudantes difundiu-se por todos os E. U. Dois distritos da Califórnia colaboraram num programa que tem prestado assistência essencial a uns 200 estudantes de mais de 40 países. Portugal não fugiu á influência do espírito da Fundação: o Rotary Clube do Porto, nas conferências distritais da Figueira da Foz, 1954-55, e das Caldas da Rainha, 1955-56, lançou a ideia da Fundação Rotária Portuguesa e o Rotary Clube de Lisboa, por desejo e vontade de VV., ligou-se-lhe, pretendendo dar toda a colaboração possível. A Fundação Rotária é, sem duvida alguma, uma das mais altruistas e eficientes acções de Rotary e de grande repercussão no futuro, acção que muitos não sabem e, infelizmente, outros não querem saber».

CLUBE DE FUTEBOL «OS BELENENSES»

ESTÁDIO DO RESTELO

FESTIVAIS INAUGURAIS

23 e 25 de Setembro

COMUNICADO

Comunica-se aos Senhores Associados que requisitaram bilhetes para os festivais inaugurais do Estádio do Restelo que—por justificado atraso da firma adjudicatária da impressão—o prazo anunciado para o seu levantamento é transferido para os dias 14, 15, 16, 17 e 18.

A partir do mesmo dia 14 far-se-á também a venda livre, ao publico, de bilhetes para os dois referidos espectáculos inaugurais.

Para maior facilidade dos interessados, o levantamento e venda de bilhetes deixa de ser feito na Avenida da Liberdade, 105-2.º, e passa a fazer-se na Rua da Misericórdia, n.º 14, nos indicados dias das 10 ás 23 horas.

A COMISSÃO

As Festas das Vindimas

realizam-se na Curia a 15 e 16 de Setembro

Realizam-se nos próximos dias 15 e 16 do corrente as Festas das Vindimas, sob o impulso do Curía Palace Sports Clube, a quem a bela região da Curía deve já inestimáveis serviços.

No sábado, o programa é o seguinte: ás 15 horas, concurso de chapéus; ás 16, grande vindima nas propriedades do Palace Hotel da Curía; 21 e 30, «Noite da Bairrada» e Grande Baile das Vindimas na Piscina-Praia; 13.º Jogos Florais da Curía (motivos: a uva e as belezas da Curía); concursos de vestidos de algodão.

No domingo, as festas constam de continuação das vindimas; ás 16, chá-dançante na Piscina-Praia; exibição do rancho «Os Esticadinhos», de Cantanhede; 22, grande baile de encerramento no Palace Hotel da Curía.

O juri dos 13.º Jogos Florais, constituido pela escritora D. Odette Passos de Saint-Maurice e pelos poetas Jerónimo Bragança e Fernando Vieira, já escolheram as dez melhores produções de cada tema, entre centenas recebidas pelo clube organizador, para serem submetidas, como é do regulamento, á votação da assistência ao Grande Baile das Vindimas.

AUTOMOBILISMO

O VI «Puzzle-Estoril»

E' já no próximo sábado que a Sociedade de Propaganda da Costa do Sol, leva a efeito a sua interessante iniciativa, o VI «Puzzle-Estoril», prova que está a despertar no meio automobilístico o maior interesse, estando já inscritos alguns dos nossos melhores volantes. O VI «Puzzle-Estoril» não é apenas uma prova de competição, requer também invulgares faculdades dos automobilistas.

Aos vencedores serão atribuídas 10 taças até ao 5.º classificado e suas companheiras, sendo a distribuição feita durante o baile, que se realiza no domingo, no Casino Estoril, onde será apresentado um magnífico «Floor-Show» em que colaboram artistas valiosos do «music-hall» internacional.

Na sede do Automóvel Clube de Portugal e na secretaria do Casino continua aberta a inscrição e também ali se fornecem regulamentos e esquemas da prova.

Morreu o cientista

que descobriu a aureomicina

NEW HAVEN (Connecticut), 11 — Com a idade de 84 anos, faleceu o dr. Benjamim Duggar, cientista que conquistou renome mundial com a descoberta da aureomicina, um dos mais poderosos antibióticos. — (F. P.).

Revelações de um médico

(Continuação da página central)

ca vinha só. Fazia-se acompanhar por amigos e negociantes com quem mantinha relações comerciais.

Maria conservava-se um tanto afastada. Falava pouco. Durante essas reuniões, queixava-se de dores de figado e de estômago e refugiava-se, em silêncio, a um canto.

«Divorciemo-nos!»

M. M. indignava-se, gritava, barafustava, perguntando por que tinha casado com uma mulher como ela.

— Divorciemo-nos, se assim o queres — disse ela um dia — Essa resolução faz parte, naturalmente, dos teus planos.

M. M. não respondeu; estava visivelmente comovido. Não, não queria divorciar-se, ainda gostava dela. Maria ficou tranquila.

Depois, deu-se um novo drama. Cheio de boas intenções, M. M lembrou-se de reunir todos os seus parentes que viviam dispersos na Alemanha Ocidental e instalou-os nos arredores da sua própria residência, tão comodamente que, todos os fins-de-semana, tinha a casa invadida por uma chusma que se instalava e só desaparecia quando já não havia provisões no frigorifico, nem garrafas na frasqueira.

Maria acabou por sucumbir definitivamente e foi preciso transportá-la para a clinica do dr. Hofer, pois apresentava todos os sinais de uma violenta crise de cólicas hepáticas.

«Mato-me a trabalhar para que minha mulher tenha uma vida agradável»

Tal era a situação. O médico compreendeu logo do que se tratava e o seu assistente foi anotando tudo quanto valia a pena anotar num caderno. No fim de contas, um destino banal, como havia tantos nos «tempos modernos».

Os médicos conheciam igualmente a outra versão: a do marido, que se considerava um pobre inocente perseguido.

«— Toda a semana me farto de trabalhar, não descanso por essas estradas fora, unicamente para proporcionar uma vida agradável a minha mulher, e que acontece? Sempre que regresso a casa, encontro uma doente do figado, do estômago, e não sei de que mais. Todas as noites discussões, desavenças, sobressaltos; minha mulher não tem nada que fazer, pode tratar-se, dou-lhe tudo quanto precisa para isso e não melhora. Tenho uma mulher que está constantemente doente; compreende o que isto representa, doutor?».

A irmã, a cunhada, a sogra estão todas de acordo.

«— Não compreendemos o que se passa. Maria tem tudo quanto uma mulher pode desejar; Manfredo faz tudo quanto está ao seu alcance para lhe agradar e ela finge-se doente».

Entre Maria e os outros erguera-se uma verdadeira barreira; censuravam-lhe tudo, até a sua pretendida arrogancia aristocrática.

«Sou Alemã e estou só no Mundo»

O médico estava convencido de que Maria não queria voltar para casa e resolveu-se a esperar o tempo que fosse necessário, a deixá-la dormir durante meses se fosse necessário para ela se curar. Mas era indispensável que ela falasse.

Bastaram dois dias, graças a Carlota, uma estagiária de vinte anos. Alemã dos Sudetas, que estava só no Mundo, como tantas outras na nossa época. Ela contou mais tarde ao dr. Hofer como tinha entrado por acaso no quarto de Maria. Depois do almoço, podendo dispor de uns momentos de liberdade, tinha-se sentado na sala para ler o jornal: alguem contou o caso do suicidio de uma mulher de quarenta anos em Rorschach, na Suiça, sem se encontrar qualquer papel que a identificasse; descobriram, apenas no bolso do casaco um papel garatujado á pressa com estas palavras: «Sou Alemã e estou só no Mundo».

Para se distrair, Carlota levantou-se, pegou no seu pequeno receptor de rádio, a unica coisa que possuia, e dirigiu-se para o quarto da senhora Ziegler.

«Porque não tem confiança em nós?»

O quarto estava inundado de Sol, a cadeira de verga rangeu ligeiramente quando Carlota se sentou, mas a doente não se mexeu; a rapariga abriu o receptor e sintonizou-o numa emissão para soldados americanos, com musica suave, inexpressiva e continua. Frankie Lane cantava uma canção em voga. A voz era agradável, repousante e a letra não tinha a menor importancia. De subito, Carlota notou que Maria abrira os olhos. «Como se chama, menina?» Maria resolvera-se, finalmente, a falar. Ela fazia perguntas e Carlota respondia. Depois, foi ela, por sua vez, que perguntou:

«— Porque não tem confiança em nós?»

Maria começou a chorar. Estava salva. Carlota não dizia nada. A musica continuava, o quarto estava aquecido.

E de repente...

Dinah Shore cantava um «fox-trot», lento, bom para dançar. Carlota viu-se nos braços de um lindo rapaz que a conduzia vigorosamente.

«— Não terá, por acaso, vontade de dançar?» — perguntou á doente. Esta sorriu: «Dançar? Meu Deus! Já nem me lembro da ultima vez que dancei».

Uma voz doce cantava. E, de repente, tudo se tornou claro para Maria. Uma hora depois, o dr. Hofer, sentado á cabeceira da cama dela, ouvia a sua confissão. Falava baixinho, hesitando, como quem procura as palavras; depois, bruscamente, falava muito depressa, por vezes dava a impressão de que se perdia, entontecida, e desatava a chorar; e, por fim, adormeceu.

Anoitecera. À cabeceira da cama havia um pequeno candeeiro. O rosto de Maria tinha-se descontraido, a boca conservava-se ligeiramente entreaberta, como na expectativa de um beijo.

Na mesma noite, o dr. Hofer escrevia na página 37 do caderno que tinha o nome de Maria Ziegler: «A inquietação que se apoderou dela ao pensar que voltaria para casa decidiu a doente a falar; não sabia já se teria ainda qualquer processo de se escapar. O diagnóstico segundo o qual ela se evadia na doença está confirmado».

Tomou o comboio para Dusseldorf

Havia muito tempo que Maria Ziegler era atormentada pela angustia; toda a amargura da sua infancia voltara a perseguí-la, apoderando-se dela; estava obsecada pela recordação das noites horriveis durante as quais o pai a recriminava constantemente, torturava a mulher com censuras, preocupando-se apenas, no seu egoismo desenfreado, com as suas próprias satisfações, indiferente ao preço por que eram pagas.

O deserto da sua própria vida, a atitude de seu marido, que se comprazia na sua actividade de homem de negócios e já não a amava, lançavam-na num desespero insuportável.

Um dia em que a colisão lhe pareceu mais angustiosa, tomou o comboio para Dusseldorf, onde o marido se encontrava; dizia que estava hospedado no Hotel Breidenbach; ela foi lá direita, mas M. M. já não habitava esse hotel, de onde aliás lhe tinha telefonado na véspera.

Maria pediu um quarto e reflectiu. E, como um polícia, começou a seguir a pista do marido.

F. WIEDEMANN

(Continua)

Veterinários

portugueses e espanhois estudam o problema da «língua azul»

O problema da febre catarral dos ovinos, mais conhecido pela designação de «língua azul», que está a prender especialmente as atenções das autoridades veterinárias de Portugal e Espanha, constitui o objecto de uma quarta reunião daqueles técnicos no nosso País.

A delegação portuguesa a que preside o director-geral dos Serviços Pecuários, sr. dr. Américo França e Silva, compõe-se ainda dos srs. drs. Manso Ribeiro, director do Laboratório Central de Patologia Veterinária; João Rosa Azevedo, chefe da Repartição de Sanidade dos Serviços Pecuários; João Emiliano da Costa e Pereira de Matos.

A delegação espanhola é chefiada pelo sr. dr. Angel Campano Lopez, e inclui os srs. prof. Sanchez Botija, dos Serviços de Biologia Animal; e Martin Lomeña, chefe dos Serviços de Sanidade Veterinária de Espanha.

Esta delegação, que chegou hoje a Lisboa, deslocou-se hoje, com os componentes da delegação portuguesa, ao campo, a fim de realizar alguns trabalhos práticos, preliminares das sessões teóricas, que amanhã principiam, com a referida agenda:

I—Evolução do estudo sanitário; II—Actividade laboratorial (diagnóstico, vacinação experimental e produção de vacinas); III—Defesa sanitária (medidas gerais e imunização); IV—Medidas conjuntas de defesa sanitária (identificação de estirpes, produção de vacinas homólogas e luta contra os agentes vectores).

A falta de casas

e o problema das rendas caras na cidade de Lisboa

Da Associação dos Inquilinos Lisbonenses, sociedade cooperativa de responsabilidade limitada, que tem a sua sede no Largo do Intendente, 52, 1.º-dt.º, recebemos o seguinte ofício, assinado, em nome da direcção, pelo sr. Domingos António Vieira:

«Os corpos gerentes da Associação dos Inquilinos Lisbonenses, em sua reunião de 4 do corrente, resolveram saudar o «Diário de Lisboa», testemunhando-lhe a sua satisfação pela forma como tem tratado o problema do inquilinato fazendo votos, ao mesmo tempo, pelas prosperidades do jornal que v. superiormente dirige».

Do sr. Carlos Martins, actualmente nas Termas de Monte Real, recebemos a seguinte carta.

«Este assunto das rendas de casa vem apaixonando os lisboetas e muito espaço precioso o «Diário de Lisboa» lhe tem destinado.

Segundo as estatísticas, existem em Lisboa 150.000 famílias sem lar, verificando-se que o ritmo das construções é insignificante.

E no entanto a Camara Municipal continua a dificultar as tão necessárias construções e a manter uma política que evite as rendas módicas.

Para isso, demora meses e meses os projectos de construções que entram nas suas repartições. Não é caso virgem os projectos arrastarem-se por lá á volta de um ano.

Verifica-se também o facto de estar «em estudo» quase toda a cidade impossibilitando assim as novas construções, o que prejudica toda a gente: — proprietários, construtores e pretendentes a inquilinos.

Descobriu que a forma mais segura de manter a alta cotação dos terrenos consiste em vendê-los pelo sistema de «conta-gotas», integrando-se assim na conhecida lei da oferta e da procura.

E vai mais longe — impede a construção de prédios de mais de sete andares (o normal, três) só raramente indo mais além, como sucedeu com um na Rua de D. João V, ninguém sabendo por que abriu esta excepção, que muito beneficiou o respectivo proprietário.

A redução do numero de andares implica a carestia das rendas, inevitávelmente.

Quando da construção do Bairro de Alvalade, adaptou a Camara um sistema de venda de terrenos que inteligentemente provocava a descida das rendas.

Os terrenos eram postos em praça com «preço fixo» não sujeito a licitação. Esta incidia apenas sobre as rendas, que os construtores faziam descer, em licitação, a importancias por vezes inconcebíveis em relação a belas habitações.

Dou um doce a quem seja capaz de justificar a razão de a Camara ter acabado com este sistema que conduzia á política das rendas módicas.

Que ela tem fomentado as rendas elevadas, não resta duvida a ninguém, consoante os factos expostos o demonstram.

E tem-no conseguido: — terrenos, poucos e caros; reduzido numero de andares; rendas livres, quanto á possibilidade de subida, nunca de descida.

Os mais azedos chamam a isto uma política fomentadora da especulação dos terrenos e das rendas; socialmente uma política inexplicável.

A' margem deste assunto apetece perguntar: — quem terá sido o autor do plano geral da cidade, que a desviou das encostas do Tejo, atirando-a para bem longe do rio? Sofria, talvez, do reumatismo, e lembrou-se das maresias salinas, vindas do Atlantico.

Mal empregada Lisboa, a linda cidade de há séculos enamorada do mar que lhe roubaram!».

Um congresso de museus

na cidade brasileira de Ouro Preto

Na cidade brasileira de Ouro Preto — uma das mais pitorescas do Brasil, verdadeira cidade-museu — realizou-se o I Congresso de Museus, em que participaram 150 conservadores e naturalistas.

Rodrigo Melo Franco de Andrade, que superintende nos serviços de defesa dos monumentos brasileiros, tinha declarado:—«Espero ardentemente que o Congresso marque o início de uma fase nova para a vida dos museus nacionais e estou certo de que ele constituirá um acontecimento memorável» As expectativas foram superadas e o Congresso foi coroado por um êxito extraordinário.

Num relato do Congresso diz-se que o seu panorama técnico se desdobrou como um leque cujas varetas iam das preocupações e da formação ainda antiquada de alguns museus de pequenas cidades do interior até os grandes museus de arte de história natural e antropologia do país. Estas duas ultimas especializações institucionais apresentaram equipas dotadas de alta consciência profissional, que influiram decididamente nas votações em geral. Nestas, transpareceu a vontade comum de acertar e de abrir uma nova fase para todos os museus, uma fase de profissionalismo e de aperfeiçoamento técnico do pessoal responsável pelas actividades dos museus brasileiros.

Foram apresentadas cerca de 80 teses. Os títulos de algumas delas podem dar-nos uma ideia do interesse dos assuntos analisados no Congresso. Por exemplo:—«Criação da Pinacoteca Sacra de Igaraçu», «Museus de Arte Religiosa», «Algumas notas sobre a prataria do Museu Imperial», «O filme sobre Arte nos museus», «Sugestões sobre a instalação de laboratórios de restauração e pesquisas de Arte no Brasil», «Museus de presépios», «Plano para a formação de um arquivo central de documentação iconográfica», «Cinemateca e Museu de Cinema», «Museu de Educação Visual», «Serviço Central de Fotografia Científica»; «Esta coisa que chamamos o «Museu»; «Creação de um Serviço Central de Fotografia Científica para o estudo das obras de Arte e da História», «Algumas notas sobre arrumação e decoração em museus», «A função educativa dos museus», etc.

A discussão recaiu principalmente sobre cinco tópicos de carácter museográfico especializado:

1)—*Importancia da formação do pessoal técnico-profissional dos museus de Arte.* Esta formação foi considerada como fundamental para o desenvolvimento dos museus. Aconselhou-se a criação de cursos de extensão e a concessão de estágios para especialização de diplomados ou aperfeiçoamento de técnicos já existentes e condenou-se a improvisação de técnicos em quaisquer museus publicos ou particulares.

2)—*Necessidade de estimular e de organizar pesquisas em museus de Arte.* Este desenvolvimento de pesquisas deve realizar-se com a orientação metodológica adequada, critérios rigorosos de trabalho e fiscalização superior. Acentuou-se a necessidade de entendimento com o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação.

3)—*Problema das dotações orçamentais nos museus oficiais e da clasticidade de acção para o desempenho das suas tarefas museográficas.* Afirmou-se a necessidade de os poderes publicos providenciarem para a ampliação dos subsídios, a fim de que os museus possam contar com os meios necessários para uma acção eficiente.

4—*Importancia das Exposições Itinerantes.* Concordou-se que estas exposições não deverão ser realizadas se houver perigo para a conservação das peças de museu. Ressalvada esta condição, as exposições itinerantes devem ser incentivadas, sobretudo nas regiões afastadas dos grandes museus.

5—*Problemas da formação de museus de Arte Sacra no Brasil e aspectos das relações com o clero neste particular.* Concluiu-se que as peças, quando em culto ou convenientemente situadas, não devem ser afastadas das igrejas a que pertencem; ou, não sendo assim, devem ser colocadas em pequenos museus anexos aos templos. Em certas condições, mediante entendimentos das partes interessadas, deverão ingressar nos grandes museus. Os museus e o clero devem colaborar na defesa do tesouro artístico-religioso do país.

Foi também analisado o problema do desenvolvimento das visitas guiadas em museus.

Numa antiga casa em estilo colonial de Ouro Preto abriu, simultaneamente com o Congresso, uma interessante exposição de arquitectura de museus no Brasil, incluindo fotos-desenhos, projectos e maquetas.

Acusação sem fundamento

No dia 30 do passado mês, faleceu, na sua residência, na Parede, D. Maria Candida Ferreira Mendonça André, após alguns dias de doença. Alguém comunicou á Polícia Judiciária, por telefonema anónimo, que a morte se dera em circunstancias estranhas e após uma violenta discussão em que participara.

O funeral foi embargado e foram ordenadas a autópsia e investigações.

A Polícia apurou, porém, ter sido a morte causada por doença grave de que a falecida foi tratada por um médico da localidade.

O «Dia Português»

em Nova York

NOVA YORK, 11 — Mais de 2.000 Luso-Americanos assistiram á festa do «Dia Português». Comoveram, em especial, os Portugueses vindos há muito da sua terra os bailados e as canções regionais executados pelo rancho folclórico «Províncias de Portugal». — (A. N. I.).

RCA TELEVISÃO

DIARIO DE LISBOA

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — Ás 18, Noticiário e danças; 19, Desdobramento; 21, Noticiário; 21 e 15, Desdobramento; 23 e 45, Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — Ás 19, «O Arauto»; 19 e 30, Operetas; 20, Jornal Sonoro; 20 e 15, Novidades em discos; 20 e 40, Orquestras ligeiras; 21, Junção dos emissores; 21 e 15, Varanda da Europa; 21 e 25, Album musical; 21 e 55, Teatro das Comédias: «A Tagarela», de Jacinto Benavente; 22 e 15, Musica de Irving Berlin; 22 e 40, Fados por Maria Teresa de Noronha; 23, Fantasia musical; 23 e 30, Danças.

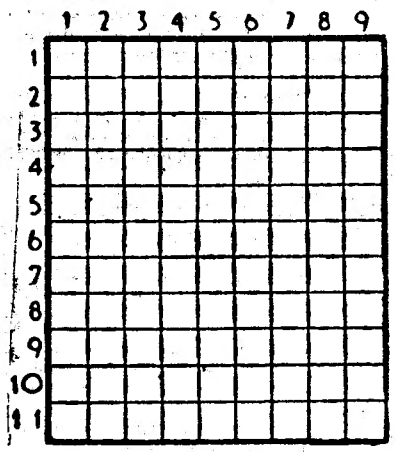
Programa «B» — Ás 19, «Sonata n. 12, em fá maior», de Haedel; 19 e 20, Cantores célebres, soprano Meneghini Callas e tenor Peggi; 19 e 50, Noticiário regional; 20, Que quer ouvir? 21, Junção dos emissores; 21 e 15, Musica de Debussy; 21 e 25, Recital pelo organista Gaston Litaize; 21 e 45, Quatro cantos tradicionais espanhois, por Vitória de los Angeles; 21 e 55, Transmissão em gravações cedidas pela rádio Suíça-Italiana de um concerto de camara incluído nas quintas-feiras musicais de Logano; 23 e 30, «Quinze Canções Rusticas da Hungria», de Bartok.

RÁDIO CLUBE — Ás 18, Fados e guitarradas, da Tipoia; 18 e 30, Trechos recreativos; 19, Divulgação do «jazz»; 19 e 30, Jornal Publicitário; 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 20, Canta Paulette Rollin; 20 e 30, Galo de Ouro; 20 e 45, Musica do Brasil; 21, Notas da Redacção; 21 e 15, Novidades Agfa; 21 e 30, Trechos recreativos; 22, Variedades; 22 e 30, Companheiros da Alegria; 0, Fados e Guitarradas, do Cantinho da Mãe Preta; 0 e 30, Musica de baile; 0 e 45, Rádio-Jornal; 0 e 55, Amanhã; 1, Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA — Das 18 e 30 ás 24.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 17 ás 19 e 30, Clube Radiofónico de Portugal; 19 e 30 ás 22, Rádio Peninsular; 22 á 1, Rádio Graça.

PALAVRAS CRUZADAS
NOVA MODALIDADE
Problema n.º 1659



HORIONTAIS: 1 — Pronome pessoal. Apanha coisa atirada. 2 — Rezam. Amarrem. 3 — Tomara certa cor. 4 — Afina. 5 — Ferramenta de carpinteiro. 6 — Mãe de Rómulo. Uma das partes do Mundo. 7 — Dê adesão. 8 — Utensílio. Segundo. Progenitor. 9 — Pesa para abater a tara. Além. 10 — Unidade das medidas de peso. Oferece. 11 — Arvore terebintácea. Moradia.

VERTICAIS: 1 — Mexas. Safa. 2 — Comparecer. Prejuízo. Batráquio. 3 — Amadureci. Igual. 4 — Gastariam. 5 — Recusa. Encoleriza-se. 6 — Abreviatura de página. Basta! 7 — Açules. Entrega. 8 — Rer. Filas. 9 — Ataria.

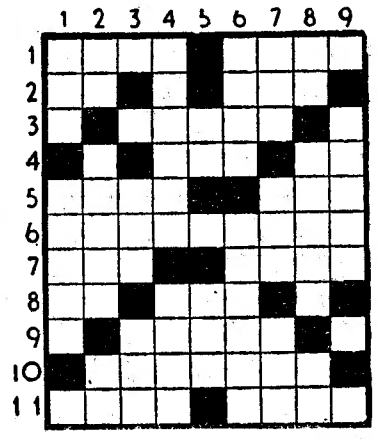
Solução do problema n.º 1658

HORIZONTAIS: 1 — Mona. Adro. 2 — Asa. Aos. 3 — Ornar. 4 — Cá. Ias. Pó. 5 — Ata. Vãs. 6 — Amo. Rir. 7 — Ave. Agi. 8 — Cá. Sal. Oc. 9 — Corar. 10 — Bar. Ali. 11 — Alia. Asas.

VERTICAIS: 1 — Marca. Acaba. 2 — Os. Atava. Al. 3 — Não. Ame. Cri. 4 — Ri. Ró. 5 — Anal. Caro. 6 — A's. Lá. 7 — Dar. Via. Rás. 8 — Ró. Pargo. Lá. 9 — Ossos. Içais.

CAMISAS BRANCAS
As melhores qualidades
Os melhores preços
TORRE EIFFEL
104—Rua do Carmo—106

PALAVRAS CRUZADAS
(COM PROVERBIO)
Problema n.º 649



HORIZONTAIS: 1 — Triturar. Era. 2 — Campeão. Fruto da videira. 3 — Amargo. 4 — Cólera. Nota musical. 5 — Junta. Gracejar. 6 — Peixe dos Açores. 7 — Cincho. Algumas. 8 — Rio da Guiné. 950 (romanos). 9 — Em pequena quantidade. 10 — Modificara. 11 — Ramo delgado de árvore. Fronteira.

VERTICAIS: 1 — Doença. Acarinha. 2 — Artigo definido. Corpo simples, gasoso e de cheiro sufocante e ácido. Falsa. 3 — Eiró. Parceiro. 4 — Redimiam. Nome de mulher. 5 — Céu. Muito. 6 — Rija. Arar. 7 — Pai do pai. Alcool de melaço. Agora. 8 — Basta. Moedas italianas. Nesse lugar. 9 — De altos preços.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o Provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 648

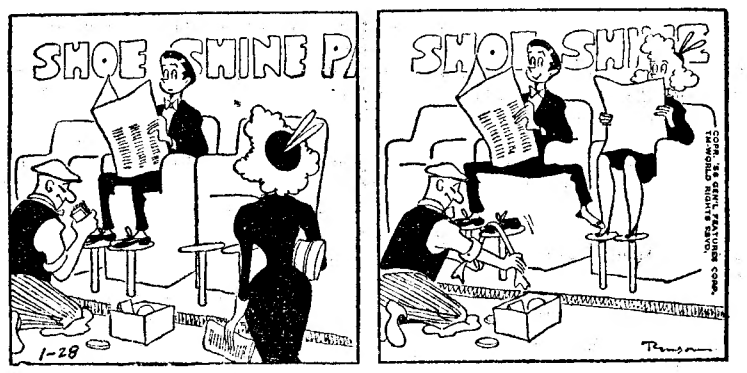
HORIZONTAIS: 1 — Coto. Cava. 2—Ara. Sam. 3—Vã. Oirai. 4—Socaras. 5 — Mãe. Com. 6 — Gratas. 7 — Mi. Me. Rn. 8 — Ada. Agag. 9 — A. Ana. Sá. 10 — VERDADE. 11 — Ou. Alarmo.

VERTICAIS: 1 — Cavam. Avô. 2 — Ora. Agia. Eu. 3 — Tá! Ser. Dar. 4 — Oó. Amanda. 5 — Sic. TE. Aal. 6—Caraça. Da. 7—Amaros. Er. 8 — Iam. Rás. 9 — Ar. ENGANO. (Provérbio: COM A VERDADE TE ENGANO).

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO C — Sousa—Estrada de Benfica, 429-431, Tel. 730027; Leal de Matos—Rua Neves Costa, 33-35, Carnide, Tel. 780181; Laranjeiras (Das)—Rua Filipe da Mata, 160-162, Tel. 761035; Central do Lumiar—Rua do Lumiar, 77, Tel. 779480; Brasil—Avenida Rio de Janeiro, 66-66-A, Tel. 722368; Sanex—Avenida da Igreja, 31-C, Tel. 776905; Onilda—Avenida João XXI, 13-A, Tel. 726848; Campo Pequeno (Do)—Avenida da Republica, 58-D-E, Tel. 771661; Imperial — Avenida Guerra Junqueiro, 30-B, Tel. 726860; Universal — Rua Actor Taborda, 5-7, Tel. 44153; Novais—Avenida Luís Bivar, 11-13, Tel. 44324; Ascenso—Rua 27, 41, Bairro da Encarnação, Tel. 399216; Olivais (Dos)—Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 399237; Conceição—Calçada D. Gastão, 30-32, Tel. 391279; Pereira, Suc.—Rua do Paraíso, 98-100, Tel. 845124; Silva—Calçada de Santo André, 16, Tel. 26474; Branquinho—Rua dos Sapadores, 87, Tel. 842725; Bastos—Rua Morais Soares, 91-D, Tel. 844350; Castro—Avenida Almirante Reis, 76-A-B, Tel. 44373; Peninsular—Campo dos Mártires da Pátria, 117-118, Tel. 53308; Vicente de Jesus—Largo do Rato, 3-C-D, Tel. 662347; Salutar—Rua B, 75-A-B, Bairro da Liberdade, Tel. 53694; Júdice de Oliveira, Rua de Campolide, 54-A, Tel. 44424; Pinheiro—Rua de Campo de Ourique, 131-133, Tel. 663640; Linaida—Rua Saraiva de Carvalho, 268, Tel. 660955; Ocidental—Rua D. Jerónimo Osório, JPM, 3, Tel. 610256; Gomes, Suc. (Gonçalves)—Rua da Junqueira, 326, Tel. 638193; Costa—Rua dos Lusíadas, 32, Tel. 636704; A. César—Rua Prior do Crato, 74, Tel. 660187; Guerreiro da Costa—Rua das Janelas Verdes, 90, Tel 662327; Mota Capitão—Rua de S. Félix, 45-A-B, Tel. 660720; Fénix—Rua da Cruz dos Poiais, 52, Tel. 21031; Sanitas—Praça Luís de Camões, 24, Tel. 22798; A Liberal—Avenida da Liberdade, 217-219, Tel. 43641; Ferrão—Rua da Mouraria 12, Tel. 28064; Portugal—Rua Augusta, 216-218, Tel. 22073—A.

ELE & ELA



Pequena distracção...

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL A'S 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE: No continente português o vento é moderado do quadrante Leste e o Céu está pouco nublado por influência de uma crista anticiclónica que se estende dos Açores á Europa Central.

PREVISÃO ATE' A'S 24 (T. M. G.) DE AMANHÃ: Céu geralmente limpo. Vento Nordeste moderado a bonançoso. Subida de temperatura.

HÁ TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» de 11 de Setembro de 1926 ouvia o sr. prof. dr. Barbosa de Magalhães, que, regressado da Conferência de Viena, dizia:

— No programa da Conferência de Viena foram incluídos os mais importantes e interessantes problemas de Direito Internacional, como sejam os relativos a águas territoriais, á criação de um tribunal criminal de justiça internacional, á protecção das minorias, ás regras de cambio, á arbitragem comercial, etc. Evidentemente, o problema das águas territoriais era o que mais nos interessava com o fim de ver se é possível que este importante assunto seja regulado por uma convenção internacional. A comissão portuguesa, com um excelente relatório do sr. almirante Almeida de Eça, escolheu-me a mim e ao sr. capitão-de-fragata Marcelino Carlos, para tratarmos do caso. E alguma coisa conseguimos — concluia o sr. prof. dr. Barbosa de Magalhães.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

MONUMENTAL—A's 21 e 30—«A menina feia».

CINEMAS

TIVOLI—«O príncipe dos actores».
SÃO LUIZ—«Nagana».
EDEN — «Esta é a vida».
SÃO JORGE—«Garras de mulher».
POLITEAMA—«O herói da Vendeia».
MONUMENTAL—«Aldeia em fuga».
CONDES—«Aventuras de Gil Blas».
ALVALADE—«Nagana».
IMPÉRIO—«Terça-feira Negra».
TRINDADE—«A estrela do circo».
CONDES—«O menino e a névoa».
ODEON—«Minha esposa e a outra».
CAPITOLIO—«A voz do sangue».
TERRASSE—«A casaca vermelha».
OLIMPIA—«Mortalmente perigosa».
PAVILHÃO—«Dinheiro em caixa».
IDEAL—«A sombra».
RESTELO—«O tirano de Roma».

O Etna em actividade

CATANIA (SICILIA), 11—Grandes colunas de fumo negro elevam-se da cratera vulcanica do Monte Etna, e em Catania pensa-se que esteja iminente uma erupção.

A ultima erupção do Etna registou-se no dia 6 de Abril — (R.).

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efect.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 T. 10	926$00	925$00	926$00
Cons. 3 % T. 10	969$00	968$00	969$00
Cons. 3 1/2 % T. 10	1.018$00	1.018$00	1.019$00
Centenários 4 % 1940	2.270$00	2.268$00	2.272$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1942	—	970$00	988$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1943	—	—	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1944	—	—	—
Externo 1.ª série	—	—	—
Ext.ª 1.ª série car.	—	1.235$00	1.240$00
Externo 2.ª série	—	—	—
Ext.ª 2.ª série car.	—	—	1.230$00
Externo 3.ª série	—	1.400$00	—
Ext.ª 3.ª série car.	—	1.390$00	1.400$00
Caut. 3.ª série s/juro	—	176$00	—
Obrigações			
Aguas Lisboa 5 %	—	—	—
Norte de Portugal 5%	—	108$00	109$00
Gás Elect. 3 3/4 %	972$00	970$00	973$00
Gás Elect. 4 %	—	988$00	—
Gás Elect. 4 1/2 %	—	1.010$00	—
Gás Elect. 5 %	—	1.050$00	—
U. E. P. 3 3/4 %	—	94$00	95$00
U. E. P. 4 % 1945	—	96$00	—
U. E. P. 4 % 1948	—	96$00	98$00
U. E. P. 4 1/2 %	—	—	—
U. E. P. 5 % 1951	—	103$50	—
U. E. P. 5 % 1952	—	103$50	—
Metropolitano	—	1.040$00	1.043$00
Acções			
Bancos			
Alentejo	—	460$00	500$00
Angola	—	920$00	1.000$00
Espírito Santo	—	—	—
Lisboa & Açores	—	3.650$00	3.750$00
Portugal	2.335$00	2.330$00	2.350$00
Ultramarino	2.185$00	2.182$00	2.185$00
Seguros			
Fidelidade	—	—	—
Mundial	700$00	696$00	703$00
Nacional	—	—	—
Sagres	—	—	—
Tagus	—	—	—
Soberana	—	2.000$00	—
C.ªs Ultramarinas			
Ag. Cassequel	—	2.081$00	2.090$00
Ag. das Neves	—	970$00	1.000$00
Agric. Colonial	—	830$00	855$00
Açucar de Angola	—	3.050$00	3.070$00
Boror	—	510$00	—
Cabinda	—	—	420$00
Cádá	—	4.650$00	4.750$00
Colonial do Buzi	332$00	331$50	332$50
Ilha do Príncipe	—	2.200$00	2.300$00
Incomati	—	4.455$00	4.480$00

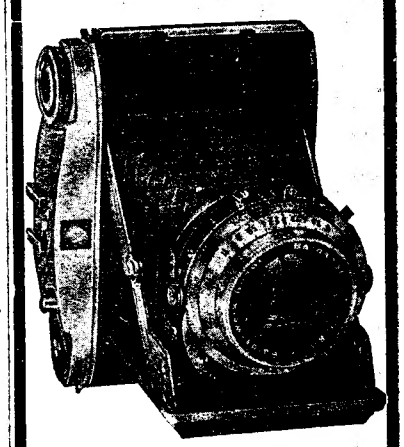
C.ªs Ultramarinas	Efect.	Compra	Venda
Moçambique	—	162$00	164$00
Zambézia	—	217$50	218$00
C.ªs Diversas			
Cimentos Tejo	—	515$00	—
Cimentos Leiria	—	481$00	—
Crédito Predial	56$20	56$10	56$30
Industrial Aliança	—	—	—
Portugal e Colónias	—	417$00	422$00
Nacional Navegação	—	—	1.945$00
Colonial Navegação	—	870$00	880$00
Port. de Celulose	2.920$00	2.920$00	2.940$00
Portuguesa de Pesca	—	1.700$00	1.750$00
Port. de Tabacos	—	490$00	495$00
Tabacos de Portugal	610$00	610$00	615$00
Aguas, Electricidade e Gás			
Aguas Lisboa 1934	—	—	—
Aguas Lisboa 1936	—	—	234$00
Electr. das Beiras	1.490$00	1.485$00	1.490$00
Gás e Electricidade	342$50	342$00	342$50
H. Alto Alentejo	153$00	152$50	153$50
H. E. Cávado	1.550$00	1.550$00	1.552$00
H. E. Zêzere	1.500$00	1.495$00	1.502$00
Nac. de Electricidade	—	—	—
União Elect. Port.	—	230$00	231$00

Cotações de notas e moedas estrangeiras

PAISES	Compra	Venda
Africa do Sul	76$50	77$50
Alemanha	6$80	6$95
América:		
Dólares de 1 a 2	28$50	28$80
Dólares de 5 a 1000	28$80	29$10
Argentina	$88,5	$93,5
Bélgica	$57,8	$58,8
Brasil	$39,5	$41,5
Congo Belga	$56,8	$57,8
Dinamarca	4$00	4$25
Espanha	$63,2	$64,2
França	$06,95	$07,15
Holanda	7$40	7$60
Inglaterra	74$50	76$00
Itália	$04,55	$04,75
Marrocos	$06,25	$06,65
Noruega	3$80	4$05
Suécia	5$40	5$60
Suiça	6$75	6$85
Uruguay	6$30	7$00
Ouro:		
Inglaterra (Libra)	288$00	298$00
Portugal — Barra	33$40	33$90
Portugal — Barra Fino	33$80	34$30

J. BURNAY, LDA. Papeis de crédito Notas estrangeiras
RUA DO OURO, 72 TELEF. 21273

Visite o seu fornecedor habitual e exija que lhe mostre a
Baldi 29
uma maravilhosa produção
Balda
a grande marca alemã de máquinas fotográficas de alta classe que está revolucionando o mercado português



PREÇO ESC. 690$00
Formato 6×6 cms. Objectiva de alta classe e de grandíssima luminosidade «Baldanar» 2.9, permitindo fotografar com luz fraquíssima. Obturador «Pronto» com disparador automático e sincronização. Visor muito claro e nítido. Disparador na carcassa. Pode trazê-la no bolso. Uma máquina de categoria vendida a um preço verdadeiramente sensacional
*
Representante: M. Simões Jr.
Rua da Conceição, 46-1.º
Telefs. 30306/30307 — LISBOA

A crise do Suez após o malogro das negociações no Cairo

Apesar da tendência à moderação

e das precauções tomadas pelo Egipto

receia-se em Londres que possa surgir

um motivo que desencadeie o conflito armado

LONDRES, 11. — Prosseguiram, esta manhã, no n.º 10 de Downing Street, entre sir Anthony Eden e Guy Mollet, primeiros-ministros britanico e francês, com os seus ministros dos Negócios Estrangeiros, as conversações sobre a crise do Suez, as quais se prolongaram, ontem, até hora adiantada da noite e nas quais tomou parte Menzies.

Os circulos diplomáticos pensam que as conclusões preliminares destas conversações resultantes da rejeição pelo Egipto do plano de dezoito nações de administração internacional do Canal, foram transmitidas aos Estados Unidos, durante a noite.

Loy Henderson, subsecretário de Estado e representante dos Estados Unidos na comissão dos «Cinco», partiu para Washington, de avião, onde vai apresentar um relatório ao seu Governo.

O representante sueco na mesma comissão, Oesten Unden, deve também, regressar hoje ao seu país.

É provável que sir Anthony Eden faça hoje relatório das conversações anglo-francesas ao seu Governo, o qual discutirá, ainda, o debate parlamentar que abre amanhã.

Os dirigentes parlamentares do Partido Trabalhista, que constituem «o Gabinete sombra», conferenciarão hoje, para estabelecer a tática a adoptar durante o debate. Ultimamente, os chefes trabalhistas têm estado a aconselhar que não se empregue a força contra o Egipto, a não ser que isso se faça ao abrigo da Carta das Nações Unidas.

Rejeitando a recente proposta egipcia de um «organismo negociador», para discutir a questão do Canal, o Foreign Office britanico declarou, a noite passada, que essa proposta «não parece sugerir uma base de negociações».

As conversações ministeriais franco-britanicas visam a decidir sobre as respostas a três questão fundamentais:

1.º — Deve a questão do canal de Suez ser, agora, levada ás Nações Unidas?

2.º — Quais as condições em que o potencial militar anglo-francês, presentemente reunido no Mediterraneo, deve ser empregado para defender «interesses vitais»?

3.º — Devem os dois Governos aconselhar, novamente, os pilotos britanicos e franceses do Canal a manter-se nos seus postos, embora se diga que eles desejam partir? Se esses pilotos, que totalizam mais de metade dos 200 empregados no Canal, abandonarem as suas funções, o tráfego será rápidamente desorganizado.

Coordenação dos planos estratégicos franco-britanicos

Sabe-se que a Grã-Bretanha e a França resolveram modificar a sua estratégia e apresentar, o mais rápidamente possível, um memorando sobre a crise ao Conselho de Segurança, mesmo com o risco de a Russia fazer uso do seu direito de veto. Nos circulos britanicos frisa-se, no entanto, que Eden e Mollet, embora desejosos de conseguir a solução pacifica do problema através da O. N. U., não desistem de prosseguir nos preparativos militares, visto que a situação se poderá agravar, a ponto de exigir uma intervenção armada.

Observadores autorizados londrinos dizem haver poucas duvidas de que um novo «sábado negro» no Egipto teria como consequência imediata a invasão, dentro de horas, do território egipcio pelas tropas britanicas e francesas. O «sábado negro» foi o dia trágico, quando, em 1952, a populaça, enfurecida contra os Ingleses, incendiou, no Cairo, hoteis e clubes estrangeiros e cometeu atrocidades contra numerosos subditos britanicos.

Na opinião dos circulos de Londres, apesar das meticulosas precauções tomadas pelas autoridades egípcias para manter um ambiente tranquilo, desde que, há 47 dias foi iniciada a crise do Suez, a «explosão» pode-se verificar de um momento para outro, sendo mesmo possível que o próximo julgamento dos quatro subditos ingleses acusados de espionagem seja a «faísca» necessária para uma trágica deflagração.

Ontem á noite, chegou a Londres o almirante Pierre Barjot, comandante da esquadra francesa do Mediterraneo, a fim de assistir a reuniões urgentes no Ministério da Guerra, destinadas á coordenação de planos estratégicos.

Especial atenção é dada, também, a uma importante reunião que se realiza, hoje, em Paris. O conselho administrativo da Companhia do Canal de Suez resolveu reunir-se, imediatamente, para tratar da questão dos pilotos europeus. Se for decidido dar ordem para que todo o pessoal não egípcio abandone, imediatamente, a zona do Suez, a paralização do tráfego do Canal será quase completa, o que faz com que nos circulos de Londres se afirme que, neste momento, a sorte do Suez está nas mãos dos dirigentes da antiga companhia. — (R. e A. N. I.).

Os Estados Unidos consideram

que a situação é grave

e procuram uma solução pacifica

WASHINGTON, 11 — Enquanto se reunem, em Londres, os estadistas franceses e britanicos, decorrem na capital americana importantes conversações diplomáticas. Uma discreção total é mantida quanto á natureza destas conferências. Procedeu-se, evidentemente, a uma troca de pontos de vista sobre o conjunto da nova situação criada pela atitude negativa do Governo do Cairo e examinaram-se as fórmulas que podiam ser propostas.

Loy Henderson apresentará, hoje, o seu relatório ao secretário de Estado, John Foster Dulles. Os observadores afirmam que esse relatório terá importante papel nos esforços de Dulles, procurando uma solução.

A declaração feita, ontem, por Dulles segundo a qual os direitos das potências signatárias da Convenção do Suez de 1888 devem ser respeitados, de acordo com a «Carta das Nações Unidas», foi tomada como uma expressão de apoio á Grã-Bretanha e á França, mas é incerto que os Estados Unidos estejam prontos para propor uma nova série de negociações, dentro ou fora das Nações Unidas.

O secretário-geral da O. N. U., Dag Hammarskjoeld, está a estudar as propostas do presidente Nasser para a criação de novo organismo negociador com o fim de solucionar a crise. As propostas foram-lhe apresentadas ontem, numa nota formal, que propunha «um novo começo» no exame do problema e pedia a todas as nações do Mundo, á excepção de Israel, para criarem um organismo representativo, a fim de negociar com o Egipto.

Atitude moderada e compreensiva da posição franco-britanica

Pensa-se, no entanto, que é em Londres, entre Ingleses e Franceses, que serão tomadas decisões e que convém esperar pelo final das conversações, antes de fazer qualquer comentário. Certos elementos dizem, porém, que a principal preocupação dos dirigentes americanos é manter, a todo o custo, a solidariedade ocidental. A crise do Suez cuja gravidade não é reconhecida da mesma forma pela Imprensa e por certos meios informados de Washington, é, contudo, julgada suficientemente grave, tanto pelo presidente como pelo secretário de Estado, para pôr em jogo, não só os interesses franco-britanicos e os da Europa ocidental, no Médio Oriente, como, também, os dos Estados Unidos. Há a impressão da existência de duas teses: uma, moderada, procurando a todo o transe a conciliação; a outra, mais firme e compreendendo bem a posição franco-britanica.

Parece que tanto o presidente como o secretário de Estado estão inteiramente conscientes da necessidade de manterem uma atitude firme. Para eles trata-se, sobretudo, de esgotar todas as soluções pacíficas possíveis e é em busca destas que ambos consagram todos os seus esforços.

Em face da declaração de Dulles feita ontem, a posição parece mais clara: o Governo americano, sem deixar de ter em conta certas considerações pessoais sobre os seus próprios interesses no Médio Oriente e sobre o período eleitoral, deseja permanecer solidário com a França e a Inglaterra. Desde o começo da crise do Suez que se afirmou em Washington que os Estados Unidos não eram favoráveis a uma intervenção das Nações Unidas. Esta atitude não parece, porém, significar que se faria aqui oposição a qualquer diligência nesse sentido, se ela viesse a ser decidida. Receia-se, no entanto, como o afirmou o presidente Eisenhower, numa conferência com a Imprensa, que a intervenção da O. N. U. faça arrastar um debate sem lhe trazer a solução rápida que a situação impõe. — (R. e F. P.).

Declarações de Nasser

CAIRO, 11. — O presidente Nasser encontra-se, hoje, perante a sua mais dificil situação desde que o Suez foi nacionalizado, visto haver possibilidade de os pilotos europeus do Canal resolverem pedir, em massa, a sua demissão.

Segundo afirmam, foi a iminência dessa grave ameaça que levou Nasser a tentar, ontem, arrancar a «iniciativa» á Grã-Bretanha e á França, propondo a convocação de uma nova conferência, destinada a solucionar os problemas do Suez.

É em face da grave ameaça dos pilotos que, segundo declaram os circulos do Cairo, o Governo se mostra ansioso por conhecer os resultados das conferências anglo-francesas em Londres e da reunião convocada para esta manhã, em Paris, do conselho de administração da Companhia do canal de Suez.

Numa entrevista concedida ao jornal grego «Kathmerini» hoje publicada no Cairo, Nasser afirma que um ataque ao Egipto «afectaria todo o Mundo, desde o Atlantico ao Indico». Acrescenta: «Os países árabes virão todos, automáticamente, para o nosso lado».

Declara que a velha Companhia do Canal de Suez era «o ultimo vestígio da ocupação colonial» e que o Egipto nunca concordaria em que o Canal fosse submetido a uma «ocupação colectiva internacional».

Em resposta a uma pergunta sobre os preparativos militares anglo-franceses no Mediterraneo, Nasser afirma: «Estou a preparar-me para as piores eventualidades. Estou convencido de que o objectivo desses movimentos é duplo: por um lado, tem a finalidade de provar a importancia estratégica de Chipre como base militar do Ocidente; por outro, indicam uma concentração militar em preparação da conquista do canal de Suez».

Respondendo a uma pergunta, Nasser declara: «O Governo, o povo egípcio, e eu, pessoalmente, sempre apoiamos a Grécia na questão de Chipre. Continuaremos a apoia-la até conseguir a vitória».

Acrescentou que na sua opinião a maior parte dos países árabes — «talvez todos» — apoiava a Grécia para se levantar uma vez mais a questão de Chipre nas Nações Unidas. — (A. N. I. e R.).

As conversações em Londres

LONDRES, 11. — As conversações franco-britanicas recomeçaram ás 10 e 30.

Christian Pineau, acompanhado por Louis Joxe e Chauvel, foi o primeiro a chegar, ao n.º 10 da Downing Street, seguido, pouco depois, por Guy Mollet. Selwyn Lloyd, que conferenciou, antes, com o ministro dos Negócios Estrangeiros da Suécia, apareceu então, com sir Gladwyn Jebb.

Fontes diplomáticas informaram que ainda não tinha sido resolvido sobre se a questão do Suez será apresentada ás Nações Unidas.

Anuncia-se, no Foreign Office, que o ministro dos Negócios Estrangeiros, Selwyn Lloyd, conferenciará, esta tarde, com Menzies, no hotel onde o chefe da comissão dos «Cinco» está hospedado.

O encontro franco britanico desta manhã é anunciado como sendo o ultimo. Guy Mollet convocou os jornalistas para as 12 e 30 e os ministros franceses devem regressar a Paris, logo depois. Mas, naturalmente, não ficaremos muito mais elucidados, uma vez que é necessária uma consulta a Washington, antes de tudo ser finalmente decidido e revelado. — (F. P. e R.).

O Governo britanico porá a questão de confiança, após o debate parlamentar?

LONDRES, 11 — E' opinião geral que a sessão parlamentar não se prolongará para além de sexta-feira, devendo o debate sobre o Suez ocupar o dia de amanhã e o seguinte, e o de Chipre, o dia 14.

O Governo terá de decidir se deve pôr a questão de confiança e, neste caso, o Partido Trabalhista poderia votar contra ou apresentar uma emenda. O directório dos parlamentares trabalhistas pensa que o conflito de Suez deve ser levado ás Nações Unidas e que, embora a acção do coronel Nasser seja condenável, este nada fez, até agora, que justifique um recurso á força.

Gaitskell, chefe da oposição, e Alfred Robens, orador principal do trabalhismo em matéria de política estrangeira, exporão este ponto de vista.

Sir Anthony Eden abrirá, certamente, o debate por uma análise completa dos acontecimentos e um resumo dos desenvolvimentos previstos. E' possível que explique as razões por que a proposta do coronel Nasser, de convocar um organismo de negociação internacional, não é aceitável. — (F. P.).

ESCOLA LUSITÂNIA FEMININA
EXTERNATO
RUA DE D. ESTEFÂNIA, 126 (à Av. Duque de Ávila)
TELEFONE 44730
ENSINO PRIMÁRIO
CURSO DOS LICEUS
CURSO DE INSTRUÇÃO PRÁTICA
PREPARAÇÃO PARA CORRESPONDENTES ESTENO-DACTILOGRAFAS EM PORTUGUÊS, FRANCÊS E INGLÊS

Violentas trovoadas

de efeitos devastadores

sobre a França

PARIS, 11 — Violentas trovoadas causaram grandes prejuizos em França.

No Cher, uma faísca matou oito cabeças de gado. No Saône-et-Loire, o granizo danificou muitas vinhas e, no Doubs, foi tão abundante que ruiram telhados e ficaram colheitas completamente destruidas. Nas Landes, as culturas também sofreram grandes prejuizos. Na região de Mont de Marsan, as perdas variam entre dez e vinte por cento no milho, e entre vinte e cinco a ciquenta por cento, nas vinhas.

Junto das estradas, muitas árvores ficaram arrancadas e as linhas eléctricas e telefónicas derrubadas em diversos pontos.—(F. P.).

Vaga de calor na Tunísia

TUNES, 11 — Há 48 horas que a Tunísia está sob uma vaga de calor excepcional.

Ontem, o termómetro subiu a 40º á sombra nesta cidade, e a 49º, em Suk el Arba, na grande planície cerealífera do Norte da Tunísia.—(F. P.).

Expressiva vitória

dos democráticos

no Estado do Maine

PORTLAND (Maine), 11—O Estado de Maine, em tempos considerado como um reduto republicano, reelegeu o seu governador democrático, Edmund Muskie, para um segundo mandato.

A votação no Estado de Maine para a eleição do governador e de três membros da Camara de Representantes Federal—dois meses antes das eleições presidenciais—é, de modo geral, considerada como um barómetro dos sentimentos políticos nos Estados Unidos.

Os republicanos mantiveram a posse dos três lugares do Congresso, durante mais de 20 anos, mas, ontem, foram, finalmente, eleitos dois democráticos e um republicano. E' a primeira vez, desde 1930, que um congressista democrático é eleito naquele Estado.

O veterano congressista republicano Rober Hale foi destronado por James Oliver, enquanto que o democrático Frank Coffin derrotou James Rein.—(R.).

Perdeu-se um avião

com dezasseis pessoas que ia no rasto do tufão «E»

TOQUIO, 11. — Resultaram infrutiferas até agora as buscas efectuadas no Pacífico por catorze aviões norte-americanos e dez barcos japoneses, numa área de setenta mil milhas quadradas, entre o Norte do Japão e a Sibéria, para encontrar quaisquer vestígios do avião americano de reconhecimento «B-50», que desapareceu com dezasseis homens a bordo, quando ia na pista do tufão «Ema».

Na sua ultima mensagem, o avião desaparecido comunicara, ontem ao anoitecer, que estava a 320 quilómetros de Niigata sobre o Mar do Japão e que seguia sem novidade.

O tufão atingiu a Coreia, onde causou 15 mortes, 11 desaparecidos e mais de uma centenas de feridos, afundou 192 embarcações e causou grandes estragos. — (A. N. I.).

Um tigre morto

por duas fêmeas enfurecidas

CINCINNATI, 11 — Um tigre macho, adulto, foi morto por duas fêmeas, numa luta feroz, no Jardim Zoológico.

O alarme foi dado por um visitante que entrou a correr pela secretaria do Zoo, gritando: «Dois tigres estão a tentar afogar-se um ao outro». Quando os funcionários chegaram ao local, encontraram «Rajá», o tigre a boiar na água de um fosso que rodeia o recinto e as fêmeas, «India» e «Sonia», rosnando na berma do fosso. — (R.).

Ensopado de enguias

Outro prato regional do RIBATEJANO — Salvaterra de Magos.